

**Revista Brasileira de Sexualidade Humana – vol 22, n.2, 2011**

Volume 22 – Número 2  
Junho a dezembro de 2011

XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE SEXUALIDADE HUMANA  
2 a 5 de outubro de 2011 – Londrina, PR

Volume 22 – Número 2 - Junho a dezembro de 2011  
SBRASH – Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana  
Edição: SBRASH – Rio de Janeiro - RJ



#### **Diretoria da SBRASH para o Biênio 2010/2011**

**Presidente** - Maria Luiza Macedo de Araújo (RJ)  
**Vice presidente** – Jaqueline Brendler (RG)  
**Secretario geral** – Amaury Mendes Junior (RJ)  
**Diretora-Tesoureira** – Andréa Soutto Mayor (RJ)  
**Diretora de Publicações** - Ana Cristina Canosa (SP)  
**Diretor de Relacionamento com os Sócios** - Paulo Roberto Canella (RJ)  
**Diretoria de Titulação** – Jorge José Serapião (RJ)

#### **Conselho Deliberativo – Biênio 2010/2011**

Raquel Varaschini (PR)  
 Tereza Cristina Fagundes (BA)  
 Iracema Teixeira (RJ)  
 Marcio Ruiz Schiavo (RJ)  
 Ricardo Cavalcanti (BA)  
 Pedro Jurberg (RJ)  
 Marise Jurberg(RJ)

#### **Conselho de Ética – Biênio 2010/2011**

Flavio Roberto de Carvalho Santos (RJ)  
 Sheila Reis (RJ)

#### **REVISTA BRASILEIRA DE SEXUALIDADE HUMANA**

Órgão Oficial de Divulgação Científica da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (SBRASH)

**EDITORA GERAL:** Ana Cristina Canosa Gonçalves (SP)

**EDITOR ASSISTENTE:** Paulo Roberto Bastos Canella (RJ); Hugues Costa de França Ribeiro (SP)

**INDEX ISSN 2236-0530** Periódico indexado em: Edubase (Faculdade de Educação/UNICAMP – São Paulo/Brasil)

#### **Conselho Editorial da Revista Brasileira de Sexualidade Humana**

Tereza Cristina Fagundes (BA) – UFBA  
 Maria Alves de Toledo Bruns (SP) – USP  
 Maria do Carmo de Andrade e Silva (RJ) - UFRJ  
 Sonia Mello (SC) – UDESC  
 Pedro Junberg (RJ) – UGF  
 Mary Neide D. Figueiredo (PR) – UEL  
 Elucir Gir (SP) – USPRP  
 Marcelo A. Toniette (SP) – USP  
 João Benévolo (RN) – UFRN

#### **REDAÇÃO E ENVIO DE ORIGINAIS**

A/C Editora Geral: Ana Cristina Canosa Gonçalves Rua Comendador João Gabriel, 67 04052-080 Mirandópolis - São Paulo, SP.

#### **PROJETO GRÁFICO E CAPA**

Comunicarte - Agencia de Responsabilidade Social  
 Av das Américas 1155/1506 – CEP 22631 020 Rio de Janeiro RJ - telfax 21 2494 2886

#### **PRODUÇÃO EDITORIAL**

Edição SBRASH – [www.sbras.org.br](http://www.sbras.org.br) -Rio de Janeiro RJ

#### **EDIÇÃO ELETRONICA**

Tuttare Filmes - Pr. Pio XI 116/204 cep 22461 080 - Rio de Janeiro RJ - Tel. 21 22866906

## SUMÁRIO - Vol 22. 2 – ano 2011

<b>NORMAS PARA PUBLICAÇÃO</b> .....	6
<b>XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE SEXUALIDADE HUMANA. 2 a 5 de outubro de 2011. Londrina, PR.</b>	
<b>EDITORIAL</b> .....	15
<b>CONFERÊNCIA: A INTANGIBILIDADE DO AMOR</b> .....	17
CONFERENCE: THE INTANGIBILITY OF LOVE Maria Luiza Macedo de Araujo	
<b>MINICURSO 06: UNIÕES E DESUNIÕES CONJUGAIS SHORT TERM COURSE: MARITAL COUPLING AND BREAK-UP</b>	
<b>BRINQUEDOS SEXUAIS: AJUDAM OU ATRAPALHAM?</b> .....	25
SEX TOYS: HELP OR HINDER? Jorge José Serapião	
<b>CONFERÊNCIA: INFLUÊNCIA DAS DISFUNÇÕES SEXUAIS NA DINÂMICA DO CASAL</b> .....	39
CONFERENCE: INFLUENCES OF SEXUAL DYSFUNCTIONS IN THE COUPLE'S DYNAMICS Maria do Carmo de Andrade-Silva	
<b>TEMA: ENTRE MITOS E VERDADES: HÁ PRAZER E SEXO NA 2ª IDADE?</b> SUBJECT: WITHIN MYTHS AND TRUTHS: ARE THERE PLEASURE AND SEX AT MIDDLE AGE?	
<b>SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO</b> .....	51
HUMAN SEXUALITY: NECESSARY OR DETRIMENTAL REDUNDANCY? Arnaldo Risan	
<b>RELAÇÕES HOMOAFETIVAS ENTRE GAYS: PRAZER E SEXO A PARTIR DA SEGUNDA IDADE (35 a 59 anos)</b> .....	62
AFFECTIVE AND SEXUAL RELATIONS BETWEEN GAYS: PLEASURE AND SEX APART FROM SECOND AGE (35 to 59 years) Hugues Costa de França Ribeiro	
<b>TEMA: O ATO DE ENVELHECER HOJE E A SEXUALIDADE</b> SUBJECT: GROWING OLDER TODAY AND SEXUALITY	

A LIBERDADE SEXUAL NO ENVELHECIMENTO: RISCO E REJUVENESCIMENTO.....80  
SEXUAL FREEDOM IN AGING: RISK AND REJUVENATION

Glaury A. Coelho

**CONFERÊNCIA: SEXUALIDADE E DEFICIÊNCIA FÍSICA: REABILITAÇÃO E TERAPIA SEXUAL DE LESADOS MEDULARES .....91**

CONFERENCE: SEXUALITY AND DISABILITY: SEX THERAPY AND REHABILITATION OF PEOPLE WITH SPINAL CORD

Ana Cláudia Bortolozzi Maia

**TEMA: AS MULHERES E AS DISFUNÇÕES SEXUAIS**

SUBJECT: WOMEN AND SEXUAL DYSFUNCTIONS

É POSSÍVEL MEDICAR? QUAIS DISFUNÇÕES?.....102

YOU CAN MEDICATE? WHICH DYSFUNCTIONS?

Jorge José Serapião

**TEMA: FORMAÇÃO DE EDUCADORES SEXUAIS: A EXPERIÊNCIA DESENVOLVIDA NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, NA CRIAÇÃO DE “REDE DE FORMADORES”**

SUBJECT: FORMATION OF SEXUAL EDUCATORS: THE EXPERIENCE DEVELOPED IN UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, FOR THE CREATION OF "TRAINERS EDUCATION"

“QUANDO AS SEXUALIDADES E OS GÊNEROS SE ENCONTRAM NO ÂMBITO EDUCACIONAL”: RELATO DE INTERVENÇÃO COM PROFESSORES DE ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE LONDRINA-PR .....115

“WHEN SEXUALITIES AND GENDERS ARE IN EDUCATIONAL CONTEXT”: REPORT OF INTERVENTION WITH TEACHERS OF PUBLIC SCHOOLS IN LONDRINA-PR

Márcio Alessandro Neman do Nascimento

**CONFERÊNCIA: SEXUALIDADE, GÊNERO E TEORIA QUEER .....125**  
CONFERENCE: SEXUALITY, GENDER AND QUEER THEORY

Hugues Costa de França Ribeiro

**TEMAS LIVRES: EDUCAÇÃO SEXUAL**

ORAL PRESENTATION: SEXUAL EDUCATION

EDUCAÇÃO SEXUAL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA  
SEX EDUCATION AND TRAINING OF TEACHERS OF SCIENCE AND BIOLOGY.....146

Yalin Brizola Yared

Geraldo Augusto Locks

EFEITOS DE UM PROGRAMA SOBRE SEXUALIDADE NO CONHECIMENTO E  
COMPORTAMENTO SEXUAL DE JOVENS COM IDADE ENTRE 15 E 20 ANOS .....158  
EFFECTS OF SEXUALITY PROGRAM ON KNOWLEDGE AND SEXUAL BEHAVIOR  
AMONG ADOLESCENTS

Ana Luiza Dias Batista de Souza

Anita Pereira do Amaral

Teresa Helena Schoen-Ferreira

**FICHA PARA ATUALIZAÇÃO DE DADOS E ANUIDADE .....171**

## NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

A Revista Brasileira de Sexualidade Humana (R.B.S.H.), órgão oficial de divulgação da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana, é uma publicação semestral a ser distribuída aos associados da SBRASH, é vendida por assinatura ou em números avulsos. RBSH visa a divulgação de trabalhos cujo objeto de estudo seja qualquer das facetas da sexualidade humana. Os textos a serem publicados devem ser trabalhos originais e seguir as Normas da Revista, baseadas nas Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT): Informação e documentação - Citações em documentos - Apresentação (NBR 10520, 2002 - *em vigor*); Informação e documentação Referências – Elaboração (NBR 6023, 2002, *em vigor*); Informação e Documentação - Resumo - Apresentação (NBR 6028 - 2003 *em vigor*) - Informação e Documentação - Artigo em publicação periódica científica - impressa (NBR 6022 -2003 em vigor) .

Os artigos serão submetidos ao conselho editorial da revista e aprovados para publicação

### Para submeter um artigo:

**1-** Os originais deverão ser encaminhados em três vias digitadas, em espaçamento 1,5, fonte Times New Roman 12, configuradas no programa Microsoft Office Word 2007, não excedendo vinte páginas (entre 21 mil a 28 mil caracteres), acompanhados de uma cópia em CD, dentro das seguintes seções:

- a) Artigos opinativos ou de atualização.
- b) Trabalhos de Pesquisa.
- c) Estudos de caso. Devem conter referências de um caso
- d) Resenha de Livros
- e) Resenha de Teses e Dissertações
- f) Entrevista
- g) Tópicos

**2-** Todos os textos devem ser acompanhados de uma carta de encaminhamento, assinada por um dos autores, atestando que o artigo não fere as normas éticas da profissão e abrindo mão dos direitos autorais em favor da Revista. As opiniões expressas pelo autor são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem, obrigatoriamente, a opinião dos editores.

**3-** Os autores serão comunicados imediatamente sobre o recebimento do original pelo Conselho Editorial.

**4-** A apresentação das Resenhas de Livros e Resenhas de Teses e Dissertações devem ter texto com dimensão variável entre três e cinco páginas (4.200 a 7.000

caracteres), contendo o registro e a crítica das obras, livros e teses, publicadas recentemente.

5- Tópicos é seção reservada a manifestações do corpo editorial da revista.

6- A apresentação dos textos nas categorias: Artigos Opinativos, Trabalhos de Pesquisa e Estudos de Caso, devem seguir a seguinte ordem:

#### Folha de Rosto Identificada:

- 1-Título em português e em inglês (máximo de quinze palavras);
- 2-Título abreviado para cabeçalho (máximo de cinco palavras);
- 3-Nome de cada um do(s) autor(es), acompanhado de breve currículo que o(s) qualifique na área de conhecimento do artigo. O currículo, bem como os endereços eletrônicos, devem aparecer em rodapé **indicado por asterisco** (o grifo é nosso) na página de abertura, ou, opcionalmente, no final dos elementos pós-textuais, onde também devem ser colocados os agradecimentos do(s) autor(es) e a data de entrega dos originais à redação do periódico;
- 4-Endereço completo para correspondência com o Corpo Editorial, telefone, fax e-mail do autor principal..

#### Folha de Rosto sem Identificação:

- 1-Título em português e em inglês;
- 2-Título abreviado para cabeçalho.

#### Resumos:

- 1-Resumo, em português, com até 250 palavras;
- 2-Palavras-chave, em português (de 3 a 5), separadas entre si por ponto.
- 3-Abstract em inglês (tradução do resumo);
- 4-Keywords (tradução das palavras-chave).

#### Texto:

Esta parte deve começar em nova página, numerada como página três (3) ou quatro (4) com título centrado no topo da mesma. Cada página subsequente deve ser numerada. Não inicie uma nova página a cada subtítulo. Separe-os usando uma linha em branco. Quando o artigo for um relato de pesquisa, o texto deverá apresentar, além das páginas de Rosto e Resumos, Introdução, Metodologia, Resultados, Discussão, Conclusões e Referências bibliográficas. Se necessário outros subtítulos podem ser acrescentados. Em alguns pode ser conveniente apresentar resultados e discussão juntos, embora essa estratégia não seja recomendável como regra geral. Utilize o mínimo de notas. Quando realmente indispensáveis, devem ser indicadas por algarismos arábicos no texto e listadas, após as referências, em página separada, intitulada "Notas". Informe, no texto, a inserção de figuras e tabelas, que deverão ser apresentadas em anexo. Observe as normas de citação: Sistema autor-data, sendo a indicação da fonte feita pelo

sobrenome do autor ou pelo nome de cada entidade responsável, seguido da data de publicação, do documento e da(s) página(s) da citação. A citação literal de um texto precisa estar entre aspas e exige a referência ao número da página do trabalho de onde foi copiada. As citações diretas, no texto, com mais de três linhas, devem ser destacadas com recuo 4 cm da margem esquerda, com letra menor que a do texto utilizado e sem aspas. Todos os nomes de autores cujos trabalhos forem citados devem ser seguidos da data de publicação na primeira vez em que forem citados em cada parágrafo. Todas as citações secundárias devem informar as referências originais. Evite utilizar citações secundárias, especialmente quando o original pode ser recuperado com facilidade. Citações de obras antigas e reeditadas devem trazer a data de publicação original/ data de publicação consultada. O sobrenome dos dois autores de um mesmo artigo devem ser citados sempre que o artigo for referido; já artigos escritos por três a cinco autores, os mesmos devem ser citados na primeira referência; da segunda referência em diante utilize sobrenome do primeiro autor seguido de et al. e da data, se for a primeira citação no parágrafo. Cite apenas o sobrenome do primeiro autor, seguido de et al. e data para os artigos escritos por seis ou mais autores: Porém, na seção de Referências, todos os nomes dos autores deverão ser relacionados. As referências abreviadas Id. (Idem - mesmo autor); Ibid. (Ibidem – na mesma obra); op.cit (Opus citatum – obra citada), dentre outras, só podem ser usadas na mesma página ou folha da citação a que se referem, seguidas da data e página referente ao autor ou obra citada, entre parênteses: (Ibid., 1999, p. 6).

#### Alguns exemplos de citação no texto:

- Citações diretas, de até três linhas, devem estar contidas entre aspas duplas. As aspas simples são utilizadas para indicar citação no interior da citação.

Segundo Sá (1995, p. 27): “[...] por meio da mesma ‘arte de conversação’ que abrange tão extensa e significativa parte de nossa existência cotidiana [...]”.

A chamada “pandectística havia sido a forma particular pela qual o direito romano fora integrado no século XIX na Alemanha em particular.” (LOPES, 2000, p. 225)

Diversos autores salientam a importância do “acontecimento desencadeador” no início de um processo de aprendizagem (CROSS, 1984; KNOX, 1986; MEZIRROW, 1991).

Bobbio (1995, p.30) com muita propriedade nos lembra, ao comentar essa situação, que os “juristas medievais [...] de Sacro Império Romano.”

Merriam e Caffarella (1991) observam que a localização de recursos tem um papel crucial no processo de aprendizagem autodirigida.

De fato, semelhante equacionamento do problema conteria o risco de se considerar a literatura [...], para a teologia (JOSSUA; METZ, 1976, p.3).



Para Freud (1915-1974), mesmo que a relação mãe-bebê se expresse [...] dos primeiros contatos corporais, e eternamente insatisfeito.

Segundo Silva (1983 apud ABREU, 1999, p.3) diz ser [...].

“[...] o viés organicista da burocracia estatal e o antiliberalismo da cultura política de 1937, preservado de modo encapuçado na Carta de 1946.” (VIANNA, 1986, p. 172 apud SEGATTO, 1995, p. 214-215).

“[...] para que não tenha lugar a produção de degenerados, quer phisicos quer Moraes, misérias, verdadeiras ameaças á sociedade (SOUTO, 1916, p. 46, grifo nosso).

“[...] desejo de criar uma literatura **independente**, diversa, de vez que, aparecendo o classicismo como manifestação de passado colonial [...]” (CANDIDO, 1993, v.2, p. 12, **grifo do autor**).

“Ao fazê-lo pode estar envolto em culpa, perversão, ódio de si mesmo [...] pode julgar-se pecador e identificar-se com seu pecado (RAHNER, 1962, v. 4, p. 463, tradução nossa)

- Em citações devem ser indicadas as supressões, interpolações, ênfases ou destaques. Do seguinte modo:

[...] - supressões

[ ] - interpolações, acréscimos ou comentários

Grifo, **negrito** ou *itálico* – ênfase ou destaque

- Citação de informações verbais (palestras, debates, comunicações etc.) Quando se tratar de dados obtidos em informação verbal (palestras, debates, comunicações etc.) indicar, entre parênteses, a expressão informação verbal, mencionando-se os dados disponíveis, em nota de rodapé.

Exemplo: No texto O novo medicamento estará disponível até o final do semestre (informação verbal)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Notícia fornecida por John A. Smith no Congresso Internacional de Engenharia Genética, em Londres, em outubro de 2001

- Citação de trabalhos em fase de elaboração:

Indicar os dados disponíveis em nota de rodapé:

No texto: Os poetas selecionados contribuíram para a consolidação da poesia no Rio Grande do Sul. Séculos XIX e XX (em fase de elaboração)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Poetas rio-grandenses, de autoria de Elvo Clemente, a ser editado pela EDIPUCRS, 2002.

- Citações diretas com mais de três linhas devem vir com fonte diminuída em até dois pontos (mínimo 10) comparada ao texto, com espaço simples e recuo a direita.

A teleconferência permite ao indivíduo participar de um encontro nacional ou regional sem a necessidade de deixar seu local de origem. Tipos de teleconferência incluem o uso

da televisão, telefone, e computador. Através de áudio-conferência, utilizando a companhia local de telefone, um sinal de áudio pode ser emitido em um salão de qualquer dimensão (NICHOLS, 1993, p. 181).

- Coincidência sobre nomes de autores: Quando houver coincidência de sobrenome de autores, acrescentam-se as iniciais de seus prenomes; se mesmo assim existir coincidência, coloca-se os prenomes por extenso.

Exemplo: (BARBOSA, 1958) (BARBOSA, Cassio, 1965)

As Referências bibliográficas dizem respeito a lista de autores e obras citados no texto. Obras consultadas que não forem citadas no texto devem vir listadas em separado como Bibliografia consultada.

As referências ou bibliografia deve ser listadas em ordem alfabética à partir do sobrenome do autor, seguido do título, edição, local, editora, data de publicação e páginas.

Autoria de documentos. Indica(m)-se o(s) autor(es), de modo geral, pelo último sobrenome, em maiúsculas, seguido(s), abreviado(s) ou não. Recomenda-se tanto quanto possível, o mesmo padrão para a abreviação de nomes e sobrenomes, usados na mesma lista de referências. Os nomes devem ser separados por ponto-e-vírgula, seguido de espaço.

Exemplos: ALVES, Roque de Brito. Ciência Criminal. Rio de Janeiro: Forense, 1995.  
DAMIÃO, R.T; HENRIQUES, A. Curso de direito jurídico. São Paulo: Atlas, 1995.

#### Exemplos de Referências bibliográficas:

1- Artigos e/ou matéria de revista, boletim, etc.

DIAS, C. A.; ALVES, J. M. Reflexões sobre a escolha da parceria conjugal. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 15, n. 1. p. 113-133, 2004. São Paulo: Iglu. 2004.

COSTA, V. R. À margem da lei: o programa Comunidade Solidária. **Em Pauta**: revista da Faculdade de Serviço Social da UERJ, Rio de Janeiro, n. 12, p. 131-148, 1998. (Se a revista científica for paginada por fascículo, incluir o número do fascículo, entre parênteses, sem sublinhar, após o número do volume).

2- Artigo de revista científica no prelo:

Indicar no lugar da data que o artigo está no prelo. Incluir o nome do periódico em itálico, após o título do artigo. Não referir data e números do volume, fascículo ou páginas até que o artigo seja publicado.

3- Artigo e/ou matéria de revista, boletim etc. em meio eletrônico:

SILVA, M. M. L. Crimes da era digital. **Net**, Rio de Janeiro, nov. 1998. Seção  
Ponto de Vista. Disponível em:

<<http://www.brazilnet.com.br/contextos/brasilrevistas.htm>>. Acesso em: 28 nov. 1998.

4- Artigos e/ou matéria de jornal:

NAVES, P. Lagos andinos dão banho de beleza. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 28 jun. 1999. Folha Turismo, caderno 8, p. 13.

5- Artigos e/ou matéria de jornal em meio eletrônico:

ARRANJO tributário. **Diário do Nordeste Online**, Fortaleza, 27 nov. 1998. Disponível em: <<http://www.diariodonordeste.com.br>>. Acesso em: 28 nov. 1998.

6- Monografia no todo - Inclui livro e/ou folheto (manual, guia, catálogo, enciclopédia, etc.) e trabalhos acadêmicos (teses, dissertações, entre outros).

GOMES, L.G.F.F. **Novela e sociedade no Brasil**. Niterói: EdUFF, 1998.

FERREIRA, L. P. (org). **O fonoaudiólogo e a escola**. São Paulo: Summus, 1991.

PASSOS, L. M. M.; FONSECA, A.; CHAVES, M. **Alegria de saber: matemática**, segunda série, 2, primeiro grau: livro do professor. São Paulo: Scipione, 1995.

RUCH, G. **História geral da civilização: da Antiguidade ao XX século**. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1926-1940. 4v.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Catálogo de teses da Universidade de São Paulo, 1992**. São Paulo, 1993. 467 p.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **Publication manual** (4ª ed.) Washington, DC: Autor, 1994.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Relatório da Diretoria-Geral**: 1984. Rio de Janeiro, 1985. 40 p.

7- Monografia no todo em meio eletrônico

ALVES, C. **Navio Negroiro**. [S.l.]: Virtual Books, 2000. Disponível em:

<<http://www.terra.com.br/virtualbooks/freebook/port/Lport2/navionegroiro.htm>

>. Acesso em: jan. 2002, 16:30:30.

8. Parte de Monografia (inclui capítulo, volume, fragmento e outras partes de uma obra, com autor(es) e/ou título próprios).

ROMANO, G. Imagens da juventude na era moderna. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (Org). **História dos jovens 2**. São Paulo; Companhia das letras, 1996. p. 7-16.

9. Parte de Monografia em meio eletrônico

POLÍTICA. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 1998. disponível em:<<http://www.priberam.pt/DLPO>>. Acesso em: 8 mar. 1999.

10. Evento como um todo

X CONGRESSO BRASILEIRO DE SEXUALIDADE HUMANA, 2005, Porto Alegre. **Sexualidade**. Anais. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana, 2005.

11. Evento como um todo em meio eletrônico:  
 CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPe, 4., 1996, Recife.  
**Anais eletrônicos...** Recife: UFPe, 1996. Disponível em:  
 <[http://www..propesq.ufpe.br/anais/anais.htm](http://www.propesq.ufpe.br/anais/anais.htm)>. acesso em: 21 jan. 1997.
12. Trabalho apresentado em evento, mas não publicado:  
 FÉRES-CARNEIRO, T. **A transformação das relações familiares no mundo contemporâneo**. Trabalho apresentado no II encontro sobre Direito de Família em Discussão, Rio de Janeiro, RJ, dez, 1998.
13. Trabalho apresentado em evento com resumo publicado em anais:  
 TONIETTE, M. A; LILIENTHAL, L. A. (Re)pensando pontos de partida no trabalho com as dificuldades sexuais a partir da Curva de Contato proposta por Joseph Zinker. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SEXUALIDADE HUMANA, 10., Porto Alegre, 2005. **Anais**. Porto Alegre, Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana, 2005, p.129.
14. Trabalho apresentado em evento em meio eletrônico:  
 SABROZA, P. C. Globalização e saúde: impacto nos perfis epidemiológicos das populações. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EPIDEMIOLOGIA, 4., 1998, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: ABRASCO, 1998. Mesa-redonda. Disponível em:<<http://www.abrasco.com.br/epirio98/>>. Acesso em: 17 jan. 1999.
15. Teses ou Dissertações não publicadas:  
 MORGADO, M.L.C. **Reimplante dentário**. 1990. 51f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização)–Faculdade de Odontologia, Universidade Camilo castelo Branco, São Paulo, 1990.
- 16- Comunicação pessoal:  
 Cite apenas no texto, dando as iniciais e o sobrenome do emissor e a data.  
 Não inclua nas referências.

### Anexos:

Os anexos devem ser apresentados em uma página após as referências, numerada consecutivamente, em espaço duplo. Somente use anexos se isso for realmente imprescindível para a compreensão do texto.

### Figuras e Tabelas:

Figuras e tabelas devem ser apresentadas com as respectivas legendas e títulos, uma em cada página. As figuras e tabelas não poderão exceder 11,5 X 17,5cm. É imprescindível citar autor, título (quando não existir, deve-se atribuir uma denominação ou a indicação Sem título, entre colchetes), data e especificação do suporte e listar nas referências bibliográficas. Exemplo: KOBAYASHI, K. **Doenças dos xavantes**. 1980. 1 fotografia

#### Nosso procedimento ao receber um trabalho:

Os trabalhos recebidos são apreciados pelo Conselho Editorial. O parecer será expresso de três maneiras:

- a) *Aceito para publicação*: se estiver de acordo com as Normas e for considerado como trabalho de interesse por sua solidez científica, originalidade, atualidade ou oportunidade de informação para a Revista Brasileira de Sexualidade Humana, será publicado em um dos próximos números da revista, segundo um critério cronológico e de paginação.
- b) *Aceitação Condicional*: caso haja dúvida específica, os editores ou outros profissionais associados da SBRASH de reconhecida competência em sua área de atuação poderão ser consultados para avaliar o trabalho e eventualmente condicionar a publicação a modificações que visam melhorar a clareza, precisão do texto ou adequação das normas para publicação. Nesse caso os autores deverão enviar duas cópias impressas do original reformulado com carta de encaminhamento informando sobre as reformulações realizadas. Caso os autores tenham decidido não realizar algumas modificações sugeridas, devem justificar essa decisão. Esta carta e o texto reformulado serão encaminhados a um dos Conselheiros Editoriais, juntamente com os pareceres dos consultores e a versão inicial para uma análise final. Nesta etapa do procedimento, o Conselho Editorial terá conhecimento das identidades dos autores e dos consultores.
- c) *Recusado*: Nessa hipótese, os autores receberão o parecer do Conselho Editorial com a motivação da recusa.

O Conselho Editorial reserva-se o direito de fazer pequenas modificações no texto dos autores, para agilizar o processo de submissão ou publicação dos originais.

Os originais e o disquete enviados pelos autores não serão devolvidos.

Os editoriais, que refletem posições da Diretoria da SBRASH, serão elaborados pelo editor responsável ou pelos membros do Conselho Editorial. Salvo quando um autor é convidado pela revista, exige-se para as demais seções que o autor, ou ao menos um dos co-autores, seja associado à SBRASH.

#### Direitos Autorais:

A *Revista Brasileira de Sexualidade Humana* possui direitos autorais de todos artigos publicados por ela. A reprodução total dos artigos desta revista em outras publicações, ou para qualquer outro fim, por quaisquer meios, requer autorização

por escrito do Editor. Reproduções parciais de artigos (Resumo, *abstract*, mais de 500 palavras de texto, tabelas, figuras e outras ilustrações) deverão também ter permissão por escrito do Editor e dos Autores.

Endereço para Encaminhamento:

A remessa de trabalhos para publicação bem como toda correspondência de segmento que se fizer necessária, deve ser endereçada para:

Revista Brasileira de Sexualidade Humana.

A/C Ana Cristina Canosa Gonçalves

Rua Comendador João Gabriel, 67

Cep 04052-080 São Paulo, SP.

E-mail: [acanosa@uol.com.br](mailto:acanosa@uol.com.br)

## Editorial

O aumento da vida média no Brasil e em outras partes do mundo devido, principalmente, ao desenvolvimento da medicina e ciências afins, traz novos desafios e questões sociais, econômicas, políticas, pessoais e sexuais. Isto nos leva a considerar desafios ligados à qualidade de vida e saúde. O corpo necessita suportar o aumento da idade com capacidade de viver mais e produtivamente. Doenças próprias do envelhecimento são, cada vez mais, tratadas e curadas. Enfermidades que eram fatais há alguns anos já não matam mais. Estudos da Neurociência revolucionam a forma de encarar o ser humano no seu desenvolvimento neuropsíquico e potencialidades que, até então, eram desconhecidas.

Em torno desta questão, está havendo uma transformação na forma de pensar o envelhecimento, que pode ser saudável e produtivo. O idoso não é mais aquela pessoa considerada como um fardo para os parentes, mas alguém que contribui ativamente para a família e para a sociedade.

Os grupos de terceira idade crescem constantemente. A idade já não é mais empecilho para o desenvolvimento de atividades antes reservadas aos mais jovens. Os relacionamentos e/ou casamentos duram mais, talvez não “até que a morte os separe”, mas “até que a vida os separe”, como tão bem desenvolveu o saudoso Bernardo Jablonsky. Novas parcerias são formadas ao longo da vida e muitos idosos procuram substituir as desfeitas por morte ou incompatibilidade.

Quem é o atual idoso? Deve ter nascido em torno da década de 1940 ou 1950, foi expectador vivo de todos os movimentos ligados aos efeitos da II Guerra, à Contracultura, à transformação dos papéis de gênero, vivenciam as transformações na sexualidade e na afetividade nesta faixa etária; muitos estão abertos para novas experiências sexuais e afetivas. Amor e paixão são vividos sem os pudores de outras épocas. As alterações hormonais próprias do envelhecimento são consideradas na atenção e cuidados médico, psicológico e sexual.

Este volume é dedicado à publicação de algumas conferências, mesas-redondas e temas livres apresentados no XIII Congresso Nacional de Sexualidade Humana, realizado em Londrina.

Esperamos que os associados da SBRASH continuem enviando seus trabalhos para esta revista.

*Maria Luiza Macedo de Araujo  
Presidente da SBRASH*

## **CONFERÊNCIA: A INTANGIBILIDADE DO AMOR**



## A INTANGIBILIDADE DO AMOR

*Maria Luiza Macedo de Araujo<sup>1</sup>*

### *THE INTANGIBILITY OF LOVE*

**Resumo:** Conferência de abertura do XIII Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana, realizado em Londrina, em 2011. O tema Amor é contextualizado em diversas épocas e por diferentes abordagens. Há ênfase nas formulações gregas do tema e também na amplitude que a palavra amor significa para a nossa sociedade. O amor não se restringe ao sentimento entre duas pessoas e é visto numa visão de amor ao próximo e de cuidado com todos os seres vivos. Abordase a literatura e como o poeta manifesta o seu amor.

**Palavras-chave:** Amor. Intangível. Eros. Paixão. Desejo

**Abstract:** Opening speech of the XIII Brazilian Congress of Human Sexology, in Londrina in 2011. The subject Love is conceptualized at diverse periods and by different approaches. It also has emphasis in the Greek thought and in the amplitude that the word love means for our society. The love is not restricted to the feeling between two people and is seen in a vision of love to care with all creatures in the world.

**Keywords:** Love. Intangible. Eros. Passion. Desire

Esta conferência é em homenagem a uma pessoa maravilhosa, amiga, que amou muito. Ela nos deixou prematuramente, mas nos brindou com grandes momentos de reflexão. Quem teve a felicidade de ouvi-la falar, vai se lembrar de sua figura amável, sempre disposta a ajudar e a distribuir afeto em seu olhar e em tudo que fazia. Até seu nome é sinônimo de amor. Maria do Amparo Caridade, de onde você estiver se junte a nós e aceite esta homenagem singela que lhe dedicamos.

Não há nada mais antigo nem mais atual que o amor. É um tema que não se esgota, por mais que seja retomado permanece inacabado, sempre há espaço para que seja discutido, problematizado, independente da época em que vivamos.

---

<sup>1</sup> Psicóloga, Mestre em Psicologia, Doutora em Filosofia. Atualmente atua no Ambulatório de Sexologia do Hospital Moncorvo Filho em grupo multidisciplinar e é professora convidada da disciplina eletiva de Sexualidade Humana do curso de Medicina da UFRJ. Autora do livro "Sexo e moralidade: o prazer como transgressão ao pensamento católico". e-mail: luaraujo.rlk@terra.com.br

O amor é o grande intangível. Intangível é aquilo que não se mede concretamente. O amor é sentido. O meu amor pode ser o maior do mundo e ainda assim haverá um amor maior que o meu.

O amor é múltiplo, amo muitas coisas e pessoas ao mesmo tempo e ele não se extingue. Amo idéias, amo ideais, amo alguém pelas qualidades e também amo apesar dos defeitos. Amo uma obra de arte, amo uma canção, amo a obra de Chopin, amo uma poesia, amo a vida, amo meus pais, amo meu filho, amo viver. Meu companheiro é o meu amor.

O amor não garante felicidade. Grandes amores foram marcados pelo sofrimento e, ainda assim, o amor se fortificou, cresceu.

Para falar do amor, eu escolhi como ponto de partida, a idéia de amor. A construção subjetiva do amor, que sempre existiu, embora sua expressão tenha variado de acordo com a época e as culturas. Vou circunscrever minha busca à sociedade judaico-cristã helenizada e, para tanto, começarei pela Grécia, que embasou nossas crenças e valores ao longo do tempo.

Dos gregos, sempre que necessitamos pesquisar nossas raízes, voltamos aos seus pensadores e como concebiam temas que ainda são atuais.

Eros é o deus do amor grego, divindade muito antiga, que se perde no tempo. Diz a antiga cosmogonia órfica que Nix (a noite) gerou um ovo que se partiu. Dele saiu Eros e das duas metades, formaram a terra e o céu. Outra lenda diz que do Caos, dotado de grande energia prolífica, saíram Geia, Tártaros e Eros. Eros dá ordem ao Caos. Eros – o amor, nasceu do Caos, ao mesmo tempo que Géia e Tártaro, mas quem organiza o Caos é Eros.

Géia, em grego Gaia, é a Terra, concebida como elemento primordial e deusa cósmica. Dela nascem todos os seres, porque Géia é mulher e mãe. Suas virtudes básicas são a doçura, a submissão, a firmeza cordata e duradoura, não se podendo omitir a *humildade*, que, etimologicamente, prende-se a *humus*, “terra”, de que o homem foi modelado.

Personificado como o deus do amor, Eros significa o desejo inabalado dos sentidos e o mais belo entre os deuses, aquele que embota o juízo dos deuses e dos homens, mas também é a força fundamental do mundo, pois garante não só a continuação das espécies, mas também a

coesão interna do cosmo. Eros é ainda a união dos opostos. O amor é a pulsão fundamental do ser, a libido, que impele toda existência a se realizar na ação.

Do ponto de vista cósmico, após a explosão do ser em múltiplos seres, o AMOR é a *dýnamis*, a força, a alavanca que canaliza o retorno à unidade; é a reintegração do universo, marcada pela passagem da unidade inconsciente do Caos primitivo à unidade consciente da ordem definitiva.

Do ponto de vista simbólico, o deus do Céu traduz uma proliferação criadora desmedida e indiferenciada, cuja abundância acaba por destruir o que foi gerado.

Para falar do amor, nada melhor que abordar as formulações de Platão. Nele, o tema do amor vem de muito, longe, perde-se no tempo; o que temos são discursos, como no Banquete, que se apresentam heterogêneos e fragmentados, nunca um discurso completo, mas uma série de falas entrecortadas por silêncios, hiatos que levam o leitor a recuar no tempo como lembranças incompletas, inacabadas.<sup>2</sup> Em suas formulações podemos entrever a estreita ligação entre Logos e Eros para os gregos. Para Platão o amor está ligado à sexualidade num determinado momento, mas a transcende.

Outra consideração relevante é o caráter divino dado ao amor. Eros é uma divindade que inspira a natureza e a humanidade. A civilização judaico-cristã somente irá valorizar o amor não sexual que Platão formula, *philia* (amizade) que estaria numa “hierarquia” mais elevada, ligada à ideia de amor. O cristianismo, inspirado no platonismo, verá uma natureza dualística no homem, composto de corpo e alma. O amor referente ao corpo não será valorizado, porém inevitável para a propagação da espécie, portanto só será aceito o amor sexual dentro do casamento, com a finalidade de reprodução<sup>3</sup>. Esta forma de pensar exclui todas as manifestações eróticas que não se traduzam no sexo reprodutivo, isto é, exclui o sexo por prazer, não importando com quem ou o que se faça. Esta digressão é necessária para que possamos entender o real significado do amor entre os gregos e o contexto em que é valorizada a homossexualidade em detrimento de relações heterossexuais.

---

<sup>2</sup> PESSANHA, J. A. M. Platão: as várias faces do amor. In: **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Funarte, Companhia das Letras, 1990.

<sup>3</sup> Santo Agostinho condena qualquer tipo de prazer ligado ao sexo, propõe o casamento casto, no qual os cônjuges só se relacionam quando há o desejo de procriação.

No início do relato que Platão faz do Banquete é falado do amor aos rapazes e das vantagens de dois amantes participarem de guerras, pois lutariam com maior bravura a fim de impressionar o amante e, no caso de um se ferir seu amado iria cuidar dele.

Pausânias, um dos participantes da reunião, diz que é preciso fazer uma correção. Não existe apenas um tipo de Amor. O amor está ligado a Afrodite e existem duas Afrodites: uma Urânia, a Celestial (filha de Urano, que foi mutilado por seu filho Zeus, tendo seus testículos caído no mar e do esperma se formou uma espuma que deu origem a Afrodite — Hesíodo, “*Teogonia*”) e outra, mais jovem, filha de Zeus e Dione, também chamada de Pandêmia, a Popular (Homero, “*Iliada*”). “É forçoso então que também o Amor, coadjuvante de uma, se chama corretamente Pandêmio, o Popular e o outro, Urânio, o Celestial”. Eros também aparece como um “dáimon” (força espiritual misteriosa), intermediário entre os deuses e os homens, filho de Recurso e Pobreza, sempre em busca de seu objetivo, como Pobreza, ele sabe imaginar um meio de chegar a seu alvo, como Recurso. Longe de ser um deus poderoso, é uma força sempre insatisfeita e inquieta.

Uma das mais famosas alegorias de Platão, contado por Aristófanes, diz que, no início, eram três os gêneros dos humanos: o masculino, o feminino e o andrógino. Este último era composto de uma parte masculina e uma feminina. Os masculinos eram filhos do sol, os femininos da terra e os andróginos, da lua. Eram constituídos de um corpo roliço, um pescoço, duas cabeças, quatro mãos, quatro pernas. Andavam eretos e se locomoviam em círculos. Quando precisavam correr, viravam cambalhotas e utilizavam os oito membros. Assim, viviam em perfeita harmonia. Porém, desafiaram os deuses e Zeus divide-os ao meio. Cada parte procura a sua metade, mas ao encontrá-la a destrói com seu abraço muito forte. Existe então uma permanente sensação de incompletude. Apolo tenta remediar, virando os genitais para frente, assim, quando o macho encontrar a sua metade fêmea poderá fecundá-la; quando a fêmea encontrar a sua metade fêmea poderá se completar com ela e quando o macho encontrar sua outra parte masculina poderia ter inteira satisfação e sensação de completude. **O amor é a eterna procura da parte que a completa**, porém a união mais perfeita é a de dois homens que se amam e vivem juntos por toda a vida (talvez por serem filhos do sol, que está no alto, podem desenvolver por completo suas virtudes). Assim o amor é a eterna procura da parte que nos falta.

Os discursos se sucedem até que Sócrates fala do amor como a ideia mais sublime que se refere à *philia* (amizade) que estaria numa “hierarquia” mais elevada, ligada à ideia de amor. O Eros platônico está ligado ao desenvolvimento do autocontrole (austeridade e continência). O homem temperante (senhor de si) é o oposto do homem escravo dos prazeres.

Em torno desse tema, autores de cosmogonias, poetas e filósofos tem feito numerosas especulações. Para Hesíodo o amor seria uma divindade primordial. Parmênides o concebe como filho de dois princípios contrários Luz e Noite – equilíbrio mesclado de diferenças, antagônicos e indispensáveis um ao outro.

Eros, dotado de asas de ouro, como foi representado, passa a ser descrito como um menino travesso quando passa para as formulações romanas, portando flechas e asas, que a todos atinge com as suas setas e passa a ser Cupido, filho de Afrodite e Hermes (Mercúrio).

Apuleio, poeta romano do século II criou a história de Eros (Amor) e Psiché (Alma), o encontro do princípio universal que rege o mundo. Psiché era uma jovem linda e vinham pessoas de todos os lugares para admirá-la. O templo de Afrodite já não tinha mais a mesma frequência de antes. Afrodite então pede a seu filho Eros que se transforme em um monstro e acerte sua fecha em Psiché, mas ele se apaixona por ela. Passam por muitas atribulações e hostilidade de Afrodite, até que Eros pede ajuda a Apolo que intercede a Zeus e ele oferece a taça de ambrosia a Psiché e ela se torna imortal e Eros sobe ao Olimpo com Psiché. Eros e Psiché geram Volúpia, Jovem lânguida e sensual que personifica o prazer, sob todas as formas.

### **A cultura judaico-cristã**

A bíblia ensina que o amor de Deus é incondicional, uma dádiva concedida por um pai amoroso. O amor é uma expressão de afeto à humanidade, conceito desconhecido pelos deuses pagãos, que tinham sentimentos e paixões quase humanas, com feitos mágicos extraordinários.

Mas existe o amor heterossexual no Antigo Testamento, sensual e romântico de Salomão que escreve versos à sua amada: “Esse teu porte é semelhante à palmeira,

E os teus seios a seus cachos.  
Dizia eu; subirei à palmeira, pegarei em seis ramos.  
Sejam os teus seios como os cachos da vide,  
e o aroma da tua respiração como o das maçãs.  
Os teus beijos são como o bom vinho,  
Vinho que escoa suavemente para o meu amado,  
deslizando entre seus lábios e dentes...”(Can VI: 7-10)

Já no Novo Testamento o amor (em grego ágape) se torna a expressão de amor ao próximo (caridade em algumas traduções). São Paulo escreve:

Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine. Ainda que tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé ao ponto de transportar montanhas, se não tiver amor, nada serei. E ainda que eu distribua todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé ao ponto de transportar montanhas, se não tiver amor, nada serei. E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres, se não tiver amor, nada disso me aproveitará. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, desses três; porém o maior destes é o amor. (I Cor13: 2, 3,4)

### **Amores célebres:**

#### *Abelardo e Heloisa*

Alguns amores ficaram célebres na história. Dentre os mais famosos amores, escolhi a história de Abelardo e Heloísa, por representarem muito bem a visão do amor na Idade Média e a grande transgressão cometida por amar apaixonadamente. No século XII, Pedro Abelardo, filósofo e professor famoso, lecionava em Paris. Era tão bom com as palavras que vinham estudantes de todas as partes para aprender com ele. Naquela época os professores faziam voto de celibato. Eis que chega a Paris uma jovem de 16 anos, muito bonita e inteligente. Ela era sobrinha do cônego Fulbert. Sua inteligência e sagacidade atraíram Abelardo que se prontificou a dar aulas a ela, e depois foi morar num quarto na casa do cônego. A atração que sentiram à primeira vista se transformou em paixão fulminante. Juntos, na mesma casa e com privacidade, fizeram amor e Heloisa engravidou. Ele quis se casar com ela, mas Heloisa argumentou que um casamento destruiria a carreira de Abelardo. Quando o tio soube ficou furioso, porque não poderia oferecer a sobrinha em casamento a algum nobre rico. Abelardo, então a levou para a casa de sua irmã, distante de Paris e eles se casaram em segredo. Ao voltar, foi castrado a mando de Fulbert. Ele se desesperou. Heloisa queria ficar com ele, pois seu amor transcendia o sexo. Ele recusou, depois do nascimento do filho, enviou-a para o convento de Argenteuil. Tornou-se religioso e fundou uma escola convento ao lado do convento em que Heloisa vivia. O amor dos dois se manteve pela vida toda, mas era um amor reprimido, sem expressão física. Ele morreu 20 anos antes dela e ela pediu que quando morresse fosse enterrada a seu lado.

### *Romeu e Julieta*

Na ficção, Shakespeare eternizou o amor de dois jovens que se amaram mais que as convenções sociais. Foi o amor paixão, impossível, com desfecho trágico e ainda é o símbolo do amor que quebra todas as barreiras e sobrevive eternamente.

### **O amor atual**

O amor é amplo e não se restringe ao romance ou ao desejo sexual. O amor também é amor à natureza, mantendo o meio ambiente em condições de proporcionar equilíbrio entre as espécies. Mas além de tudo amar também é amar a quem precisa, e um dos exemplos que se poderia dar é o médico (Patch Adams) que se vestia de palhaço para divertir as crianças doentes e elas melhoravam muito. Foi seguido pelo mundo todo e temos os “doutores da alegria” e inúmeros jovens que abraçaram essa causa e se dedicam a divertir agora não só crianças, mas também idosos. Por amor ao próximo nos unimos e procuramos ajudar a quem precisa.

O amor é geração de vida. Mães e pais dedicam um amor incondicional a seus filhos. Carinho e ternura também são sentimentos que estão aliados ao amor.

O amor não tem idade. Desde pequenos podemos nos afeiçoar a colegas e amigos, na adolescência sentimos arroubos de paixão, descobrimos os mistérios do sexo e o amor pode continuar na fase adulta, amamos na maturidade e envelhecemos amando.

O amor é a consolidação da paixão, é a força que une duas pessoas, não importando o sexo biológico. Simplesmente se ama!

Mas o amor também é fonte de inspiração de poetas. Dentre vários poetas que escreveram sobre o amor, destaco Vinicius de Moraes, no Soneto do Amor Total:

Amo-te tanto meu amor...não cante  
O humano coração com mais verdade...  
Amo-te como um amigo e como amante  
Numa sempre diversa realidade.

Amo-te afim, de um calmo amor prestante  
E te amo além, presente na saudade.  
Amo-te, enfim, com grande liberdade  
Dentro da eternidade e a cada instante

Amo-te como um bicho, simplesmente  
De um amor sem mistério e sem virtude  
Com um desejo maciço e permanente.  
E de te amar assim, muito e amiúde  
É que um dia em teu corpo de repente  
Hei de morrer de amar mais do que pude.

A literatura, o cancionero popular, os meios de comunicação não se cansam de falar do amor em todas as suas nuances, em todas as suas formas, mas ainda trazemos o amor grego, Eros, inquieto, carente, que procura a sua parte que o completa, que transcende o sexo e nos invade com esse sentimento maravilhoso que se torna o verbo AMAR.

### **Bibliografia consultada**

ACKERMAN, D. **Uma história natural do amor**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1997.

ARAÚJO, M. L. M. A construção histórica da sexualidade. In: RIBEIRO, M. (org.) **O prazer e o pensar**. Vol.1. São Paulo: ed. Gente, 1999.

\_\_\_\_\_. **Sexo e moralidade: o prazer como transgressão ao pensamento católico**. Londrina: UEL, 1997.

\_\_\_\_\_. Sexualidade num contexto histórico. In: SERAPIÃO, J. J. e CANELLA, P. R. B. **Sexualidade humana: noções básicas para profissionais de saúde**. Rio de Janeiro: Instituto de Ginecologia da UFRJ, 2011.

BROWN, P. **Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia no início do cristianismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

BASTOS, F. J. M.. **Panorama das ideias estéticas no ocidente**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1981.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade 3: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

PESSANHA, J. A. M. Platão: as várias faces do amor. In: **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Funarte, Companhia das Letras, 1990.

PLATÃO. **O Banquete in Platão: Diálogos, Os Pensadores**, vol. III. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

TANNAHILL, R. **O sexo na história**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.



## **MINICURSO 06: UNIÕES E DESUNIÕES CONJUGAIS**

## BRINQUEDOS SEXUAIS: AJUDAM OU ATRAPALHAM?

*Jorge José Serapião<sup>1</sup>*

### *SEX TOYS: HELP OR HINDER?*

**Resumo:** Define como brinquedo sexual tudo aquilo que é utilizado com a finalidade de despertar, aumentar ou prolongar o prazer erótico. Podem ser considerados complementos que ajudam a afastar a monotonia da vida sexual e facilitar a descoberta de diversas formas de excitação e diversão. É um meio de auto-satisfação quando utilizados solitariamente. São utilizados indistintamente por indivíduos de diversas orientações afetivo-sexuais. A seguir o autor descreve os vários tipos encontrados no comércio especializado. Finalmente o autor analisa as vantagens e desvantagens da utilização desse tipo de instrumentos tecendo considerações médicas e éticas sobre essa questão.

**Palavras-chave:** Brinquedos sexuais. Sexualidade. Prazer.

**Abstract:** Considered as a Sexual toy is everything that is used to awake, increase or make the sexual pleasure longer. They are considered Add-ons that help to dispel the monotony of the sexual life and make it easier for a couple to find several forms of excitement and fun. Is a means of self-fulfillment when used in a solitary way. The sexual toys are used interchangeably by individuals of various sexual affective orientations. Some of the various types found in specialized shops are described by the author. Finally the author analyzes the advantages and disadvantages of using this type of instruments. He makes ethical and medical considerations on this issue.

**Keywords:** Sex Toys. Sexuality. Pleasure.

Brinquedo sexual é tudo aquilo utilizado com a finalidade de despertar, aumentar ou prolongar o prazer erótico (LOVE, 1999). Definidos dessa forma incluem uma gama variada de coisas confundindo-se com o termo abrangente de afrodisíacos. Assim poderiam ser denominados de brinquedos sexuais objetos, roupas, alimentos, perfumes, filmes etc. Considerando-se que nas últimas décadas, com uma maior liberação do exercício da sexualidade, a indústria descobriu um filão a ser explorado nessa área surgiram então as *sex shop* e com elas o que passou a ser denominado de *toy sex*. Muitos dos afrodisíacos não são habitualmente comercializados pela *sex shop* no que pese a expansão da faixa de interesse da indústria nessa

---

<sup>1</sup> Professor responsável pela disciplina de Sexualidade Humana da Faculdade de Medicina da UFRJ.  
e-mail: serapius@uninet.com.br

área. Mais modernamente expandiram-se as ofertas em sex shop virtuais que de um modo geral são menos tímidos que as lojas tradicionais.

O termo brinquedos sexuais tem muito sentido na medida em que nos fala da dimensão lúdica da sexualidade que propõe que o sexo deva ser uma experiência divertida em benefício de seus participantes. Mas os brinquedos sexuais não se limitam a uma intensificação do prazer a dois e muito menos se restringindo a relações hétero. Relações homo e auto eróticas fazem uso desses artifícios cada vez de forma mais sofisticada e frequentemente.

Podem ser considerados complementos que ajudam a afastar a monotonia da vida sexual e a que cada um dos membros do casal encontre diversas formas de excitação e diversão. Há uns anos atrás, as opções de brinquedos sexuais eram poucas e sem graça. Atualmente a mulher e o homem querem objetos a fim de encontrar satisfação sexual. Esta grande demanda provocou o aparecimento de uma grande quantidade de brinquedos sexuais de diferentes formas, tamanhos e funções inimagináveis para uma forma de curtir o sexo pouco convencional.

Os brinquedos sexuais também são um meio de auto-satisfação. São usados para aumentar o prazer sexual durante a masturbação em ambos os sexos.

## **Vibradores**

Vibradores, segundo Crooks & Baur (1996), são dispositivos que fazem um certo tipo de movimento curto em forma contínua de vibração com a finalidade de estimular prazerosamente várias partes do corpo. Geralmente são fabricados no formato de um pênis, embora possam ter uma variedade de tamanhos e formatos para uso interno ou externo. Alguns tipos:

- Vibradores para penetração - geralmente medem de 12 a 18 cm de comprimento e de 2 a 5 cm de largura para imitar o tamanho médio do pênis humano.
- Vibradores anais - são projetados para serem introduzidos no reto para estímulo da próstata em homens e para o prazer de mulheres que gostam do estímulo do ânus.
- Vibrador G-Spot - possui uma curvatura para atingir o ponto G feminino.
- Vibradores tipo *varinha* - são vibradores elétricos geralmente utilizados para estímulo do clítoris.
- Vibrador rabbit - capaz de estimular várias partes sexuais femininas ao mesmo tempo.

Os vibradores são considerados por muitos como um dos melhores brinquedos sexuais. Podem ser utilizado durante o ato sexual e/ou na masturbação. O vibrador pode ser usado segundo o gosto de cada pessoa, não deve ser visto só como um complemento sexual para a penetração, mas também como um instrumento para brincar em volta das zonas erógenas para aumentar o desejo e a excitação.

Utilizar lubrificantes a base d'água com o vibrador é uma excelente idéia para melhorar o prazer sexual.

Hoje em dia existem alguns vibradores com controle a distancia, o que favorece uma modalidade de jogo sexual.

Um dos mais sofisticados é o *Cat & Mouse*, da Hustler Toys. A velocidade é controlada por um botão giratório, igual ao do mouse. O aparelhinho também tem uma luz na base do controle, como nos mouses ópticos.

### **O Consolador (Dildo)**

O consolador é talvez um dos brinquedos sexuais mais vendidos no mundo (RATHUS; NEVID & RATHUS, 1993). Tem forma de pênis e se conhece também com o nome de "Dildo".

Existem alguns com vibradores que, uma vez dentro da vagina ou do ânus, fazem uma série de movimentos capazes de alcançar o orgasmo perfeito.

Os consoladores são para qualquer preferência sexual, e para qualquer fantasia. Geralmente se encontram de silicone ou de látex, de tamanho médio ou grande, lisos ou rugosos para uma maior estimulação. De cores diferentes com ou sem vibrador, com a ponta especialmente dobrada para chegar melhor ao ponto G ou totalmente retos. Há os simples ou os duplos para penetração anal e vaginal simultânea e, inclusive, resistentes à água para poder utilizar submergidos nela. Os mais usuais são:

- Dildo de vidro - Geralmente são fabricados com um tipo de vidro capaz de suportar altas temperaturas, não tóxico e muito resistente a traumas. O material não é poroso o que permite sua fácil higienização.

- Dildo para dupla penetração - é um dildo longo para ser utilizado ao mesmo tempo por duas pessoas.

### **Brinquedos para o pênis**

- Vaginas artificiais - São os chamados brinquedos de século XXI (GODSON, 2002). São sofisticadas e caras. Imitam a vagina em formato e o pênis pode ser introduzido dentro do objeto para estímulo sexual. Algumas são desenhadas com moldes das vaginas de atrizes pornográficas.

- Anel peniano - Servem para aumentar o tempo de ereção, mantendo o sangue dentro do pênis. Existem vários tipos e alguns ainda podem vibrar para estímulo do clítoris durante o ato sexual. São fabricados a partir de diversos tipos de matéria prima como o couro, metal e tecido. Não podem ser utilizados por longos períodos.

- Fronha de pênis - o pênis torna-se encapuzado com este material que possui Protuberâncias que estimulam a parceira. Estes brinquedos sexuais têm duas finalidades: dar um maior tamanho ao pênis, sem ter que apelar a métodos extravagantes nem dolorosos e dar uma maior sensação à vagina. Têm formas variadas: com pontas, com curvas, com bolinhas etc. Estão feitas de látex, silicone ou plástico e todas elas se adaptam ao pênis.

### **Brinquedos para estímulo da mama e mamilo**

Alguns brinquedos sexuais são específicos para mamas e mamilos, utilizados por homens e mulheres, muito apreciados pelos adeptos da prática de SM.

- Braçadeira de mamilo - é um tipo de grampo utilizado para estimular os mamilos pela aplicação de diferentes graus de pressão. Geralmente é utilizado nas práticas sadomasoquistas.

- Dispositivos de sucção - feitos de borracha ou de vidro causam uma maior sensibilidade das mamas através da sucção.

### **Brinquedos para estimulação do ânus**

Embora nas relações hetero ou homossexuais e principalmente no auto erotismo masculino diferentes objetos possam ser introduzidos no orifício anal visando estimulação erótica, o mais seguro dos *sex toys* com esse objetivo é o plug anal. Os plugs anais são objetos geralmente mais curtos que os dildos e com base mais larga que impede que se percam inadvertidamente dentro da ampola retal (o que não é infrequente ocorrer) determinando urgência médica de difícil solução.

Outros brinquedos utilizados com estimuladores eróticos são:

Esferas anais ou bola anal - são esferas unidas através de um cordão que podem ser inseridas uma a uma dentro do ânus. Pode ser removida uma a uma ou retiradas de uma só vez. Geralmente é removida na hora de um orgasmo para aumentar o prazer.

### **Brinquedos gerais de penetração**

Obedecendo à inesgotável criatividade do ser humano existe uma grande variedade de instrumentos utilizados como estimulantes eróticos que fogem a possibilidade de serem agrupados em itens já descritos. Entre eles citamos:

- Ben-wa ou bolas chinesas ou bolas de geisha ou Duo Tone - São feitas para serem utilizadas por longos períodos. São bolas pouco menores que um ovo de galinha médio, normalmente duas ligadas por um cordão, contendo mecanismos e pesos internos que provocam vibrações. Quando a mulher caminha, ao se levantar, batem as duas bolas entre si, produzindo uma suave e prazerosa estimulação contínua. Podem ser usadas também quando a mulher for dançar. A vagina se dilata e, por conseqüência, aumenta a lubrificação natural. Também são utilizadas no tratamento de incontinência urinária, por meio dos exercícios de Kegel.

- *Strap-on dildo* - Geralmente um pênis artificial, que pode ser amarrado ao quadril de uma mulher para que esta faça penetração em outra mulher, ou mesmo em um homem, "trocando de papéis". Geralmente também possui uma saliência que penetra na vagina e/ou massageia o clitóris da mulher que o usa, para que esta também tenha prazer no ato.

### **Jogos Eróticos**

Numerosos são as alternativas de brinquedos eróticos que misturam sexualidade e jogos de azar. Assim termos:

Dados eróticos - no lugar de números existem as posições sexuais para o casal usar a sorte ao transar, experimentando a posição que sair no dado.

Raspadinha erótica – É a nova sensação do momento! Com auxílio de uma moeda ou da unha um dos participantes raspa um quadradinho constante num cartão (*Kama sutra cards*) e copia a posição sugerida na figura

Baralho erótico – Uma combinação de jogo de azer, erotismo e massagens. O baralho erótico (*Erotic cards deck*) apresenta 50 técnicas diferentes de massagem erótica que os parceiros desfrutam entre si.

### **Boneco inflável**

É um recurso erótico com forma de homem ou mulher. São mais comuns os brinquedos sexuais deste tipo que simulam corpos femininos, chamados também de *sex doll* ou *real doll*, e podem ser de corpo completo ou somente a zona da pélvis, Geralmente possui orifícios para a penetração como a boca, vagina e anus, que, em alguns casos, incluem a possibilidade de vibração.

Hoje em dia também se pode adquirir, nos sex shops, modelos de corpo masculino, dotados de pênis de tamanhos superiores e realizados com materiais duros e resistentes, sendo, além do mais, dobráveis e muito suaves ao tato.

### **Anéis para prolongar a ereção**

Os anéis para pênis, também conhecidos como “*cock rings*”, são utilizados como método para manter a ereção durante mais tempo em caso de que existissem transtornos. Hoje em dia podemos encontrar uma grande variedade de brinquedos sexuais baseados neste anel para pênis, como os modelos que vêm com estimulador do clitóris ou vibrador incorporado. Além do mais, se fabricam em todo tipo de formas, cores, texturas e tamanhos. Em quanto aos materiais, os há de couro, borracha, silicone ou látex, entre outros.

### **Fronhas para dedo**

São artefatos para acariciar os genitais. São colocados nos dedos e, com gel lubrificante, permitem acariciar o pênis, vagina ou ânus. Também podem ser utilizados para introduzir o dedo na vagina ou no ânus e brindar sensações mais prazerosas, pois seus diferentes desenhos permitem isto. São fabricadas de látex ou gelatina e seus desenhos e cores são variados.

### **Anel vibrador para pênis**

Este brinquedo sexual é composto de um anel desenhado para se ajustar à base do pênis que, mediante a vibração que produz, consegue alcançar o estímulo preciso para o casal.

Esta vibração tão atraente é produzida por um diminuto vibrador contido em uma cápsula no anel. Esta função dura por volta de 20 minutos. Pode ser usado sobre a camisinha quando o pênis esteja ereto.

### **Brinquedos sadomasoquistas**

O público SM tem a disposição uma série de acessórios que compõem essa prática sexual.

- Pulseiras e colares - São feitos geralmente de couro, ferro ou outros metais para imobilizar mãos, pés ou cabeça.

- Corpetes - São muito excitantes por modelar o corpo. Há quem goste muito de ver seu par em um destes. Seu material, em geral, é o couro.

- Cordas - A finalidade destas não é machucar, mas sim imobilizar e aumentar, para alguns, um excitante sentimento de dominação.

- Chicotes - São uns dos preferidos na prática sadomasoquista. São usados para bater na pele produzindo dor e deixando que, quem receba o castigo se sinta dominado ou quem o executa se sinta poderoso.

- Máscaras - Há para todos os gostos. Algumas têm mordaca, outras fecham a boca com um zíper. Outras, ocultando em parte a expressividade do rosto, dando por tanto, um toque de mistério.

- Mordaca - Sua finalidade é diminuir ao mínimo os gemidos ou gritos de dor. Há aquelas em forma de bola que se coloca entre os dentes, mas outras são realmente mordaças, ou seja, uma banda de couro que cobre totalmente a boca, fechando por trás da cabeça, com uma lingüeta que se coloca entre os dentes para mordê-la e evitar assim que a pessoa morda a própria língua.

### **Outros elementos a considerar**

- Espelhos - Os espelhos podem ser um excelente meio para erotizar a vida sexual. Colocar espelhos que permitam ao casal se observar mutuamente é considerado por alguns muito excitante, por curtirem sua própria nudez e de seu parceiro. Além do mais, durante a masturbação as mulheres podem utilizar um espelho para conhecer melhor seus genitais e perceberem os movimentos dos dedos e das mãos que melhor a estimule.



- Livros eróticos - A leitura erótica costuma excitar bastante. Existem poesias, contos, relatos e novelas. Também há livros eróticos que contam com descrições detalhadas as posturas sexuais. Alguns clássicos são conhecidos mundialmente<sup>2</sup> e podem ser um grande aliado sexual, pois permitem não só se excitar, mas também dar idéias para praticar em casal ou em solitário.

- Cremes, loções e óleos eróticos - Vêm em várias apresentações, essências, cheiros e sabores. Sua função principal é fazer o ambiente ficar mais cálido e o contato dos corpos mais sensual. Sentir algum creme, óleo ou um cheiro gostoso durante o sexo pode desatar sensações e desejos únicos. São uma boa opção para massagear sensualmente seu par. Os cheiros e sabores dependem do gosto de cada um. O sabor, por exemplo, é importante para aquele homem ou mulher ansiosa de receber beijos de seu par pelo corpo inteiro. Por outro lado, os cremes, óleos ou loções representam uma maneira mais atraente para praticar sexo oral.

- Fantasias eróticas - Há roupas que inspiram muito erotismo para o homem ou para a mulher. São perfeitos para cumprir fantasias sexuais. Utilize alguma fantasia (roupa) para surpreender e/ou satisfazer seu par ou vistam-se os dois complementando algum tema que chame a atenção dos dois, com o qual possam brincar e culminar em um maravilhoso sexo. O uso de disfarces eróticos é um bom caminho para evitar a monotonia e o tédio na vida sexual do casal.

### **Materiais utilizados em brinquedos sexuais que imitam tecidos humanos**

O Silicone é macio e parece vivo, é hipoalergênico, aquece rapidamente a temperatura do corpo, não porosa e assim é fácil de limpar (com sabão neutro e água, ou fervido para esterilização). Ao contrário de borracha de látex e outros materiais porosos, silicone pode ser esterilizado em temperaturas até 300 ° C (572 ° F). Além disso, ele pode ser limpo com uma solução de lixívia a 10%. Ao usar lubrificantes com brinquedos de sexo de silicone é importante lembrar que o silicone ou lubrificantes à base de silicone não podem ser usados evitando-se danos ao brinquedo.

CyberSkin é um elastômero de plástico térmico e uma imitação perfeita da pele. O CyberSkin é feito de uma série de ingredientes aprovados pela FDA e não contém ftalatos, cloreto de polivinil (PVC), metais pesados ou latex. É fácil de limpar bastando lavá-lo com sabão e água, e secá-lo. Lubrificantes de base de água são melhores e eles devem ser armazenados em local seco.

---

<sup>2</sup> **KamaSutra, Amanga-Ranga-El Jardín Perfumado.** Ilustrados. Barcelona. Plaza Janes Editores AS, 1987.

Borracha de látex, é comumente usada para brinquedos sexuais; é um material flexível e de baixo custo, permitindo ao usuário mais opções em tamanho e aparência. Embora o látex seja comumente usado por ser menos dispendioso do que materiais como vidro, silicone e CyberSkin, pode ser alergênico para algumas pessoas com alergia ao látex.

O latex é poroso e deve ser cuidadosamente limpo com um sabonete antibacteriano e água e não compartilhada com outras pessoas. Alguns brinquedos de borracha contêm ftalatos, que são usados para suavizar a borracha, mas leva a sérios riscos. Foram efetuados estudos que mostraram efeitos adversos sobre a reprodução entre humanos e animais. Estudos mais apurados estão em curso, mas ftalatos têm um efeito prejudicial conhecido sobre vários aspectos da saúde humana e sua utilização em brinquedos sexuais é fortemente desencorajada. Muitos especialistas recomendam a utilização de um preservativo a cada uso para proteção contra infecção bacteriana ou doenças sexualmente transmissíveis quando se está compartilhando brinquedos sexuais. Água e lubrificantes à base de silicone podem ser usados como lubrificante do toy sex de látex porem o uso de lubrificantes na base de petróleo não deve ser usado, pois poderá afetar adversamente o brinquedo.

### **Afinal tudo isso ajuda ou atrapalha?**

Incluir um brinquedo erótico na vida a dois pode ser divertido e excitante. O único cuidado que você deve tomar antes de chegar com um novo acessório é conversar com o parceiro para não pegá-lo desprevenido. Brinquedos eróticos podem ser benéficos na relação a dois, porém não devem ser o personagem principal. Para incluir os brinquedos, o casal precisa dialogar. É preciso ter intimidade para conversar sobre o assunto e os dois precisam estar à vontade. A brincadeira sexual não deve substituir a relação a dois, e sim estimular as fantasias e aumentar a excitação sexual.

Alguns homens sentem medo da introdução de objetos na vida sexual, por isso convidá-lo a participar da escolha do brinquedo é importante para que ele entre na brincadeira também. Limitações de ordem emocional ou cultural também podem surgir como um problema na hora de se usar um brinquedo sexual. Há que se respeitar os valores de cada um. Mas se decidir usar é aconselhável:

1. Reconhecer que não existe um brinquedo melhor do que o outro, mas simplesmente gostos diferentes. Cada um deve buscar aquele que seja mais adequado com as suas exigências.
2. Não usar os brinquedos sexuais com exclusividade na zona genital. Ser criativo! Por exemplo: Um vibrador pode ser também um excelente massageador, então não se deve excluir a possibilidade de passá-lo por toda a pele e demais zonas erógenas.
3. Tentar se familiarizar com o brinquedo antes de usá-lo pela primeira vez.
4. Lembrar-se de que os brinquedos sexuais por si só não vão te dar nenhum prazer. É necessário estar excitado para usá-los. O aconselhável é relaxar, tomar o controle, liberar a mente a fantasiar e deixar que o desejo guie.

Desconsiderar esses fatores pode transformar um brinquedo sexual em algo desagradável que poderá atrapalhar a vida sexual dos casais ou do indivíduo.

Alem disso há alguns dados de realidade que deverão ser considerados:

### **Preocupações de saúde e segurança**

Segundo dados da WIKIPEDIA (2011), um relatório cuidadoso coordenado pelo governo dinamarques chama a atenção de que os *sex-toys* muitas vezes não dispõem de informações sobre sua composição bem como afirma que um estudo recente realizado pelo Instituto Greenpeace e coordenado por Peters & Houtzager (2006) na Holanda refere ter encontrado em sete dos oito brinquedos sexuais de plástico um elevado nível de ftalatos.

Os estudos em roedores (Wikipedia, 2011) revelaram que quando expostos a doses altas, os ftalatos podem causar danos para o fígado, pulmões, rins, testículos e podem causar perturbações hormonais.

As pesquisas mais recentes referidas pela Tox Town (2011) indicam que a exposição a estas substâncias pode alterar a capacidade do organismo de regular a produção hormonal, causas danos a reprodução e lesões hepáticas e renais. Eles possivelmente podem também causar câncer.

Os brinquedos sexuais são atualmente classificados como novelties (novidades) apesar da sua natureza sexual. Assim os fabricantes de brinquedos sexuais evitam as exigências do FDA (Food and Drug Administration) de testes extensivos e requisitos financeiros exigidos se fossem

classificados como dispositivos médicos. Considerados como novidades os brinquedos sexuais podem conter toxinas conhecidas neles como ftalatos (alguns dos quais já foram proibidas em brinquedos pela CPSC) e em alguns casos, levar tinta.

Em 2000, a busca do desenvolvimento de brinquedos de sexo em direção a segurança, principalmente no que se refere a toxicidade dos materiais nos Estados Unidos começou com o pioneirismo de Lisa S. Lawless, p.H.d. que fundou uma das primeiras lojas de brinquedo sexuais não-tóxico – a *Holistic Wisdom*. Seus artigos e sua participação na mídia em entrevistas em rádios e a revistas têm influenciado a maneira como o público vê o problema permitindo que os consumidores se tornem mais conscientes das preocupações com a saúde relativas à segurança na utilização dos brinquedos sexuais. Lawless também desenvolveu um movimento em prol da utilização mais segura desse tipo de artifício através da (NAASAS) Associação Nacional para o Avanço da Ciência & Arte em Sexualidade. Esta organização de comércio, segundo a fabricante *Holistic Wisdom* (2011) trabalha com profissionais no campo da sexualidade com vistas a uma alto-regulação da segurança na produção e utilização de brinquedos sexuais e aconselha: "se seu brinquedo sexual será envolvido em qualquer tipo de ato sexual, você deverá cuidar de que esteja absolutamente limpo". É essencial para limpar corretamente seus brinquedos sexuais após o uso para evitar bactérias que podem causar infecção. Recomendam-se o uso de lenços antibacterianos, sprays etc.

### **Aspectos legais**

Nos Estados Unidos lubrificantes e brinquedos sexuais tornaram-se cada vez mais disponíveis nos principais estabelecimentos comerciais nos Estados Unidos. A exibição em lojas, nas seções de "saúde sexual", tende a ser mais discreta do que as ofertas em sites da web. Até recentemente, muitos Estados do Sul proibiam a venda de brinquedos sexuais por tratar-se de "dispositivos obscenos". No Brasil são escassas ou inexistentes as informações precisas sobre os aspectos legais relacionados ao comércio de *sex toys* embora saibamos que, segundo Abdo (2004) 10,7% de 2596 mulheres e 15,4 de 3168 homens da pesquisa realizada por ela no Brasil, pratiquem sexo com auxílio de objetos.

### **Aspectos éticos**

Alguns religiosos mais conservadores acreditam que o uso de brinquedos sexuais é imoral. Segundo eles esses dispositivos devem ser proibidos porque conduzem à promiscuidade,

promovem frouxidão moral e induzem a comportamentos inadequados e potencialmente pecaminosos.

## Referências

ABDO, C. **Estudo da vida sexual do brasileiro (EVSB)**. São Paulo: Ninho Moraes Editor Eli Lilly do Brasil, 2004.

CROOKS, R. & BAUR, H. **Our Sexuality**. 6ª. Ed. London: Brooks/Cole Publishing Company, 1996.

GODSON, S. **The Sex Book** : The joy of sex for the 21st century. London: Cassell Illustred. 2002.

GREGERSEN, E. **Práticas Sexuais**. A história da sexualidade humana. São Paulo: Ed Rocca, 1983.

HOLISTIC WISDOM. Disponível em <http://www.holisticwisdom.com/> Acessado em 22-09-2011

LOVE, B. **The Encyclopedia of unusual sex practices**. London: Greenwich Editions, 1999

PETERS, R.J.B & HOUTZAGER, M.M.G. **Determination de phthalates in sex toys**. TR 2006 Rapportnummer. Disponível em: <http://www.greenpeace.org.uk/MultimediaFiles/Live/FullReport/7938.pdf>. Acessado em 19-09-2011

RATHUS, S. A., NEVID, J. S. & FICHNER-RATHUS, L. **Human Sexuality in a World of Diversity**. Massachussts. Allyn and Bacon (A division of Simon & Schuster). Inc, 1993

TOX TOWN. **National Library of Medicine**. Phththalates. Disponível em [http://toxtown.nlm.nih.gov/text\\_version/chemicals.php?id=24](http://toxtown.nlm.nih.gov/text_version/chemicals.php?id=24) acessado em 22-09-2011

WIKIPEDIA, enciclopédia livre. **Sex Toy**. Disponível em: [http://en.wikipedia.org/wiki/Sex\\_toy](http://en.wikipedia.org/wiki/Sex_toy). Acessado em 19-09-2011

\_\_\_\_\_. **Phththalate**. Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Phthalate>. Acessado em 19-09-2011.

**CONFERÊNCIA: INFLUÊNCIA DAS DISFUNÇÕES SEXUAIS  
NA DINÂMICA DO CASAL**

## INFLUÊNCIA DAS DISFUNÇÕES SEXUAIS NA DINÂMICA DO CASAL

*Maria do Carmo de Andrade-Silva<sup>1</sup>*

### *INFLUENCES OF SEXUAL DYSFUNCTIONS IN THE COUPLE'S DYNAMICS*

**Resumo:** Neste artigo refletiu-se sobre os diversos tipos de casal que permeiam o mundo atual, sobre as interferências que as disfunções sexuais podem gerar em seu relacionamento; assim como, sobre a presença de vários outros fatores que permeiam as relações de casal e interferem nesta dinâmica, propiciando maior ou menor intensidade de conflitos. Para tal, precisou-se focar características típicas do momento socio-histórico e suas interferências nas pessoas e nos casais. Pontuou-se sobre a necessária individualização dos casais e das pessoas que o compõe, observando-se suas estruturas de personalidade, crenças, valores, necessidades, significado de seus vínculos, sobre as formas de manifestação das disfunções, suas etiologias e reações ao problema.

**Palavras-chave:** Casal. Disfunção sexual. Interferências na conjugalidade.

**Abstract:** In this article we presented thoughts on the various types of couple which are present in today's world, about the impact that the dysfunctions can generate in their relationship; and on the presence of other factors that are present in a couple's relationship and interfere in this dynamics, created conditions for conflicts of greater or lesser intensity. To this end, it was necessary to focus on typical characteristics of the social-historical moment and its interference in people and couples. It was pointed out the need for individualization of couples and individuals that make up it, observing their structures of personality, beliefs and values, needs, meaning their links, the forms of manifestation of dysfunctions, their etiologies and their reactions to the problem.

**Keywords:** Couple. Sexual dysfunction. Interference in the relationship

As relações conjugais são estruturadas de formas distintas, fazendo com que os casamentos não sejam homogêneos, pois tais distinções constituem-se a partir de outras instituições e valores para cada casal. Na realidade, o casamento é um subsistema dentro de vários sistemas para cada um, como: a família extensa, religião, o relacionamento com o trabalho, a importância do sexo, de filhos, do lazer, da atenção a si mesmo e à família nuclear. Um subsistema, com muitas interfaces, o que o diferencia e individualiza.

---

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia e Livre Docente em Sexualidade Humana. Prof.<sup>a</sup> da Universidade Gama Filho-Rio de Janeiro. E-mail: mariacarmos@yahoo.com.br

As relações afetivas e sexuais no casal podem ser a possibilidade, de se reconstruir um novo elo significativo na vida adulta, contribuindo para satisfazer as necessidades de: intimidade, carinho, segurança, prazer e minimizar a angústia da solidão. Na Teoria Triangular de Amor de (Sternberg, 1988), os componentes básicos de uma relação amorosa são: intimidade, paixão, decisão e compromisso. Porém, nem sempre o peso e a mistura destes elementos, encontram-se em consonância em cada um do par. Podem apresentar-se de forma: muito equilibrada, medianamente combinada, pouco equivalente, ou em nada parecidos. Assim, o equilíbrio de dosagem destes sentimentos, em cada um, propiciará melhor relacionamento ou muitos conflitos, pois o que gera encontro e felicidade, nos melhor combinados, irá propiciar expectativas não realizáveis e cobranças, naqueles com pobre ou nenhum equilíbrio nestes fatores.

Atualmente observa-se um aumento da desintegração das estruturas familiares tradicionais, notando-se uma crescente experimentação nos relacionamentos de casal e família. A fragilidade dos vínculos de casamento tem levado a diminuição da confiança nesta instituição e como mecanismo de defesa, investe-se menos ao se perceber a fragilidade e o relativismo do vínculo (BAUMAN, 2004).

A antiga família extensa foi substituída no século passado pela tradicional família nuclear, com o poder ainda centrado na figura paterna e vínculos institucionais, fortemente fixados. Porém, nos anos de 1960, com as alterações do pós guerra, o advento dos contraceptivos orais, a alteração do conceito ideológico de sexo-reprodução para sexo-prazer e a necessidade do trabalho feminino fora do lar, geraram-se significativas alterações nas relações de casal e família. No antigo ideário do sexo reprodutivo, as normas eram rígidas e heterossexuais (pênis/vagina com intenção reprodutiva). Nesta época, o que hoje se denomina jogos sexuais, eram chamados de desvios, perversões ou pecados. A masturbação punida e a realização sexual da mulher vinculada à maternidade.

No novo ideário de sexo-prazer, amparado pelos contraceptivos mais seguros, o sexo passou a ser: amplo e com poucas normas. Variadas práticas heterossexuais como sexo oral, masturbação mútua ou sexo anal, passaram a fazer parte do relacionamento. Observou-se, progressiva aceitação da homo e da bissexualidade, assim como o uso de filmes, internet, ou brinquedinhos eróticos de *sex shopping*. Os jogos sexuais passaram a ser vistos como prática necessária à excitação; a masturbação percebida como sexo seguro e direito ao prazer



individualizado. Desejo e orgasmo feminino, vistos como saúde sexual e sua ausência, disfunção sexual. A ejaculação precisou ser controlada, acenando com maiores possibilidades de prazer e seu descontrolo disfunção sexual.

Gerou-se maior independência feminina em relação à maternidade, à sua sexualidade e aos homens em geral, fazendo com que, muitas das tradicionais barragens nos códigos de valores morais, especialmente associados ao feminino, fossem sendo alteradas e novas exigências surgindo. A expressão de erotismo, desejo, de vários orgasmos, assim como o controle ejaculatório, a qualidade e a quantidade de ereções, passaram de possibilidades a necessidades e, posteriormente a obrigações e disfunções.

Por pressão sócio econômica, obrigou-se a ambos do casal, a sair em busca de trabalho, o que propiciou ganhos econômicos e possibilidades de outros sonhos e realizações para as mulheres. Porém no trabalho exige-se (competência, independência, objetividade e realizações), características incomuns na tradicional educação feminina, o que gerou novas determinações e angústias pelas dificuldades encontradas. Com as mulheres trabalhando fora, houve a necessidade de participação doméstica masculina, de um companheiro, mais que somente um provedor. Novidade no mundo dos homens, o que também gerou ansiedade e conflitos (JABLOSKI, 1999; ANDRADE-SILVA, 2003).

Na constituição brasileira de 1988, redefiniu-se o conceito de família e esta passou a ser considerada como: uma união estável entre um homem e uma mulher ou qualquer dos pais e seus descendentes - com igualdade de direitos e deveres. Em maio de 2011, observou-se em nosso país, a extensão desta legalização, para as uniões homoafetivas.

Dentre a pluralidade conjugal observam-se variações, quanto ao tipo de família: Família Tradicional, Família Monoparental (quando um dos conjugues está ausente) e Família Reconstituída (quando existe mais de um casamento para alguém do par). Nestas transformações, muitos desafios, muitas dificuldades e conflitos: econômicos - sociais - emocionais - afetivos e sexuais (BUCHER, 1999; RUDINESCO, 2002)

Observa-se também, variações quanto ao tipo de inserção da mulher no mercado de trabalho, o que também propiciou alterações e reações nas interações dos casais. Segundo (DINIZ, 1999), dentre as variantes encontram-se: - Casamento tradicional (o homem trabalha, é o provedor e a mulher é do lar), estruturado por cooperação e clara delimitação de papéis masculinos e femininos. - Casais com duplo trabalho (atividades que não requerem alto grau de

instrução, o casal trabalha por razões financeiras e não se exige investimento, após jornada). - Casais com dupla carreira (profissões conhecidas como carreiras, com etapas de progressão), o que exige instrução, treinamento, comprometimento e reciclagem, além de trabalho fora da jornada. Nestes casos observa-se maior afastamento dos papéis de gênero tradicionais, exigindo flexibilidade e constituição de novos modelos de conduta nos casais. - Casais mistos (um tem carreira e o outro trabalho). Quando a carreira é do homem, é considerada muito importante e o trabalho da mulher secundário. Casos onde os papéis de gênero permanecem tradicionais e sobrecarregados para o feminino. Porém, quando é ela quem tem carreira, e esta gera “status” e dinheiro, e ele tem trabalho, ocorrem muitos conflitos e freqüentes separações. - Casais em trânsito (viajam muito ou moram durante a semana em outra cidade). Nestes casos, percebe-se a necessidade de muita flexibilidade dos papéis tradicionais e a ocorrência de maiores intensidades de conflitos. E mais recentemente encontram-se os - Casais interculturais, novidades do mundo atual, que gera muita complexidade relacional e de adaptações às diferentes situações, gerando muitos conflitos. (PAPP, 2002).

As alterações com o trabalho feminino fora de casa e a incidência de conflitos, parece depender de alguns fatores como: número de horas trabalhadas pela mulher, remuneração e *status*, importância atribuída ao trabalho por ambos os conjugues, intensidade do envolvimento da mulher com a carreira e terem ou não filhos. Observa-se que, quanto mais congruência entre os parceiros, menor incidência de conflitos.

O trabalho fora para o mundo feminino, parece ter trazido vantagens e desvantagens. Quanto às vantagens citam-se: melhoria de auto-estima, independência, melhor condição de vida, afinidade intelectual entre os parceiros, competência aumentada e melhoria na saúde física e psíquica. Quanto às desvantagens apontam-se: sobrecarga, cansaço, *stress*, falta de tempo para a família, para se cuidar e para a administração da casa; fazendo com que o relacionamento afetivosexual, pague o ônus. Segundo pesquisas (BUCHER, 1999; PAPP, 2002), os casais tendem a priorizar: a si mesmos, aos papéis parentais e profissionais e, só por último, a eles como casal. Mencionam a importância das relações afetivosexuais, porém não cuidam. Observa-se crescente incidência de famílias reconstituídas, alta incidência de problemas relacionais diádicos e queixas de disfunção sexual, tendo-se como principais queixas para o divórcio: a infidelidade, insatisfação sexual, desatenção e a incompatibilidade. (FERES-CARNEIRO, 1999).

Casamento x Trabalho x Sexo x Individualismo, constantes no mundo de hoje, (BAUMAN, 2004), têm promovido muitas alterações. No casamento tradicional, as normas eram fixadas e estáveis, onde o homem deveria ter trabalho, fazer a manutenção da família e ser mais livre para sexo. Enquanto a mulher deveria dedicar-se ao lar e aos afazeres domésticos, promovendo a estabilidade da família, sendo compreensiva, afetiva, educando os filhos e atendendo aos desejos do esposo. No entanto hoje, homens e mulher precisam ter e se dedicar ao trabalho, à vida conjugal e familiar, além de encontrar tempo para lazer, sexo e afeto. Exige-se que ambos tenham ganhos econômicos, para realização de sonhos pessoais e manutenção da família, gerando crises entre o individualismo da autonomia e satisfação pessoal, e os necessários ceder e compreender da conjugalidade.

Vive-se em um tempo que corre rápido, em um processo de individualismo crescente, em que as pessoas e os casais têm que produzir mais, ter mais, saber mais e ser mais, gerando falta de tempo e angústia. Com isso, cresce a necessidade de urgência resolutiva, onde o “EU” assume grande proporção e o “nós”, fica na maioria dos casos para depois. Fato que propicia baixo investimento na relação, gerando incertezas, relatividade dos vínculos, desinteresse e progressivo distanciamento. Constituindo-se assim, maior fragilidade diádica, em uma era, do chamado “Amor líquido” (BAUMAN, 2004). Como investir muito em algo que está fora do controle do “Eu”, algo associado às necessidades do “Eu” do “Outro”. Como navegar em um terreno fora do controle individual, que pode se liquefazer, simplesmente pelo desejo do outro.

Observa-se maior incidência de divórcios, de mães solteiras, mulheres cabeças de casal, homens morando com filhos, casais homossexuais, uso de inseminação artificial, casais morando em casas separadas, recasamentos etc. Enfim, casais constituindo-se em novas formas de interação, que exigem do terapeuta trânsito por muitas realidades, linguagens, símbolos e significados, sinalizando que as disfunções sexuais no casal, constituem-se em mais um item nesta trama, fazendo com que sua importância deva ser avaliada, segundo cada pessoa, cada casal e o momento por eles vivenciado.

Quando se fala de casal, pensa-se naquilo que promoveu sua aproximação e intenção para a formação deste par. É preciso que se reflita sobre a atração interpessoal, paixão, enamoramento, desenvolvimento dos afetos e do amor. No entanto, o casal forma-se por diversas razões, onde o romance, atração sexual e a paixão, são algumas delas. Outras necessidades fazem parte destas escolhas e dentre elas estão: razões econômicas, formação de família, *status* ou adequação

social, carência afetiva, fugir de situações desagradáveis, ter filhos, religião, solidão etc. Portanto, nem todos se escolhem por afinidades sexuais e, o terapeuta precisa ter em mente, que tais escolhas, aconteceram em atendimento às necessidades da pessoa, de sua estrutura de personalidade e do momento da constituição deste vínculo. Processo nem sempre consciente, ou estável, mas com forte significado, para o entendimento dos problemas.

Precisa-se refletir sobre: Quais os motivos da união? Qual a importância de sexo para cada um? Como era e desde quando se alterou? Qual a importância do orgasmo, do prazer, ou da penetração no sexo? Qual a importância do outro do par, para ele ou para ela? Em que outros momentos, o outro é muito ou mais importante que em sexo? Em que época da vida o problema sexual está ocorrendo? (jovens, adultos jovens com filhos pequenos, meia idade com filhos maduros, terceira idade). Saber sobre o trabalho, stress, dinheiro, tempo, família, filhos, religião, doença.

Qual a importância do problema sexual? Para si mesmo, para o outro e para a relação, pois o “outro” é um importante mobilizador da sexualidade do “um”. O casal constitui-se da interação dinâmica entre a forma de ser e demonstrar de um, e sua interferência na maneira de sentir e se mostrar do outro. Se um apresenta pouco interesse afetivo, isto pode gerar pouco interesse sexual no outro. Assim como, quando um demonstra pouco interesse sexual, pode gerar baixo interesse sexual no outro. O comprometimento do desejo implica em: desconfiança, insegurança, ciúmes, vigiações, cobranças, exigências e, até percepções de que o casamento acabou. Sequencialmente promovendo distanciamento, individualização, raiva, traição, conflitos e até separações.

A variabilidade da intensidade do desejo sexual, sua diminuição ou inibição, por vezes é consequência de problemas conjugais e, em outros é o detonador destes problemas. Por vezes, é consequência de outro problema sexual, como: falta de orgasmo, de jogos sexuais, de lubrificação, dispareumia, vaginismo, falha de ereção, ejaculação precoce ou retardada. Em outros é consequência de problemas familiares, de saúde, psicológicos, de trabalho ou sociais. Portanto, dependendo da interação entre os vários vetores, que interferem no desejo sexual (Modelo vetor matemático de MASTERS E JONHSON,1997; KAPLAN,1999), a relação conjugal será mais ou menos atingida.

Ereção, penetração e orgasmo, têm fortes significados para homens e mulheres, pois sinalizam os desejos deles para eles mesmos e por elas. A identidade masculina encontra-se

vinculada à força, poder, virilidade e êxito, processos constantes na vida do homem e com relação direta com o pênis e seu funcionamento. A disfunção erétil e a ejaculação precoce são as disfunções masculinas, mais frequentes (ABDO, 2004). São responsáveis por contaminar de forma incisiva a vida de um homem, atingindo seu: humor, autoconceito, vida relacional, vida profissional e sua relação afetiva e sexual. Estas disfunções podem produzir evitação sexual, por medo de falha e, ou de críticas do outro do par. Podem gerar encolhimento sexual, sentimentos de incompetência, inferioridade, desprezo por si mesmo, álcool e, ou drogas. Ao contrário, também podem levar a evitação, raiva, críticas, traições e agressões à parceira(o).

A falha de ereção do parceiro pode gerar na parceira(o), diminuição de excitação, de desejo ou anorgasmia. Além de produzir: insegurança - sentimentos de inferioridade e medo. Pois a disfunção erétil induz a sentimentos e representações, muito além de uma falha física erétil. Ocorrem questionamentos quanto: ao interesse dele por ela, a qualidade dos vínculos, inadequação, não mais ser erótica(o) pra ele; o que gera desconfiança, vigiações e ou distanciamento afetivo para sua própria proteção.

As parceiras(os) sexuais de homens disfuncionais são parte ativadora e receptora de sentimentos e reações vivenciadas nestes momentos. Reações que afetam a dinâmica do casal como: exigência de desempenho sexual, raiva, críticas, inferiorizações diretas ou indiretas, além do processo de descontar consciente ou inconsciente em outros campos da interação. Ou ao contrário, podem apresentarem-se compreensivas(os) e oferecer suporte afetivo e ou incentivo para a busca de auxílio. Por vezes, a reação depende de como ele expressa o problema, da qualidade dos vínculos de confiança e afeto, ou do tipo de problema associado. O que pode promover união na resolução do problema, ou sérios conflitos no casal.

O uso de medicações e ou prótese, poderá ser mais aceita, sempre que houver participação da(o) parceira(o) na tomada desta decisão. Pois quando ela(e) não foi consultada(o) e foi pega(o) de surpresa, normalmente sente-se alijado(o) da vida do parceiro, o que pode causar outros conflitos no casal.

Também a ejaculação precoce, pode ser causadora de grandes dificuldades relacionais, pois ansiosos, produzem uma relação mecânica e rápida, onde o encontro e prazer ficam em segundo plano, não permitindo tempo à excitação e orgasmo de sua (seu) parceira(o). Por vezes, até mesmo acusam a(o) parceira(o), de incompetência em se excitar, camuflando sua própria disfunção. Porém, dependendo da intensidade como o problema manifesta-se, as reações também

serão variadas. Pode ocorrer já nas primeiras carícias, gerando muita decepção, frustração, insegurança, irritação, raiva, evitação e conflitos. Porém, os problemas conjugais podem ser minimizados, dependendo da forma como a(o) parceira(o) consegue ter seu orgasmo, da valorização que dá à penetração, da forma como ele tenta compensá-la(o) nos jogos e carícias, para que consiga ter prazer, assim como: da qualidade dos vínculos, da tolerância à frustração e das reações do outro.

A frustração da(o) parceira(o) pode gerar raiva, e desencadear cobranças, e críticas, não só a ele sexualmente, mas a ele como homem. Ameaças muitas vezes veladas ou até mesmo diretas, quanto à referência a outros parceiros. Por vezes, ele cada vez mais inseguro, se encolhe, inferioriza-se, deprime e abusa do álcool. Ou sente raiva e a necessidade de descontar, crescendo e agredindo em outro campo de interação.

A ejaculação retardada, disfunção menos freqüente, também causa dificuldades na relação a dois. Por vezes, observa-se diminuição de desejo na(o) parceira(o), pois a disfunção provoca a percepção de que, ele não tem mesmo é "tesão" nela(e) e, com isso surgem desconfianças, sentimento de menos valia, cansaço e evitação sexual.

Também os(as) parceiros(as) de mulheres disfuncionais são ativadores e ou receptores dos problemas sexuais delas atingindo, não só a interação sexual como a dinâmica conjugal. No transtorno do orgasmo, por exemplo, é preciso que se saiba se: - Ela(e) tem orgasmo quando se masturba? Se tem por manipulação? No sexo oral? Com outras pessoas? Se já teve e deixou de ter? Só não tem na penetração? Desde quando o problema ocorre? Que significantes estão associados?

Como ela se percebe com esta disfunção? Como percebe a interação sexual que têm? Responsabiliza o(a) parceiro(a)? Como ele(a) reage a anorgasmia? Critica, compara, inferioriza? Sente-se menos importante, em função dela(e), não ter prazer com seu pênis? Finge que não percebe e ou ela(e) nada fala, mas sente-se infeliz, inferior e, ou por vezes, percebe o(a) parceiro(a) como muito pouco interessado(a) em seu prazer, ou mesmo nela(e) de forma geral.

Quando há falta de jogos sexuais e a relação ocorre de maneira direta e mecânica, o(a) outro(a) do par, tem dificuldade de excitação, orgasmo e como consequência o desejo sexual vai desaparecendo. Por outro lado, o outro do par, pode achar que já tentou muito, mas como não nada deu certo desistiu e agora pensa a relação realmente só para si, não se importando mais com o prazer dela(e).

A anorgasmia pode gerar como consequência sentimentos de inferiorizações, distanciamento, pouca tolerância, evitação de sexo, crítica veladas ou diretas. Tudo depende da estrutura de personalidade das pessoas envolvidas e da forma como o problema ocorre, podendo levar a insatisfações em geral e sérios conflitos.

O vaginismo apresenta-se com intensidade variada e, em alguns casos, dissociado de repressão sexual. Em algumas existem variações sexuais com: manipulação clitoriana, sexo oral e ou até mesmo penetração anal, com prazer e orgasmo para ambos, impossível é a penetração vaginal, com isso, alguns casais conseguem viver contornando esta condição, até mesmo por anos, só procurando ajuda, quando querem engravidar ou quando o parceiro, já não tolera mais e as reclamações, brigas e conflitos, atingem o cotidiano conjugal e eles a ameaçam com a separação (ANDRADE-SILVA, 2009).

Por vezes, o vaginismo gera nos parceiros diminuição de desejo, falha de ereção ou ejaculação precoce, assim como sentimentos de inferioridade, incompetência, medo de que ela não tenha é “tesão” nele. Nelas sentimentos de inferioridade, incompetência e insegurança como mulher e em geral. O casal se encolhe para que ninguém desconfie, não falam disso com outros, pois tem vergonha de sua incompetência. Os parceiros são muitas vezes homens, compreensivos, sensíveis e que se acomodam, sem impingir sua vontade. Relatam que não suportam vê-las sofrer por causa deles, ou mesmo se excitar com as caras, choros e trancamentos, que elas fazem, quando tentavam a penetração. Em outros é o problema dela que encobre o dele, como uma ejaculação precoce ou falha de ereção à penetração. O encontro de tais casais ocorre, pelas características deles, pois elas relatam que sempre fugiram de homens mais incisivos, diretos e viris.

Quanto à dispareunia, por vezes, encontra-se relacionada à não excitação, ou a falta de lubrificação, por penetração mais direta, não dando tempo para que ela se excite. Em outros casos surge mais tarde e encontra-se associada à menopausa, ou a alguma DST, ou um outro problema ginecológico. Portanto, dependendo da origem do problema e da forma como o casal interage com a dificuldade, as relações conjugais serão afetadas de formas distintas. Por vezes, elas não falam sobre o desconforto e vivenciam tensão, evitação sexual, anorgasmia e diminuição de desejo. Em outros casos comentam e o parceiro entende e insiste que procurem um médico. No entanto outros se tornam impacientes, inferiorizam e humilham. Tornam-se brutos e agressivos, e o mau humor e as grosserias, estendem-se ao convívio da família em geral.

Diante de todo o exposto, fica claro, que toda dinâmica entre as disfunções sexuais e as relações conjugais é um processo interdependente. Depende de cada um do par, do significado do outro e de sexo para cada um, dos vínculos de intimidade e confiança estabelecidos, do significado da união, da etiologia da disfunção, de como lidam com o problema, do momento da relação a dois e do tipo de vida sexual que tiveram antes. Assim, é preciso frisar, que cada casal tem um mundo próprio e, as ações terapêuticas de atendimento ao casal, têm tomado por base recursos de várias correntes teóricas, que tentam entender e embasar o atendimento aos diferentes casais atuais.

## Referências

ABDO, C.H.N. ET AL. **Estudo da Vida Sexual do Brasileiro**. São Paulo: Bregantini, 2004.

ANDRADE SILVA, M.C. Terapia Sexual e Inclusão Social. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, 14(2). São Paulo: Iglu, 2003, p.27-37.

ANDRADE SILVA, M.C. e CARVALHOSA, R. atendimentos no Ambulatório de Sexologia e Psicossomática do Hospital Municipal de Ensino da Piedade em parceria com a Disciplina de Ginecologia da UGF. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, 20(2). São Paulo: Iglu, 2009, p.109 -130.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar ed., 2004.

BUCHER, J. S. N. O casal e a família sob novas formas de interação. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Casal e Família: entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: NAU, 1999.

DINIZ, G.R.S. Homens e mulheres frente à interação casamento-trabalho: aspectos da realidade brasileira. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) **Casal e Família: entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: NAU, 1999.

FÉRES-CARNEIRO, T. Conjugalidade, um estudo sobre as diferentes dimensões da relação amorosa heterossexual e homossexual. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org) **Casal e Família: entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: NAU, 1999.

JABLONSKI, B. **Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo**. Rio de Janeiro: AGIR, 1998.

KAPLAN, H.S. **Transtornos do desejo sexual: regulação disfuncional da motivação sexual**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda. 1999.

MASTER, W. JOHONSON, V. e KOLODNY, R. **Heterossexualidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.



PAPP, P. Casais em perigo - novas diretrizes para terapeutas. In: PAPP, P. **Casais em perigo - novas diretrizes para terapeutas** (org). Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

RUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zarár, 2002.

STERNBERG, R, J. The Triangle of Love. In: STERNBERG, R.J. and BARNES, M. L. (eds.) **The Psychology of Love**. Yale University Press, 1988.

**TEMA: ENTRE MITOS E VERDADES: HÁ PRAZER E SEXO NA  
2ª IDADE?**

# SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO

*Arnaldo Risman<sup>1</sup>*

## *SEXUALITY AND MATURITY*

**Resumo:** O presente artigo esclarece fatores culturais, sociais, psicológicos e biológicos do exercício da sexualidade humana e suas possíveis mudanças no processo da maturidade do ser humano. O ciclo de resposta sexual funcionou como um guia de referência para poder descobrir alguns fatores que devem ou não levar o sujeito a construir inadequações sexuais no processo do envelhecimento. Objetivou-se um entendimento sobre a segunda idade e sua importância na construção da vida afetiva sexual.

**Palavras-chave:** Sexualidade. Maturidade. Envelhecimento. Segunda idade.

**Abstract:** This article clarifies: cultural, social, psychological and biological factors of human sexuality exercise and its possible changes in the process of human being maturity. The sexual answering cycle as a reference guide, in order to discover some factors that should, or not, lead the individual to build sexual gaps in the process of aging and also building an understanding of the second age and its importance in building his or her sexual love life.

**Keywords:** Sexuality. Maturity. Old age. Second age.

### **Introdução**

Envelhecer é uma arte em construção. Esta arte não tem um fim, pois exige uma postura de vida. O ser humano não possui um diagrama concretizado para o processo de saúde e prevenção, mas somente um olhar comum que enxerga num espelho tradicional da cultura e sociedade em que vive.

A sexualidade é um tema de difícil compreensão entre os seres humanos. A dificuldade vem sendo trazida pela cultura milenar, acompanhada por seus mistérios, segredos, mitos e tabus. Muitos são os motivos dessa dificuldade, entre eles o mito de que, ao entrar no processo de maturidade ou do envelhecimento, o ser humano só vai perdendo o poder de manter uma vida

---

<sup>1</sup> Psicólogo, Especialista em Psicologia Clínica pelo Conselho Regional de Psicologia/RJ, Mestre em Sexologia e pós-graduado em Sexualidade Humana pela Universidade Gama Filho (UGF), membro pesquisador do Centro de Pesquisa do Comportamento e Sexualidade, Cepcos/SP, membro do Comitê de Ética em Pesquisa, Coordenador da Pesquisa Pedofilia: em defesa de um corpo em desenvolvimento e Coordenado do Laboratório de Violência e Gênero e Professor da Universidade Severino Sombra, USS/Vassouras. e-mail: arnaldo\_risman@hotmail.com

afetiva sexual e, com esta visão muitos adotam a postura onde a cultura em geral reforça: o silêncio do desejo.

O “não dito” ou, popularmente, o não verbalizado, produz um silêncio interno com sentimento de ausência, em que o sujeito começa a produzir pensamentos solitários que fazem com que o seu lado saudável se torne uma grande armadilha para quedas significativas em sua qualidade de vida.

O silêncio apresenta resultados no campo da sexualidade humana, no exercício do prazer a dois, prejudicando a vida afetivo/sexual por não conseguir direcionar suas dúvidas relacionadas à sexualidade e, assim, fica o sujeito amarrado na cultura da “assexualidade humana” e, conseqüentemente, da infelicidade.

Neste artigo daremos explicações e pretendemos ajudar ao “não dito” abrir suas janelas e deixar o sol dar vida em seu corpo vivo de sentimentos até então escondidos.

### **A verdade de um ser desejante e desejado**

Nascemos para viver e desejar. O corpo é o que mais busca este objetivo e, assim, precisamos nos permitir deixá-lo experimentar, com a devida responsabilidade, o sabor do prazer.

O caminho do prazer é aprendido, cultivado, construído, alimentado e semeado, como se fosse o conto de fadas de “João e Maria” o menino, para não se perder em sua trajetória, deixa no caminho migalhas de pão e sementes, mas os pássaros, com sabedoria, começam a se alimentar daqueles pequenos e saborosos petiscos e, assim, os irmãos acabam se perdendo na floresta.

Somos “João e Maria” e acreditamos inicialmente que, em nossa caminhada da vida afetiva sexual não teremos problemas. Afirmamos muitas vezes que sabemos de tudo e que deixamos marcas pelo caminho para um dia voltar quando for a “hora certa”. No entanto podemos nos perder frente à incorreta orientação.

Mais uma vez lembro-me da letra da música do cantor e autor Geraldo Vandré “Pra não dizer que não falei das flores” e do trecho famoso: “quem sabe faz a hora, não espera acontecer” do autor Geraldo Vandré. É uma grande verdade. Mas temos muito medo de arriscar e, assim, possuir a responsabilidade de nossas ações ditas desviantes da norma social e cultural.

A sexualidade e o seu exercício transmite esta insegurança, pois não sabemos onde vamos parar e por este motivo, várias vezes, por medo, não conseguimos nem semear o futuro de nossa afetividade.

Mas onde poderíamos parar num processo de amadurecimento sexual? Onde poderia dar errado se estamos maduros para tal ato? O afeto é tão difícil de ser vivido? O exercício da sexualidade dá medo de quê?

Diante do amadurecimento, aprendemos muito, mas deixamos de lado aprendizados significativos para a continuidade do desejo de cada um de nós por sermos moralmente fieis a mitos e tabus fortes da sexualidade sejam eles, por exemplo, voltados ao masculino, o medo de não falhar; seja no feminino, corpo e beleza, prioritariamente.

Mitos que prejudicam a vida de um sujeito depois de alguns anos de vida, pois todos nós somos mutáveis psicologicamente e corporalmente diante do tempo. Ressalte-se que mudanças não são negativas, desde que nos permitimos aprender com cada uma delas, encarando-as como mudanças naturais da vida.

Algum ser humano pode reclamar da mudança de um corpo de criança para um de adulto quando aprendemos que esta transformação está voltada também para o exercício do prazer e orgasmo?

Claro que estou falando dos humanos que gostam de sentir prazer com seu corpo e também oferecer ou ser um “colaborador” do prazer do outro.

Somos desejáveis, desejantes e precisamos aprender algumas possibilidades que podem ocorrer durante a segunda idade. O termo “segunda idade” foi utilizado pela primeira vez pela equipe do Cepsos/SP (Centro de Estudo do Comportamento e Sexualidade/ SP) no Congresso Latino-americano de Medicina Sexual na Argentina em 2011, no Simpósio intitulado “Sexualidade, Envelhecimento e Segunda Idade”.

### **Aprendendo na segunda idade**

“Segunda idade” de acordo com o Cepsos (2011) compreende a idade de 35 a 59 anos. Nesse período, o ser humano reavalia seus objetivos de vida e cria novos desafios para a vida que segue com a maturidade e o aprendizado. No campo da sexualidade humana e, em seu exercício algumas práticas se modificam, sendo inevitável o decréscimo do ritmo sexual comparando-se à etapa anterior. No entanto, a sociedade nos impõe uma postura condicionada que acaba prejudicando o exercício natural e aprendido durante nossas experiências. Sobre esta forma de verificar a manifestação da sexualidade como uma conduta condicionada a um determinado papel, Vasconcelos (1994, p.48) salienta que a sociedade, por via de sua postura rígida, reforça

que só há uma forma de desenvolver a sexualidade e que esta forma está condicionada a uma fase da vida, o que prova a ignorância existencial diante das estações do desenvolvimento da existência. Ignora-se que a sexualidade madura tem seu ritmo próprio e sua manifestação peculiar e que esse fruto está ali para ser colhido e saboreado em sua doçura.

O sujeito precisa, então e necessariamente, se questionar e sair do condicionamento para verificar a sua própria sexualidade: corpo, reações corporais aos estímulos do toque, do cheiro, da pele entre outras formas de descobertas que são aprendidas durante a vida. Aos poucos, as mudanças vão aparecer de forma que, se não houver a abertura de conceitos, poderemos ficar restritos a boas lembranças do passado e deixar de viver as sensações boas que o corpo pode ainda nos oferecer.

Entretanto, vivemos frente às cobranças sociais: Quando casa? Quantos filhos terão? Já possui segurança no trabalho? Todas as cobranças sociais permanecerão, mas é interessante notar que a cobrança da permanência saudável da sexualidade, essa não será mais cobrada. Por isso, na segunda idade que devemos rever e reavaliar o nosso aprendizado básico de mudanças que acontece com a nossa sexualidade.

### **Fatores orgânicos e psicológicos importantes para a sexualidade**

A falta de informação sobre o processo do amadurecimento, assim como das mudanças na sexualidade, em diferentes faixas etárias, tem auxiliado na manutenção de preconceitos e, conseqüentemente, na estagnação das atividades sexuais das pessoas. Taborda (1984, p.91) afirma que a plena e pura ignorância sobre as mudanças do corpo nas etapas da vida causam disfunção sexual e o indivíduo entra em ansiedade por julgar ruim seu desempenho, reforçando, assim, todos os preconceitos culturais.

Muitas pessoas, pela formação reprimida que tiveram, possuem uma dificuldade em falar sobre sexo, dificultando o esclarecimento de suas dificuldades nesta área. Por isso, é comum em consultório, homens e mulheres aparecerem com dúvidas básicas relacionadas ao exercício da sexualidade seja voltado a questões emocionais e/ou orgânicas.

Ressaltamos um importante estudo da década de 60, realizado nos EUA pelos pesquisadores Masters e Johnson, que demonstraram a existência de um ciclo de resposta sexual em que homem e mulher passam desde o início do encontro sexual até o orgasmo, e que, neste ciclo as modificações não são negativas no período do amadurecimento.

Na segunda idade este ciclo vai se modificando lentamente de forma que a quantidade passa para a qualidade da relação sexual do casal. Neste momento, em que o sujeito verifica esta mudança, se faz necessário um aprendizado anterior para que não crie conflitos em sua relação afetiva. De outra forma, torna-se um momento delicado para os que são desinformados em relação à sexualidade humana.

Master e Johnson (1981, p 53) ao verificarem o comportamento sexual, constataram a existência de um ciclo de resposta sexual. De acordo com os pesquisadores, o ciclo divide-se em: (1) fase da excitação; (2) fase do platô; (3) fase do orgasmo; (4) fase da resolução.

A primeira fase é a excitação, que se inicia através de estímulos que podem ser visuais ou psicológicos. A partir desses estímulos, sendo eles adequados às necessidades individuais, a intensidade da resposta aumenta e prolonga-se. Após a excitação, ambos entram na fase do platô, em que as tensões sexuais aumentam de intensidade. A duração desta fase irá depender da eficácia dos estímulos empregados nas necessidades individuais para que, assim, possa ou não ocorrer o prolongamento deste período. Ao acumularem uma grande carga de tensões sexuais, o casal atinge o orgasmo e assim acontece a última fase que é a da resolução, em que ambos relaxam.

Não podemos afirmar de forma concreta que o orgasmo masculino e feminino ocorra no mesmo momento, pois, cada ser humano possui seu ritmo e esta característica é importante salientar. Muitos problemas de casais surgiram por acreditar e, também impor, o orgasmo no mesmo momento. As fantasias e formas de prazer são importantes de serem respeitadas na intimidade de cada casal e, assim, respeitar a singularidade. Importante também comentar que, mesmo que o ciclo seja demonstrado de forma bem didática, deve-se estar atento, pois este poderá sofrer modificações de indivíduo para indivíduo, em termos de tempo, disposição, educação, informação e um fator primordial que é o desejo de estar com o (a) parceiro (a).

A questão do desejo sexual é igualmente importante para a compreensão da sexualidade valorizada por Kaplan (1983, p 76), que, em sua teoria, inclui esta fase no ciclo sexual. Sendo assim, para a autora, o ciclo divide-se em: (1) fase do desejo; (2) fase da excitação; (3) fase do orgasmo.

Nas últimas décadas Basson (2000, p 56) reavalia o desejo sexual feminino e descreve a modificação do ciclo sexual feminino que se transforma de acordo com o tempo de uma relação monogâmica ou de longo tempo. No início da relação sexual, o desejo é ativo e, com fantasias e

“carências”, mas no decorrer do tempo a possibilidade da diminuição do desejo sexual acontece nas mulheres diferentemente do homem, pois este possui uma sexualidade mecanizada sem, necessariamente, fatores com admiração entre outras características femininas.

### **Ciclo de resposta sexual em mulheres na segunda idade (maturidade)**

Segundo Masters e Johnson (1981, p 76), as modificações que ocorrem na mulher, no que se refere ao ciclo de resposta sexual, iniciam-se no período da menopausa, pois, nesta fase, ocorre uma diminuição da produção dos hormônios estrogênio e progesterona pelos ovários. Mais adiante, no período pós-menopausa, esta diminuição de hormônios poderá acarretar uma demora na lubrificação vaginal na fase da excitação, provocando dores (dispareunia) em algumas mulheres na hora da penetração. No entanto, Kolodny, Masters e Johnson (1982, p 54) salientaram que esta dificuldade de lubrificação poderá aumentar pela falta de atividade sexual, ou seja, se a mulher mantivesse o exercício da sexualidade, o ressecamento vaginal seria menos observado.

Após a fase da excitação, a mulher passa para a fase do platô, na qual irá apresentar mudanças na resposta fisiológica e, em seguida, entrará na fase do orgasmo, percebendo uma diminuição das contrações da plataforma orgástica no terço externo da vagina, sendo esta fase significativamente mais curta do que nas mulheres mais jovens. E, finalmente, após o orgasmo, a mulher chegará à fase da resolução, que também é considerada mais curta em comparação a mulheres jovens. Segundo Kaplan (1974, p.119), mesmo ocorrendo o processo de envelhecimento e que este modifique algumas características anatômico-fisiológicas no ciclo de resposta sexual, a mulher tende a não perder a oportunidade de apresentar o desejo sexual e orgasmos em suas relações sexuais. A autora confirma esta posição, quando comenta que, de um ponto de vista puramente fisiológico, a libido deveria aumentar durante a menopausa, porque a ação dos andrógenos da mulher, que materialmente não é afetado pela menopausa, agora não é combatida pelo estrógeno. Confirmando a definição da autora, Hite (1981, p. 387), em sua pesquisa realizada nos EUA, demonstrava, através de depoimentos de mulheres de idade mais avançada, que a energia libidinal continua presente na vida do ser humano, como por exemplo: “acho que a idade não muda muito o sexo. São as circunstâncias que o determinam. Em anos recentes, tive muito mais prazer sexual com meu marido e com outros.” No entanto, alguns fatores podem interferir no processo do ciclo sexual; entre dentre estão o social e o psicológico.



Dentre os tópicos presentes nas questões acima citadas, estão: o preconceito pelo desejo e a manifestação da sexualidade; a falta de parceiro; dificuldade ou medo de enfrentar novas relações, uma educação rígida em relação à sexualidade e problemas na saúde do parceiro. Diante desses casos, muitas mulheres entram em abstinência secundária, pois quando seus parceiros percebem a existência das modificações em seu desempenho sexual, seja por causa da idade ou pela doença, deixam de exercer sua sexualidade por acharem que estão ficando “impotentes”. Assim, comprova-se a dependência, da sexualidade feminina, dos reforços promovidos pelo homem.

Bancroft (1989) sinaliza outro fator importante na relação a dois, e que, muitas vezes, sua falta prejudica a continuidade dos encontros amorosos, que é a novidade nas relações sexuais, ou seja, a falta de inovação e o tédio são fatores importantes que contribuem para o declínio das atividades sexuais.

### **Ciclo de resposta sexual em homens na segunda idade/ maturidade**

O processo de envelhecimento também atinge o ciclo de resposta sexual na vida do homem. De acordo com Masters e Johnson (1985, p 54), quando o homem no processo do envelhecimento entra na fase da excitação a ereção não ocorre tão facilmente, em comparação a sua idade jovem. Neste caso, muitas vezes, é necessário que a parceira realize mais jogos sexuais para que a ereção ocorra. É importante salientar que esta dificuldade em adquirir rapidamente uma ereção é igual a da demora da lubrificação vaginal quando a mulher atinge uma idade avançada.

Quando o homem passa da fase da excitação para a do platô, ele irá verificar uma modificação em relação ao tempo, ou seja, o homem poderá desfrutar mais das tensões sexuais sem estar preocupado com a emissão ejaculatória. Neste momento, de acordo com Risman (1995, p.57) os parceiros poderão participar de brincadeiras, trocar carícias e explorar o corpo com maior intensidade, ampliando assim o exercício da sexualidade do casal.

Confirmando esta visão positiva da fase do platô no homem maduro, Masters e Johnson (op.cit.) afirmam que o controle da ejaculação dos homens torna se uma grande vantagem na relação sexual. Após este período, o homem passa para a fase do orgasmo, onde deverá verificar a existência de uma diferença na maturidade. O processo ejaculatório, ainda segundo esses

autores, é dividido em dois estágios, que são: a inevitabilidade ejaculatória e a saída do líquido seminal.

Na inevitabilidade ejaculatória, o homem tende a sentir que a ejaculação está para ser realizada e a sensação do não controle. Esta sensação é manifestada pelas contrações da glândula prostática e das vesículas seminais. No segundo momento, o estágio equivale à saída do líquido seminal.

O homem, na maturidade, desenvolve variáveis entre estes dois estágios existentes na fase do orgasmo. No indivíduo de idade avançada, o tempo da experiência orgástica é menor e o primeiro estágio pode não ocorrer no ciclo de resposta sexual. No entanto, se o estágio da inevitabilidade ejaculatória for percebido, este é alterado em relação ao tempo que diminui de dois a quatro segundos para um ou dois segundos.

Alterações também ocorrem na fase da resolução. O tempo refratário, isto é, o período que vai da ejaculação até uma nova ereção torna-se maior. Por vezes, uma nova ereção poderá demorar horas ou até dias, diferentemente do que ocorre com os jovens que necessitam, normalmente, de alguns minutos para terem uma nova ereção.

Diante das mudanças que ocorrem na resposta sexual pelo processo de envelhecimento masculino, pode-se pensar que estes itens fazem parte do início da decadência sexual do homem. No entanto, estas alterações não influenciam as sensações prazerosas de uma relação sexual. Masters e Johnson (1985, pag.123) afirmam que:

“alterações fisiológicas definitivas parecem não subtrair da experiência orgástica do homem na interpretação subjetiva do que usualmente é de extremo prazer sensitivo. O episódio é totalmente aproveitado, independente de o primeiro estado ser significativamente alterado ou mesmo totalmente omitido na experiência. As reduções evidentes na pressão ejaculatória e no volume não alteram a focalização básica do homem sobre o prazer sensitivo da experiência”.

Contudo, a falta de esclarecimento sobre estas alterações fazem com que o homem deixe o exercício da sexualidade, como já foi citado anteriormente. Ainda, segundo Bancroft (1989, p 5), na pesquisa americana de Martin, relata que estes resultados são considerados funcionais para os homens de meia-idade e idade mais avançada, pois a amostra foi composta de homens saudáveis possuindo estabilidade econômica e relações conjugais estáveis.

Demonstra-se, assim, que o exercício da sexualidade, com o passar dos anos, modifica-se por motivos variados, porém esse grupo, por muitas vezes, permanece na exploração das sensações corporais que ainda possam desfrutar.

Diante dos estudos farmacológicos, cirurgias plásticas e de próteses para ambos os sexos a sexualidade tomou um rumo diferenciado, não nas teorias existentes, mas, na atividade sexual e autoestima do casal facilitando em muitos casos o reencontro com a sexualidade deixada de lado por preconceitos sociais e culturais.

### **Considerações finais**

Através das informações oferecidas, até o presente momento, podem-se tirar algumas conclusões importantes para o entendimento sobre a questão da atividade sexual maturidade.

Com as modificações existentes no ciclo de resposta sexual durante o envelhecimento, os papéis na atividade modificam-se entre o homem e a mulher. Quando a mulher inicia a sua experiência sexual, geralmente, o homem com mais experiência ajuda a parceira a conhecer o seu corpo e as sensações que podem ser usufruídas por ele. A excitação e o orgasmo apresentam, muitas vezes, no início, dificuldades a serem vencidas. Estas dificuldades podem estar diretamente relacionadas à educação rígida oferecida pelos pais ou ao parceiro, que não ajuda sua mulher a atingir o orgasmo. Com o passar dos anos e, ao aumentar suas experiências sexuais, a mulher adquire mais confiança e poderá vir a ter maior facilidade em atingir o orgasmo. Esta questão é confirmada por Kaplan (1974, p 76) e Masters e Johnson (1985, p 34), que localizam a maturidade sexual feminina aos 35-40 anos. Esta mesma pesquisa afirma que o pico sexual do homem está na faixa dos 18 anos. Após este período, vai diminuindo gradativamente sua potencialidade, demonstrando assim o possível desencontro existente, em nível de potencialidade sexual, no casal heterossexual.

Este desencontro faz com que os cônjuges mais velhos troquem seus papeis na hora da relação, ou seja, a mulher em vez de ser “ajudada” pelo marido para atingir o orgasmo, neste momento, pelas transformações que ocorrem com o homem, é ela quem ajuda para que a relação se concretize.

Os fatos, no entanto, não são tão simples assim. Infelizmente, muitos homens abandonam o exercício da sexualidade por acharem que estão ficando “impotentes” e por medo de futuras decepções no decorrer das relações. Pela formação machista que tiveram, acreditam que uma

relação sexual depende exclusivamente de uma boa ereção e que o coito é fundamental. Consequentemente, muitas mulheres entram também na abstinência de forma secundária, como foi comprovado em pesquisas citadas.

No entanto, sabemos que no final do século passado modificações realizadas pela indústria farmacêutica empenharam seus esforços em produtos para ereção para manter homens em atividades sexuais e, a medicina estética para que as mulheres pudessem manter reconstruir e assim, continuar com sua autoestima elevada para a continuação de sua atividade sexual com seus parceiros ou novos parceiros.

A indústria das modificações do que eram naturais da sexualidade são importantes para os casos em que o sujeito esteja preparado para ser tratado e bem informado sobre as possibilidades das modificações de seus corpos e de seu funcionamento frente aos seus desejos sexuais.

Acreditamos que a informação deve ser preventiva, não meramente curativa, pois, depois de instalada a disfunção, a situação do sujeito fica mais complicada para uma modificação de conceitos. Se houvesse uma orientação para ambos os sexos sobre as modificações fisiológicas próprias do processo do envelhecimento, ainda numa idade mais jovem, o exercício da sexualidade não seria abandonado, pois haveria uma visão mais ampla sobre o ato sexual e as novas formas e caminhos que podem ser positivos na continuação de sua sexualidade.

## **Referências**

BANCROFT, J. **Human sexuality and its problems**. 2ª ed., NY: Ed. Churchill 1989.

BASSON, R. The female sexual response: a different model. **Journal of Sex & Marital Therapy**, 26: p.51-65, 2000.

BUTHER, R.; LEWIS, M.I. **Sexo e amor na Terceira Idade**. São Paulo: Ed. Summus, 1985.

CARNEIRO, M. **Sexualidade: o fantasma da Terceira Idade**. Rio de Janeiro: Intercâmbio, 4(10), p. 5-14, 1991.

CePcos. [www.cepcos.org.br](http://www.cepcos.org.br)

FONTES, M.; PIMENTEL, R.; PEREIRA, M. **Mulher 40 graus à sombra: reflexão sobre a vida a partir dos 40 anos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

HITE, S. **O relatório Hite**. Um profundo estudo sobre a sexualidade feminina. 11ª ed. São Paulo: Ed. Difel, 1981.

- KAPLAN, H. **A nova terapia do sexo**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1983.
- KOLODNY, R.; MASTERS, W, JOHNSON, V. **Manual de medicina sexual**. São Paulo: Ed.Manoela Ltda., 1982.
- LOPES, E. **A arte de envelhecer**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A., 1961.
- MASTERS, W, JOHNSON, V E. **A conduta sexual humana**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1981.
- \_\_\_\_\_. **A inadequação sexual**. Rio de Janeiro: Ed. Roca, 1985.
- MELO, A. **Menopausa: o problema, a solução**. Rio de Janeiro: Ed. AFAE, 1981.
- RISMAN, A. Atividade sexual na Terceira Idade. In: Renato Veras - **Terceira Idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro**. Rio de Janeiro: Ed. RelumeDumará/UERJ: p. 49-64, 1995.
- TABORDA, M. A sexualidade da pessoa idosa. In: SESC.DR.SP. **Qualidade de vida da pessoa idosa**. Encontro Nacional de Idosos, São Paulo: SESC/ST/GELM, p.89-94, 1984.
- VASCONCELOS, N. **Comportamentos sexuais alternativos do jovem e do velho**. São Paulo: A Terceira Idade, 5 (8):p.47-50, 1994.
- VASCONCELOS, M. Sexualidade na Terceira Idade. In: Sociedade de Geriatria e Gerontologia do Rio de Janeiro - **Caminhos do envelhecimento**. Rio de Janeiro: Ed. Revinter, p.77-85, 1994.
- WERLANG, B. Velhice feminina e sexualidade. **Psico** 17(1), p.91-100. Porto Alegre, 1989.

## RELAÇÕES HOMOAFETIVAS ENTRE GAYS: PRAZER E SEXO A PARTIR DA SEGUNDA IDADE (35 a 59 anos).

*Hugues Costa de França Ribeiro<sup>1</sup>*

### *AFFECTIVE AND SEXUAL RELATIONS BETWEEN GAYS: PLEASURE AND SEX APART FROM SECOND AGE (35 to 59 years).*

**Resumo:** A pesquisa qualitativa de linha fenomenológica investigou como homens gays acima dos quarenta anos significam suas experiências afetivo-sexuais, na construção de seus mapas afetivos sexuais, seus níveis de satisfações, suas práticas amorosa, sexuais e a emergência de novos estilos de relacionamentos. Foram entrevistados trinta homens gays com idades ente 43 a 58 anos. As entrevistas foram gravadas e transcritas. Utilizou-se para a análise das entrevistas uma combinação de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2004; FRANCO, 2007) e a proposta de Giorgi (1985, 1972). Foram elaboradas e analisadas as seguintes unidades de significado: a descoberta da diferença um fardo a carregar; a busca pela “tribo” e a felicidade do encontro; visibilidade ou invisibilidade um dilema a enfrentar; relacionamentos estáveis tradicionais ou um novo “estilo de vida nas relações”? Nas considerações finais discutem-se as dificuldades e novas possibilidades na construção dos mapas afetivo-sexuais por esses homens.

**Palavras-chave:** Gay. Relacionamentos afetivo-sexuais. Homossexualidade. Homens maduros.

**Abstract:** A qualitative phenomenological research investigated how gay men over forty years mean their sexual experiences in the construction of their sexual love maps, their levels of satisfaction, their practices love, sex and the emergency of news styles relationships. We interviewed thirty gay men being aged 43 to 58 years. The interviews were taped and transcribed. Was used for the analysis of the interviews a combination of Content Analysis (BARDIN, 2004; FRANCO, 2007) and the proposal of Giorgi (1985, 1972). Were prepared and analyzed the following units of meaning: the discovery of the difference a burden to carry; the search for the “tribe” and the happiness of finding; visibility or invisibility to face a dilemma; traditional stable relationships or a new “style of life in the relationships”? In concluding we discuss the difficulties in the construction of affective-sexual maps for these men.

**Keywords:** Gay. Affective-sexual relationships. Homosexuality. Mature men.

### **Introdução**

Iremos apresentar nessa exposição um recorte de uma pesquisa que estou realizando intitulada “Relacionamentos afetivo-sexuais entre gays acima dos quarenta anos por eles mesmos”. Homens gays com mais de quarenta anos viveram a construção de suas sexualidades imersas na fase em que a

---

<sup>1</sup> Professor Assistente Dr. da Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP de Marília, SP (aposentado); Diretor Científico do Centro de Estudos e Pesquisas em Comportamento e Sexualidade – CEPCoS, São Paulo – SP; Líder do Grupo de Pesquisa Estudos Sobre as Sexualidade – GPESS, UNESP de Marília – SP. E-mail: hugues@uol.com.br.

homossexualidade masculina ainda era vivida sobre forte repressão e pouca possibilidade de visibilidade (marcada pela era inicial pós Stonewall<sup>1</sup>).

Vários pesquisadores têm insistido que apesar dos avanços verificados na diminuição da discriminação e do preconceito em relação a essas pessoas, os tempos não são tão favoráveis para que possam elaborar suas “cartografias do desejo” (expressão cunhada por Deleuze) e realizar sem a possibilidade de prejuízos em diferentes áreas a tão propalada “saída do armário” (“outing”) (FOUCAULT, 1988; ALTMAN, 1993; SEDGWICK, 1992, 2007; ERIBON, 2008).

A opressão vivida pelos gays durante a fase em que constroem seus “mapas afetivo-sexuais” repercute na maneira como elaboram seus roteiros afetivo-sexuais se quisermos usar uma expressão proposta por Gagnon e Simon (1973) e Gagnon (2006). A repressão é exercida por diferentes discursos, na tradição foucaultiana, que exortam como a única forma aceita e legítima do exercício da sexualidade a heterossexualidade (pressão para a heteronormatividade). Homens gays com quarenta anos ou mais devem apresentar algumas características na construção de “guias” (roteiros) para o exercício de suas sexualidades e de seus relacionamentos afetivo-sexuais, fruto de suas experiências e mensagens negativas interiorizadas na contemporaneidade.

Entretanto, o poder desses discursos, impulsiona uma força contrária ao enquadramento às normas, que Foucault (1988) chama de “discurso reverso”. Todos os que não se enquadram à normalização reagem contra a repressão e nessa reação podem construir “novas subjetividades”, reinventando-se (FOUCAULT, 1988, 1990; BUTLER, 2003, ERIBON, 2008), e nessa perspectiva podem reinventar seus relacionamentos. Foucault ao referir-se a subjetivação destaca que cabe a cada indivíduo e a cada grupo dar-lhe a forma que ela vai escolher (Apud. ERIBON, 2008). Foucault ao reforçar sua argumentação lógica retoma a questão de que a “ascese”, que seria o trabalho que se faz sobre si mesmo para se transformar, a invenção de si mesmo, a invenção de novos tipos de relações, de

---

<sup>1</sup> A era pós Stonewall será demarcada pelo incidente ocorrido em junho de 1969, quando no bar Stonewall, frequentado por homossexuais, na cidade de New York, os homossexuais ergueram barricadas e enfrentaram a polícia por três dias. A polícia dava batidas frequentes ao local acusando-o de foco de venda de drogas e prostituição, forma de camuflar a discriminação e o preconceito que a sociedade mantinha contra homossexuais. Esse incidente deu origem a uma maior mobilização do movimento homossexual no Ocidente, na luta contra a discriminação, o preconceito e a violência vividas sem a possibilidade de lutar contra suas categorizações como pessoas de segunda classe, que tinham de se envergonhar de sua orientação sexual assumido-a na clandestinidade e não podendo usufruir de direitos plenos de cidadania. O dia 28 de junho de 1969 marca a primeira passeata organizada pelos homossexuais em New York, como uma forma de dar visibilidade as suas existências, apontando o preconceito e a discriminação que sofriam e conclamando por seus direitos, independentemente de sua orientação sexual. Essa data é nomeada como o “Dia Mundial do Orgulho Gay”, mais tarde “Dia Mundial do Orgulho LGBT”, propondo-se que ao invés da clandestinidade e da vergonha os(as) homossexuais deveriam se orgulhar de sua condição e afirmá-la, tornando-se esse bordão um dos eixos centrais da plataforma política dos movimentos homossexuais dos anos que se seguiram ao mítico incidente de Stonewall e suas consequências.

novas formas de viver, são elementos que englobam a sua ideia de “subjetivação” (FOUCAULT, 1981). A “subjetivação” é um processo de reinvenção de si que pode romper com a sujeição a que os gays são submetidos, caracterizada pela resistência, pela atitude crítica diante dos saberes e dos poderes estabelecidos.

Em relação à homossexualidade masculina, e aí incluída as singularidades de seus relacionamentos afetivo-sexuais desde o século XIX, a partir das incursões de Proust a esse universo em “A prisioneira” e “Sodoma e Gomorra”, diversos estudos e pesquisas desvelaram os modos de existência diferenciados da homossexualidade em diferentes países, estados, regiões. No Brasil os estudos começam a ser desenvolvidos em maior número a partir dos anos 80 (Fry,1982; FRY;MacRAE,1983; GREEN, 1996(2000); TREVISAN, 1996 (2000); PARKER,1999 (2002).

Esses estudos vão destacar que a noção de homossexualidade é uma descoberta recente, e que as figuras das homossexualidades não são universais, sendo específicas de determinadas situações culturais, estando em constantes transformações pela influência de fatores sociais, econômicos e políticos. Logo nessa pesquisa a concepção teórica adotada é compreender a sexualidade, aí incluída a homossexualidade, dentro do modelo que é conhecido como Construcionismo Social, numa vertente identificada como moderada (VANCE, 1995; WEEKS, 2000).

## **A pesquisa**

### **1 - Objetivos**

#### **1.1 - Geral**

Desvelar como são construídos os relacionamentos afetivo-sexuais de gays com idades acima dos quarenta anos.

#### **1.2 – Objetivos Específicos**

- Desvelar como gays que mantém relacionamentos estáveis administram seus relacionamentos e as regras que colocam em prática.
- Desvelar as práticas afetivo-sexuais de gays que não mantém relações estáveis e os roteiros sexuais que colocam em prática.
- Avaliar o nível da satisfação afetivo-sexual de gays de manterem relações estáveis ou não.
- Analisar os possíveis fatores que determinam as avaliações positivas ou negativas de seus relacionamentos e relações afetivo-sexuais.



## **2 - Metodologia**

### **2.1- Método**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujos dados foram analisados pelo método da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2004; FRANCO, 2007), combinado com a proposta de Giorgi (1985, 1972) de linha fenomenológica. Apesar de a pesquisa qualitativa sugerir um número menor de colaboradores, ampliamos esse número, pois na transcrição das primeiras entrevistas (planejadas inicialmente para sete) verificamos que a classe social, a religião e nível de instrução pareciam ter grande influência sobre como os colaboradores significavam suas experiências afetivo-sexuais. Diante dessa evidência, decidiu-se ampliar o número de colaboradores de modo a incluir pessoas de diferentes classes sociais, religiões e níveis culturais.

### **2.2 – Colaboradores**

Trinta homens gays cujas idades variaram de 43 a 58 anos, a média era de 47,5 anos, residentes na cidade de São Paulo- SP, Brasil. Dentre esse grupo catorze tinham formação superior, nove tinham concluído o ensino médio, três estavam cursando a universidade e quatro tinham concluído o ensino fundamental. As classes sociais variaram de alta, média e baixa. Quanto às religiões tivemos ateus, cristãos, evangélicos, espíritas e adeptos da umbanda e do budismo.

### **2.3 – Procedimentos**

Os colaboradores foram recrutados através de inserções aos locais de socialização gay na cidade de São Paulo (bares, boates, shopping centres de grande frequência de gays) em diferentes regiões da cidade. Também foram recrutados pela indicação de grupos e associações que atuam na militância pela causa gay e pela técnica da “Bola de Neve”. As entrevistas foram realizadas em local estabelecido pelos entrevistados, e a maioria delas ocorreu na casa do colaborador ou em praças de alimentação de Shopping Centers.

Foi aplicada aos colaboradores uma entrevista semiestruturada, com duração aproximada de uma hora, gravada em fita magnética e depois transcrita na íntegra. O roteiro foi aprovado em pesquisa piloto. As entrevistas foram analisadas elaborando-se Unidades de Significado para a compreensão do fenômeno (GIORGI, 1985, 1972) após leitura flutuante (BARDIN, 2004; FRANCO, 2007). As entrevistas foram aplicadas a partir de 2008.

Todos os colaboradores assinaram um “termo de consentimento esclarecido” onde concordavam e participar da pesquisa com garantia de que o anonimato seria preservado, além da garantia de que poderiam desistir da participação em qualquer momento, até quando a entrevista já tivesse sido iniciada.

### 3 - Análises de algumas unidades de significado

Antes é preciso enfatizar que os “mapas afetivo-sexuais” (cujo significado aproxima-se do que Gagnon e Simon chamam de roteiros sexuais) são apreendidos e fruto de uma construção que depende do panorama cultural e das relações interpessoais. Esses mapas vão estabelecer nossos guias para o exercício de nossa vida afetivo-sexual (relacionamentos, prazer, sexo). Quando nos interrogamos sobre como gays acima dos quarenta anos se comportam em suas vidas afetivas e sexuais, temos que remontar, muitas vezes, a experiências muito primitivas que podem favorecer ou dificultar a construção desses guias que além de indicarem como devemos nos comportar, incorporam atitudes e aspectos emocionais.

#### 3.1 – A descoberta da diferença: um fardo a carregar

Os entrevistados, na sua grande maioria, alegam grande sentimento de desconforto ao perceberem que eram diferentes, pois desejavam pessoas de mesmo sexo. Quase todos os colaboradores sinalizavam que essa descoberta se fizera ainda criança (entre as idades de oito a dez anos), embora tenhamos encontrado alguns que relataram a afirmação da predominância desse desejo na adolescência.

A reação e emoção associadas foram de isolamento, da sensação de ser o único a “remar contra a corrente”, de ter de viver sem poder comunicar por quem se sentia atraído, de não poder partilhar com alguém o encanto e a beleza dos corpos masculinos, de não poder comentar suas “paixonites”. Essa sensação de solidão e falta de interlocutores é o que Eribon (2008) designa como “gueto interior” que funciona como uma forma de opressão para que se possa iniciar a construção dos “mapas afetivos sexuais”. Uma espécie de aprisionamento que induziu muitos deles a iniciarem a simulação de uma vida dupla (com todos os custos emocionais que implica).

*“Olha quando eu me descobri homossexual eu era criança. A idade eu nem lembro com precisão, mas... acho que foi... por volta dos sete para oito anos. Não é que eu descobri... eu sabia que tinha atração por garotos do mesmo sexo... meninos que ficavam brincando comigo. E aí quando fui ficando mais velhinho, acho que uns dez anos... enfim, dez ou doze anos... aí começou aquele negócio de toque...né? Aquele roça, roça...é assim. É mais eu não me identificava como*

*homossexual... era uma pessoa que se sentia diferente. Imagina com a idade que eu tenho, naquela época, na década de sessenta, no final dos sessenta, era complicado né?” Só mais tarde comecei a fantasiar escondido... vivia na fantasia minhas paixões. Lia fotonovelas e me apaixonava pelos galãs... Tudo no meu mundo secreto...sem ninguém para contar nada.... Era preciso camuflar, esconder”. (Colaborador 10)*

*“Foi uma vez.... olhando um amigo na escola sabe? Eu fiquei querendo ficar perto dele... tocar no seu corpo. ... Ele era mais velho... Quando pensei naquilo de novo em casa, aí a ficha caiu. Você não é igual sabe? Igual a todos... os outros meninos. Eu era diferente....e isso me assustou muito...muito. Fazia muita força para esconder tudo aquilo, achava que não era normal. Foram alguns anos guardando tudo aqui dentro, até que pudesse falar dos desejos que tinha pelos outros homens”. (Colaborador 27).*

### 3.2 – A busca pela “tribo” e a felicidade do encontro

A sensação de muitos dos entrevistados foi de poderem diminuir a sensação de isolamento e do peso do que consideravam uma característica negativa compartilhada por poucos, quando tiveram contato com os locais de socialização gay (bares, boates, festas). Declararam que a sensação de pertença a um grupo (a subcultura gay) permitiu-lhes ter a sensação que não eram os únicos e encontravam nesses locais seus iguais. Nesses espaços não necessitavam apelar para a dissimulação e para a vida dupla.

Apesar de, mais recentemente, haver uma crítica a esses locais como ambientes segregados e seu agenciamento pela sociedade de consumo capitalista; muitos dos entrevistados enfatizaram a importância desses espaços, pois na época de suas adolescências a visibilidade dada à homossexualidade não é a mesma de hoje em dia, não existindo as Paradas Gays como no final dos anos 90 e agora, além de todo um espaço na mídia escrita e televisada.

Goffman (1988) afirma que os gays costumam apresentar uma dupla biografia, que produz uma dissociação, que vai produzir personalidades dissociadas. Essa dissociação foi atestada pelos entrevistados (pelo menos em algumas áreas de sua vida), que foi se atenuando com o passar dos anos (pelo aumento da visibilidade gay), mas nunca chegou a desaparecer. A consequência dessa dissociação pela necessidade de esconder a vida gay pode conduzir ao sentimento de vergonha, até o ódio de si mesmo, o que identificamos como homofobia interiorizada, além da tentativa de afastar a suspeita, podendo manifestar-se pela atitude crítica, até hostil com outros homossexuais (ERIBON, 2008).

Esses locais também foram apontados como tendo grande influência para que pudessem aprender os códigos (gestos, roupas, linguagem, etc.) que favorecem a identificação dos iguais, além dos comportamentos afetivo-sexuais adequados. Esses comportamentos incluem os códigos de paquera,

de aproximação, as possibilidades de práticas sexuais, o exercício dessas práticas, as técnicas para maximizar os prazeres, etc.

Também foram apontados como locais que permitiam estabelecer amizades, encontrar parceiros sexuais e até encontrar parceiros para relacionamentos amorosos. Situação similar verificada entre homossexuais masculinos nos anos 70 e 80 (HALPERIN, 1990; BOSWELL, 1994, ADAM, 1995; GAGNON, 2006). Apesar disso, encontramos em poucos entrevistados um preconceito contra a frequência a alguns “espaços gays” (como discotecas), com o intuito de encontrar parceiros para relações compromissadas, com a argumentação de que seus frequentadores buscam apenas o sexo casual, e alguns os consideram promíscuos. Isso pode ser interpretado como talvez sendo um resquício de homofobia interiorizada.

Por outro lado, esses homens mais maduros defrontam-se com a perda de prestígio para serem desejados como alvo do interesse afetivo-sexual, pois nesses ambientes, são valorizadas a juventude e a aparência física como fatores que contribuem decisivamente no jogo da sedução. Aqueles com mais de cinquenta anos relutam em frequentá-los, e os que o fazem procuram locais específicos caracterizados para atender a população mais madura (classificados pelos próprios entrevistados como coroas e afins.).

Foram citados como locais que podem atender a essa clientela os conhecidos como a discoteca “ABC Bailão” e as festas “Ursond”. Esses locais com sua proposta de incrementar o lazer de homens maduros podem ser interpretados como uma resistência em não aceitar a exclusão social que pode gerar a sensação de isolamento, que a vida a partir de certa idade esta fadada a tristeza, à renúncia ao divertimento, que são alijados de situações que permitam encontrar novos parceiros ou experiências sexuais (SIMÕES, 2004, HERDT; BEELER; RAWLS, 1997; ADELMAN, 1990).

*“Sabe de uma coisa....o primeiro dia em que entrei numa boate gay....nossa foi uma sensação estranha por um lado....nunca....eu tinha visto dois caras, assim... homens se beijando. Mas, foi a sensação de ter encontrado a minha turma, a minha gente. Eu não tava sozinho....nossa que alívio!. Aquele monte de gente era tudo igual a mim. Eu tinha só um amigo da vizinhança que eu sabia que era gay e logo...a gente ficou próximo. Foi ele quem me levou na boate. Lá e em conversas de bar, frequentados por gays, aprendi muito...muito. Logo fiz uma turma....onde fui aprender o que era ser gay..... Ah! Eu era uma pessoa (risos) que não sabia nadinha.. A turma e os papos foram me ensinando tudo”. (Colaborador n.7).*

*“[...] eu sofria prá burro, eu tinha que me equilibrar na corda bamba, sempre com medo de cair, ser pego de surpresa.... Tinha que contar histórias mentirosas para a turma de amigos da escola. Era duro, era muito falso, dizer eu acho aquela gata um tesão.... tudo mentira, já que tava sentindo um puta desejo pelo goleiro do time de futebol da escola. Mentia em casa, na escola... escondia meus desejos, meus sentimentos pelos homens. Teve um momento em que comecei a ir para lugares gays sabe? Foi quando me mudei para São Paulo... aí....acho que comecei a sentir que estava mais*

*inteiro. Naqueles lugares não precisa mentir, estava ali inteiro. Eu tive... eu tive (risos) de aprender tudo. Ali as coisas eram diferentes... tinha outras regras”. (Colaborador n.19).*

*“Eu sei que, às vezes é difícil esconder...pois tenho um jeito meio afeminado é dou pinta sem perceber...né? Mas uma coisa é as pessoas desconfiarem e outra é falar na lata: - Sou gay, ou sou homossexual.....ou viado, que é assim como o povão chama a gente. Me assumi para alguns amigos mais cabeça, mas nem todos podem saber. Como não faço a linha “gay machão” (risos), mas no trabalho se falar abertamente corro o risco de ser prejudicado. Apesar de ir nas festas da empresa sempre sozinho, tenho que deixar na dúvida..... Isso incomoda.... pois ainda tenho medo de levar um parceiro comigo”.(Colaborador n.15).*

*“Tem muito gay que critica.... faz comentários preconceituosos dos gays que frequentam lugares para homossexuais. Acho uma tremenda bobagem e acho uma hipocrisia esse tipo de gente entende? Eu...no meu caso foi muito bom em determinada época da vida ir a esses lugares. Lá pude conhecer gente, fazer amigos, que até hoje me acompanham. Só que passou dos quarenta vc. começa a ver a rejeição.Todo o mundo quer como parceiro gente jovem ou mais nova que ela alguns anos. Isso não era tão forte no passado como agora. Mas sabe.... eu conheci muito gente legal que eu namorei nesses lugares. Parceiros que me acompanharam por anos. E hoje a coisa tá se ampliando...vc. com mais idade pode se divertir em São Paulo, sem olhares de desaprovação indo dançar e se divertir, no “Bailão” onde funcionou o antigo “Homo Sapiens”....há oportunidades para todas as idades” (Colaborador n. 9).*

### **3.3 – Visibilidade ou Invisibilidade um dilema a enfrentar**

Muitos entrevistados aludiram ao fato que preferem as reuniões promovidas entre amigos, uma espécie de “família escolhida”. Pode-se notar que gays na faixa etária pesquisada, principalmente quando mantém uma parceria estável, disseram preferir reuniões em casa de grupos de amigos, abrindo mão da frequência a lugares voltados para a diversidade sexual. No entanto, é costume uma vez ou outra darem uma esticada em algumas discotecas de frequência GLS. A ida a bares, e restaurantes de frequência marcante gay é mais comum de acontecer, quase sempre, acompanhados de amigos, para conversar, almoçar ou jantar.

Encontramos alguns gays que por medo da visibilidade, em hipótese alguma frequentam tais locais, pois não podem correr riscos com que se desconfie de sua homossexualidade. Um dos motivos alude ao status profissional que devem preservar em função dos cargos que ocupam que, segundo eles, a visibilidade homossexual poderia prejudicar seus empregos e a carreira. No entanto, esse modo de agir é influenciado pelo nível social e financeiro dos gays entrevistados. Para gays pertencentes às classes menos favorecidas financeiramente ou que exercem profissões onde a visibilidade pode ser mais aceita, não há este tipo de preocupação. Esse comentário foi realizado por gays que tinham profissões menos qualificadas, que atuavam na área de higiene e beleza, de moda (como estilistas etc.)

ou como empregados domésticos. Como enfatiza Weeks (2000) a sexualidade é influenciada em sua construção e exercício por fatores sociais, financeiros, raciais, de gênero e culturais.

Alguns gays aludem ao fato de frequentar lugares GLS pode ser hoje considerado um sinal de modernidade, de pessoa de vanguarda, moderna, “up to date”, isso atenuaria a preocupação da exposição pela visibilidade. Essa argumentação não foi compartilhada por muitos dos entrevistados, que preferem não se arriscar em “locais abertos” exclusivamente gays.

Os que defendem a invisibilidade tem a tendência de optarem por frequentar os locais comerciais tidos como “friendly”, porém ainda com uma certa parcimônia. O medo da visibilidade pode ser contra-atacado na ida a lugares com tendência a frequência gay acompanhado de uma amiga, que pode passar como parceira. Como aponta Eribon (2008) o mito da visibilidade plena em diferentes contextos não se verifica hoje como nos anos pós Stonewall.

*“Não acho muito interessante ir a lugares exclusivamente frequentados por gays. Eu tenho um parceiro fixo há alguns anos....sabe? A gente tem um grupo de amigos muito sólido... e a minha segunda família, sendo que com ela posso ser quem sou sem medos. Nos lugares gays não me sinto à vontade....lá tem muita azaração, ...o pessoal olha na cara dura....ainda que tenha percebido que eu e meu acompanhante somos namorados. Então evito, mas também porque não posso dar bandeira, tenho que ser muito discreto, pois ocupo um cargo de chefia na....., e não quero ser prejudicado, pois imagina a situação de encontrar um de meus funcionários nesses locais e ele espalhar na empresa. Acho engraçado..... pois essa suposta tolerância à homossexualidade ainda não chegou até muitas empresas...a minha é uma retrato dessa hipocrisia” (Colaborador n. 14).*

*“[...] essa coisa de ter medo de frequentar lugares gays não existe. Não preciso esconder de ninguém o que sou. Imagina nessa altura da vida! Minha família sabe de mim...., logo o resto pouco importa. É...é assim...no que eu trabalho ser gay, viado... não faz diferença. Sou cabeleireiro, é sua capacidade profissional é o que conta entende? Ninguém vai me mandar embora porque sou gay, mas mesmo assim não dou uma de bicha louca, fico na minha. Isso.... isso mesmo...não quer dizer que não possa comentar minha vida amorosa e sexual no local de trabalho....minhas transas, porém escolho as pessoas certas e também a hora..... [...] agora passar por hetero....ah isso nunca!. Todos sabem no salão que trabalho que sou gay, até mesmo a dona”. (Colaborador n. 21).*

*“Quando era mais jovem ia mais a lugares gays....agora prefiro programas com a turma de amigos. De vez em quando vamos a locais onde há uma frequência grande de gays, como restaurantes e lanchonetes. Podemos sair para dançar e divertir em algumas discotecas....mas sem intenção de procurar parceiros sexuais, mas se pintar melhor.... (risos). Sabe depois de certa idade você passa a não ser alvo do interesse para parceria ou sexual, no mundo da noite gay o que conta é beleza e juventude. Estou sozinho no momento, mas acredito que se pintar um namorado vai ser alguém que possa se conhecer em reuniões em casa de amigos íntimos. Numa ocasião alguém poderá levar um conhecido para nossos encontros.....e essa pessoa quem sabe não poderá se interessar por mim?” (Colaborador n.22)*

### 3.4 – Relacionamentos estáveis tradicionais ou um novo “estilo de vida nas relações”?

Nossos entrevistados discutiram durante as entrevistas sobre o tema dos relacionamentos afetivo-sexuais em relação às suas construções e nível de satisfação experimentado. Dos trinta colaboradores vinte e sete já haviam experimentado o que chamaram de relacionamentos estáveis, que em suas interpretações variavam por volta de três ou mais anos. Essa estatística reverte nesses homens que se identificam como homossexuais a visão preconceituosa que esse grupo não tentaria desenvolver relações estáveis e que esses relacionamentos estariam fadados ao fracasso, e não haveria a tentativa de resolver as dificuldades que possam surgir em função de que só pensam em sexo, não se preocupam em constituir família ou em ter filhos, e acabam a vida solitários (MEYER; DEAN, 1998).

Apenas três dos entrevistados mostram descrença nessa possibilidade e nunca haviam se envolvido afetivamente com homens, tinham em toda a sua vida apenas sexo casual ou ainda o que um desses três identificou como “clientes” (que é manter um grupo de três pessoas com quem mantém relações sexuais uma vez ou outra, separadamente, sem maiores compromissos). Apesar de ser estatística reduzida (3/30), causa inquietação.

Pode-se observar pela análise das falas que esses três sujeitos apresentavam uma visão negativa sobre a possibilidade de vínculos afetivos entre homossexuais serem bem sucedidos, além de uma visão da impossibilidade de fidelidade desses relacionamentos, enquanto alguns que mantinham ou mantiveram relações estáveis optaram por flexibilizar a noção de fidelidade como veremos adiante. Há sinais claros que esses três colaboradores apresentam forte homofobia interiorizada, uma das maiores causas para a descrença e insucesso nos relacionamentos (NUNAN, 2007).

*“Não faço essa linha de ficar me apaixonando por ai, não. Alguns amigos.....nossa! Passam um sufoco por alimentarem relacionamentos que sempre acabam mal. Gay é tudo igual....pode estar namorando, mas não consegue segurar a onda....cai matando. Não dá para confiar mesmo! E tem....isso ainda sabe? Essa coisa de família para gay não cola...., pois são os filhos que prendem uma casal quando o sexo já não é lá grande coisa. Ah carinho e afeto eu tenho dos amigos! Às vezes vejo que têm gays que exploram outros gays, se encostam....e vendem sua companhia. Melhor é não alimentar fantasias. Se o tesão pinta saio e pego um corpo, faço a que tem que ser feito e.....e me mando. Não quero envolvimento pois posso me frustrar. Com os gays não..não tem essa de romantismo” (Colaborador n.4)*

Quanto à situação atual desses trinta colaboradores dezoito estão em relações estáveis, dentre esses dez moram juntos com seus parceiros, oito moram em casas separadas. Dos outros doze, nove deles já se envolveram em relações estáveis, mas no momento estão sem parceiros. Entre esses que estão sem parceiros persiste a queixa da discriminação que sofrem em função de apresentarem uma idade em que o mercado da conquista não os valoriza como interessantes. Argumentam que gays de

suas idades costumam buscar para relacionamentos parceiros mais jovens (o que também ocorre entre homens heterossexuais que buscam parceiras mais jovens). Entretanto, esse critério reinante também é assumido por muitos deles; havendo aqui um paradoxo.

É fato que esse padrão de homens mais velhos se relacionarem com rapazes mais jovens, é encontrado entre os helenistas de Oxford desde o século XIX, mas as transformações culturais viram a sociedade capitalista exortar a juventude e a beleza como ideais valorizadíssimos; e o culto a eterna juventude como muito importantes. Em função disso outros atributos no jogo da conquista e sedução talvez possam estar perdendo terreno, pelo menos num primeiro contato no caso dos homossexuais masculinos em nossa realidade.

*“[...] o melhor é estar namorando....foi dessa forma que tive os melhores momentos de minha vida. Estou sozinho a uns três anos.....sabe? Não é opção.....tá difícil. Os gays da minha idade quando não estão comprometidos.....só querem a companhia de alguém bem mais jovem....e ainda valorizam um corpo sarado. É claro que existem homens mais jovens que se interessam por homens maduros...interesse na cultura, na experiência ou até na grana, mas isso não é a maioria” (Colaborador n.9)*

Em relação ao nível de satisfação sexual os colaboradores que estavam em relações estáveis no momento da entrevista se mostraram mais satisfeitos sexualmente. O nível de intimidade e conhecimento mútuo era considerado fundamental para o aumento do prazer sexual. Argumentavam que a ligação amor e sexo é a ideal, para que as relações sexuais sejam mais satisfatórias.

Com base em Foucault (2006) poderíamos interpretar esse tipo de avaliação como influenciada por uma forma de “sujeição”, na tentativa de justificar como mais prazerosas as relações sexuais que implicassem na fusão amor-sexo, modelo imposto para administração da vida sexual dos casais, como regra para o “casamento” heterossexual, habilmente justificada, pelos “poder-saberes” na época do boom da industrialização dos países ocidentais, quando interesses econômicos era prioridade para as Nações, como ocorreu no Brasil (COSTA, 2004).

Fica implícito nessa interpretação que os gays entrevistados ao elaborarem tal avaliação não conseguem escapar da influência da “normalização conjugal heterossexual”. Cabe acrescentar que a palavra “casamento” para sinalizar relações estáveis é usada pelos gays, como metáfora para qualificar seus relacionamentos, apesar de resignificarem o sentido da palavra (PAIVA, 2007; MOSCHETA; SANTOS, 2006; MOSCHETA, 2004), No entanto, é notória, ainda no Brasil, que esse tipo utilização é aplicado dentro de uma lógica heterocêntrica (PAIVA, 2007).

*“Eu tenho uma vida mais tranquila, pois,....eu estou casado....tem sete anos, mas não tenho registro de união estável.... ainda não. Eu e meu parceiro temos uma vida sexual muito satisfatória....nossas*



*transas são muito eróticas e criativas. Acho que encontrei nele... a grande união entre amor e sexo compreende? Isso...eu acho aumenta muito o prazer é um ideal que perseguimos.... Não, todos querem ter isso...é uma intimidade maior. É...também nossa vida sexual não é tão frequente...digo na quantidade de vezes, como era nos dois primeiros anos, mas não posso me queixar...Ele é a metade da minha laranja (Colaborador n.25).*

Por outro lado, pode-se observar nessa pesquisa a maneira como gays administram relacionamentos estáveis, inventando novos “modos de relações”, que poderão surgir como ponto de apoio para a renovação do direito e das instituições, servindo até de prováveis sugestões para que heterossexuais pudessem também se beneficiar destas para escapar do jugo da normalidade conjugal e das limitações quanto aos tipos de relações legitimadas (FOUCAULT, 2006).

Um dos pontos desta invenção é a maneira como os que estiveram ou estão em ligações estáveis administram o conceito de “fidelidade” em substituição desta por “lealdade”. Entre os colaboradores uma parte (oito entrevistados) insiste na exigência de fidelidade e dois dentre eles chegaram a legitimar o bordão “o que os olhos não veem o coração não sente”. Fica também claro que essa invenção não foi legitimada por dois colaboradores que estavam em vínculos estáveis de duração não superior a dois anos.

Essa forma de “lealdade” defendida por muitos em substituição à “fidelidade” surge como uma espécie de acordo entre os parceiros em substituição a exigência de fidelidade absoluta. Este tipo de acordo não costuma ser estabelecido no começo do relacionamento, onde consideram que a paixão não comporta relações sexuais com outras pessoas. Relataram que em média esses acordos são estabelecidos por volta dos dois a três anos de relacionamento.

O motivo desse novo contrato é evitar que a vida sexual possa cair numa monotonia, após os primeiros anos de frequente atividade sexual. As regras implicam na aceitação de relações sexuais com outras pessoas desde que não existam vínculos afetivos anteriores ou pós-experiência sexual. Isso implica excluir amigos entre os candidatos a prováveis elegíveis, como membros da família de ambos.

Algumas regras eram firmadas nessa espécie de contrato, onde se tenta garantir que o contato sexual não implique em envolvimento afetivo. Entre elas destacamos: 1) não deixar de voltar para casa quando o contato sexual acontecer no período da noite, não se pode dormir fora de casa no caso de coabitação; quando moram em residências separadas ligar quando chegar em casa depois da transa; 2) de preferência não registrar números de telefones residenciais ou celulares, a não ser no caso em que possa acontecer uma aproximação permitida com a permissão do outro parceiro; 3) em caso de ser procurado novamente pela pessoa com quem transou evitar a tentativa de aproximação, só sendo possível nova contato sexual mediante anuência do parceiro; 4) não é aceito de bom grado sair de

forma obstinada a procura de pessoas para transar, isso deve acontecer ao acaso; 5) quando ocorrer contato sexuais em viagens por qualquer finalidade algumas dessas regras devem ser seguidas; 6) há exigência do usos de preservativos nessas transas fora da relação por todos.

Outra possibilidade que teve aceitação ainda maior entre os com relações estáveis foi “a transa a três” (*ménage a trois*). Esta foi apontada com uma forma melhor que a primeira de ser colocada em prática, mas também tem regras. Porém nem todas as parcerias se sentem a vontade para estabelecer regras principalmente quando surge, num primeiro momento, de maneira inesperada quando ainda não havia sido cogitada. Quase todas as regras citadas acima para a “transa” avulsa também servem para a parceria a três com outros acréscimos.

Entre elas foram citadas: 1) a escolha da terceira pessoa deve ser da aprovação de ambos; 2) não ficou muito clara a regra de não envolver amigos, mas muitos vetaram amigos muito próximos, entendidos com os que mantêm contatos frequentes com o casal, que foram nomeados como “amigos íntimos”; 3) exclusão de ex-namorados de ambas as partes.

É de se destacar que essas regras não foram citadas por todos que colocam em prática a relação sexual a três, e por outro lado, alguns colaboradores que já haviam se envolvidos ou estavam vivendo relações estáveis admitiram que correram riscos nos dois tipos de situações, quando um dos parceiros, inesperadamente, se apaixonou pela outra pessoa. Porém acreditam que a relação deve correr tais riscos, pois a motivação de homens para a variação sexual é grande (uma justificativa semelhante a que mulheres lançam mão para justificar as traições dos maridos).

Muitos alegam que esse tipo de liberdade pode melhorar a relação, ao invés de prejudicá-la quando outras áreas estão em plena sintonia e relativizam a questão da traição. Acreditam que é mais realista e leal admitir que o desejo sexual possa se manifestar por outras pessoas, sem que se interprete de que se isso acontece é porque a relação vai mal, em oposição aos que assumem a intransigência da fidelidade.

*“Na relação que tenho hoje....onde já se vão mais de dez anos, temos uma amizade tão sólida, que a parte sexual não é o mais importante sabe? É claro que fazemos sexo, mas.....um sexo por fora, as vezes é bom para por uma pimentinha na relação (risos), [...] eu e o Maurício temos espaço para, de vez em quando, buscar uma transa com outras pessoas. Mas você não pensa não, que é liberou geral...a gente combinou algumas regras. Eu pra mim, a transa a três me agrada mais,....você fica na sensação que controla mais o comportamento do parceiro, prá que a coisa....não possa envolver o afeto...essa é regra principal” (Colaborador n.19).*

*“(...) as regras foram combinadas antes para as trepadas com outras pessoas. Amigos tão fora... e também familiares, isso é arriscado né? Pode dar.....não vai dar uma puta confusão. Essa necessidade de buscar transas fora da relação, apareceu quando...deixa eu ver..... . Ah o namoro*

*tinha mais de dois anos.....e não dá pra evitar esse desejo em homens..... [...] homem é tudo igual, sendo hetero ou gay. E quando pinta essa história do desejo por outro cara....temos que lidar com isso, pois isso pode acontecer em relações mais longa. Já aconteceu comigo em outro namoro.....aí eu terminei.... coisa errada tá. Porque senão aí você vai dar um pé na bunda do sujeito... que tem tanta coisa boa....e começar tudo de novo.....não isso eu não faço mais!. A porra da fidelidade que colocam na cabeça da gente é uma merda”(Colaborador n. 20).*

*“(...) a gente combinou tudo porque assim era mais fácil.....para poder não pintar paixão nas transas fora da relação. Sabe, não há garantia. Mas as regras ajudam por que a gente se gosta muito e não queremos acabar com a relação. Eu e ele não saímos desesperados pegando qualquer um, mas quando acontece temos um código secreto assim... aí ele me liga dizendo que vai chegar mais tarde em casa...mas não pode dormir fora de casa, e também nada de trocar telefones, combinar encontros para jantar ou almoçar depois da transa ter rolado....Ah isso não pode. [...] Você perguntou se fazemos transas a três? Ah sim....fazemos e temos dado preferência...elas também tem regras..... acho que a gente prefere esse tipo.....parece que o risco é menor da situação fugir do controle (Colaborador n.13).*

### **Considerações finais**

Alguns dados parciais dessa pesquisa foram aqui expostos na tentativa de desvelar como gays acima dos quarenta de idade elaboram seu “mapas afetivo-sexuais” (ou seus “roteiros sexuais”), oportunizando conhecer os fatores que se articulam para a construção e o exercício de suas vidas afetivo-sexuais. De posse da fundamentação teórica proposta pelo Construcionismo Social (FOUCAULT, 1988; VANCE, 1995; WEEKS, 2000, LOURO, 2004) pode-se evidenciar que construir-se como “sujeito sexual” está marcado pela forte influencia de fatores culturais.

Esses homens viveram a descoberta de sua sexualidade, onde havia pouca visibilidade para a homossexualidade, e os discursos conservadores ainda faziam dela, uma “diferença” difícil de ser assumida sem que alguma forma de homofobia veiculada pudesse ser interiorizada, onde medo, apreensão e dúvidas se misturavam à descoberta. Na construção de seus mapas afetivos-sexuais foram influenciados por uma sociedade que impõe a heteronormatividade, e tiveram dificuldades para poderem desejar quem quisessem e apesar da distância de séculos ainda mostraram estar em plena vigência a frase de Alfred Douglas, amante de Oscar Wilde ao usar a expressão “o amor que não ousa dizer seu nome” para referir-se ao que sentia por seu companheiro.

Os gays nessa pesquisa destacaram em suas histórias um alerta contra a crítica recente do que alguns rotulam negativamente como “gueto gay”, enfatizando a importância que os espaços de “socialização gay” tiveram para diminuir o sentimento solidão e isolamento e na contribuição aos frequentá-los na construção de uma faceta importante de suas identidades. Como chama atenção Eribon (2008) esses espaços de “socialização gay”, ainda permitem o que se combata um outro “gueto”, este

sim muito mais danoso para os homossexuais, que é não poder encontrar seus iguais para conhecer e saber de si, como consequência do aprisionamento do que nomeou como “gueto interior”.

A homofobia interiorizada não deixou de fazer suas vítimas entre esses homens. Por outro lado, remetendo-me a Foucault (1990, 2006), ainda oprimidos pelos discursos de poder-saber que lhes impunham um lugar de “não sujeitos”, resistiram e passaram a encontrar forças para lutar contra a discriminação, e nessa luta seguiram as palavras proféticas de Foucault ao inventarem novos “estilos de existência” para seus relacionamentos afetivo-sexuais.

Essa pesquisa abre o terreno para que possamos ter uma visão desse fenômeno na atualidade, ao ampliarmos sua investigação para faixas etárias mais jovens, que nos permitam desvelar como as transformações socioculturais repercutem na construção dos mapas afetivo-sexuais por esses homens que ousam impor o direito de desejar e amar a quem bem quiserem.

## Referências

ADAM, B. D. **The birth and rise of a Gay and Lesbian Movement**. New York: Twayne, 1995.

ADELMAN, M. Stigma, gay lifestyles, and adjustment to aging: A study of later-life gay men and lesbians. **Journal of Homosexuality**, n. 20 (3-4), 1990, p. 7-32.

ALTMAN, D. **Homosexual oppression and liberation** (1971). Enlarged ed. London: Serpent’s Tail, 1993.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 4ª ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BOSWELL, J. **Same-sex unions in premodern Europe**. New York: Villard Books, 1994.

BUTLER, J. P. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, J. F. **Ordem Médica e Norma Familiar** (1979). 5ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Editor José Nazar – Companhia de Freud, 2008.

FOUCAULT, M. De l’*amitié* comme mode de vie. Entrevista de Michel Foucault a |R. De Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux. **Gai Pied**, n.25, abril 1981, p. 38-39.

\_\_\_\_\_. **Estratégia, Poder-Saber**. Coleção Ditos & Escritos IV. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. Qu'est-ce que la critique ? **Bulletin de la société française**, t. LXXXIV, année 84, n. 2, p. 35-63, avr./juin. 1990.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. Série Pesquisa v 6. 2ª ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

FRY, P. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FRY, P; MAcRAE, E. **O que é Homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GAGNON, J. H. **Uma interpretação do desejo**. Ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GAGNON, J. H.; SIMON, W. **Sexual Conduct**: the social sources of human sexuality. Chicago: Aldine, 1973.

GIORGI, A. Hacia la investigación fenomenológica en psicología. **Revista Interamericana de Psicología**. n.6 (3-4), p.265-286, 1972.

GIORGI, A. **Phenomenology and Psychological Research**. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1985.

GOFFMAN, E. **Estigma**. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

GREEN, J. N. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

HALPERIN, D. M. **One hundred years of homosexuality**: and other essays on Greek love. Great Britain: Routledge, 1990.

HERDT, G.; BEELER, J.; RAWLS, T. W. Life course diversity among older lesbians and gay men. In: **Journal of Lesbian, Gay and Bisexual Identities**, n. 2, p.231-247, 1997.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MEYER, I. H.; DEAN, L. Internalized homophobia, intimacy, and sexual behavior among gay and bisexual men. In: HERECK, Gregory M. (ed.). **Stigma and sexual orientation**: understanding prejudice against lesbians, gay men and bisexuals. Califórnia: Sage Publications, 1998, p. 160-186.

MOSCHETA, M. dos S. **Construindo a diferença**: a intimidade conjugal em casais de homens homossexuais. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo – USP, Ribeirão Preto, SP, 2004.

MOSCHETA, M. dos S.; SANTOS, M. A. dos. Metáforas da vida a dois: sentidos do relacionamento conjugal produzidos por um casal homoafetivo. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v.17, n.2, p. 217-231, jul./dez. 2006.

NUNAN, A. Influência do preconceito internalizado na conjugalidade homossexual masculina. In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P.; MELLO, L. (orgs.). **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007, p.47-67.

PAIVA, A. C. S. Reserva e Invisibilidade: a construção da conjugalidade numa perspectiva micropolítica. In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P.; MELLO, L. (orgs.). **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007, p.23-46.

PARKER, R. G. **Abaixo do Equador**. Culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay (1999). Rio de Janeiro: Record, 2002.(30)

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. Dossiê Sexualidades Disparatadas. Campinas-SP, **Cadernos Pagu**, n.28. jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.b/pdf/cpa/n28.pdf>>. Acesso em 23 de junho de 2008.

SEDGWICK, E. K. **Between Men**. Male Homosocial Desire and English Literature (1985). 2º ed. New York: Columbia University Press, 1992.

SIMÕES, J. A. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (orgs.). **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p.415-447.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade (1996). 3ª ed. revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VANCE, C. S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. **PHYSIS – Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro. v 5, n.1, p.7-31, 1995.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.35-82.

**TEMA: O ATO DE ENVELHECER HOJE E A  
SEXUALIDADE**

## A LIBERDADE SEXUAL NO ENVELHECIMENTO: RISCO E REJUVENECIMENTO

*Glaury A. Coelho<sup>1</sup>*

### *SEXUAL FREEDOM IN AGING: RISK AND REJUVENATION*

**Resumo:** Com o aumento significativo da população etária acima dos 60 anos, faz-se necessário identificar e aceitar a atividade sexual como prática saudável entre eles. Nosso desafio consiste em facilitar o acesso a informações, que os protejam de situações de vulnerabilidade e que melhorem a qualidade de seus vínculos afetivos.

**Palavras-chave:** Envelhecimento. Sexualidade. Climatério. Vulnerabilidade. Rejuvenescimento

**Abstract:** With the significant increase of the population aged over 60 years, it is necessary to identify and accept sexual activity as healthy practices among them. Our challenge is to facilitate access to information, to protect them from situations of vulnerability and to improve the quality of their bonds.

**Keywords:** Aging. Sexuality. Menopause. Vulnerability. Rejuvenation.

### **Introdução**

Este artigo foi elaborado a partir da minha participação como palestrante, da mesa-redonda ‘O ato de envelhecer hoje e a sexualidade’, durante o XIII Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana.

Falar sobre o envelhecimento é novo para mim por que sempre me dediquei ao trabalho com adolescentes e jovens adultos, mas atualmente venho atendendo mulheres atravessando o extenso período do climatério. Tenho observado as diferentes manifestações da sexualidade a que elas se referem, assim como o sofrimento de se sentirem incompreendidas e menos valorizadas pelos que a cercam.

Diferente do tempo restrito de uma apresentação oral, esta oportunidade faculta a possibilidade de me estender um pouco mais no tema e, fazendo uso da linguagem cinematográfica, convidar o leitor a reconhecer as possibilidades de expressão da sexualidade como uma manifestação normal de quem permanece na vida até um tempo mais tardio.

---

<sup>1</sup> Psicóloga, Terapeuta sexual, Docente do Curso de Pós Graduação em Educação Sexual do ISEXP, Especialista em Psicodrama filiada à FEBRAP. e-mail: glauryac@hotmail.com



## Contextualização

O termo liberdade sexual costumava estar associado a condutas sexuais promiscuas de jovens rebeldes e sem autoproteção. Mas um dos legados da geração dos anos 1960 foi o da liberdade de expressão do amor sem fronteiras morais, sem impedimentos de relações homoeróticas, com menos tradição, mais gratificação e pleno prazer sexual. Outro legado foi a igualdade de direitos entre os sexos, que possibilitou à mulher avançar no conhecimento de seu corpo como fonte de prazer.

Hoje, o avanço da tecnologia e da medicina preventiva e curativa contribui para aumentar o tempo e a qualidade de vida dos indivíduos. Especialidades recentes, como a geriatria na área médica e a gerontologia na área psicossocial, contribuem para a compreensão e criação de recursos que beneficiam o processo do envelhecimento e a longevidade da população atual. Uma nova geração de idosos tem recursos para aumentar também sua sexualidade, pois Sildenafil, ou similares como Tadalafila são de uso frequente entre eles e, entre as mulheres, a terapia hormonal as mantém longe dos indesejáveis sintomas do climatério e mais disponíveis para o jogo da sedução. Se os percebemos em condições para dançar, passear e estudar, também estão aptos para namorar, e fazer sexo.

O recente dado do IBGE (2010) de que a expectativa de vida do brasileiro é de 73,2 anos confirma nosso interesse na discussão da qualidade de vida do idoso focada no exercício de sua sexualidade, na prática sexual sem preservativo e, portanto no aumento da incidência de DST na faixa etária acima de 50 anos, denominada por alguns especialistas de pré-AIDS, já que estes indivíduos não treinaram o uso de preservativos durante o ato sexual.

No imaginário de jovens adultos, a sexualidade no envelhecimento não ocorre porque se encontra longe dos olhos, corroborando para o mito da assexualidade na velhice. Azeredo (2002), em sua pesquisa de mestrado, ouviu jovens adultos universitários na faixa etária entre 17 e 42 anos e mostrou que:

‘A sexualidade idealizada é a do próprio sujeito; a depreciada é a do “outro”, seja ele quem for. A sexualidade na velhice mostrou-se difícil de ser vislumbrada, principalmente pelo distanciamento – temporal e existencial – desta com a condição adulta. A negação da velhice caminhou ao lado das exigências adultas. A velhice, embora reconhecida inclusive na perspectiva da sexualidade, apresentou-se, esvaziada, muitas vezes, negada.’ (pag.110)

Acreditando nessa falácia, ninguém quer ser velho e ninguém quer morrer jovem. Já, quando o idoso (a) demonstra interesse ou vida sexual ativa, muitas vezes é julgado (a) como

inadequado (a) ou libertino (a). Este preconceito avança até aos profissionais da área da saúde impedindo-os de investigarem, em suas consultas, a vulnerabilidade sexual de seus pacientes e de os orientarem na prática saudável.

Estamos diante de uma situação que, por um lado apresenta a possibilidade de aceitação da sociedade para a prática sexual no envelhecimento, como uma demonstração natural de expressão de vida, fonte de carícias, afeto e intimidade e, por outro lado esta mesma situação alerta ao risco desta prática para a saúde dos envolvidos.

### **Perdas e Ganhos**

Não há como fugir, todas as espécies envelhecem como um processo natural do ciclo da vida. Entretanto, ninguém envelhece da mesma maneira, qual a razão disto?

Diante desta questão a ciência, desde o início o início do século XX, através de teorias biológicas como a da senilidade programada, dos radicais-livres e da genética, assim como de outras teorias psicossociais, como da continuidade e da atividade, busca comprovar as causas do porque se envelhece e do porque se morre.

O processo de envelhecer se caracteriza por transformações progressivas e naturais no âmbito fisiológico, psicológico e social, ou seja, é multifatorial. Estas transformações se apresentam com uma velocidade e gravidade que variam de indivíduo para indivíduo, gerando perdas e ganhos, mesmo que para o conceito geral de uma cultura ocidental, estejam prioritariamente associadas a um declínio inevitável das diversas habilidades da juventude. Realmente, não há debilidades nas rugas, flacidez, cansaço ou isolamento social só porque se tem mais de 60 anos. Elas podem ocorrer em fases anteriores, inclusive as doenças; mas quando estas características acontecem como consequência de um ciclo vital e a proximidade de uma idade convencionalizada por nossa sociedade como limite para um determinado desempenho de papéis nos alcança, muda esta percepção para um peso emocional que predestina o fim das oportunidades de alegrias e parcerias prazerosas. Como se o envelhecer fosse o fim das expectativas e sonhos de futuro.

Na mulher ainda no processo de transformações da meia idade, fase que antecede a velhice, ocorre a transição menopausal, que envolve a falência da produção dos hormônios sexuais (perimenopausa), a última menstruação (menopausa) e sintomas desagradáveis resultantes da ausência do estrógeno, tais como fogachos e suores noturnos, distúrbios do sono,

alterações urogenitais e transtornos de humor. Mas, por outro lado há ganho ao se libertarem da TPM e dos ciclos menstruais com seus incômodos. A dor a que mais se refere é quanto à perda da atratividade física. Como se não pudesse mais participar de jogos de sedução por que o tempo lhe tirou as ferramentas necessárias e eficazes.

O homem passa a perceber que suas ereções espontâneas tornam-se mais raras e que o contato manual é fundamental, como fator coadjuvante, para a sua manutenção frente ao estímulo erótico. Seu tempo refratário, entre um orgasmo e outro, também se amplia, mas o desejo permanece e uma nova forma de expressão erótica pode ser assimilada através da intimidade, da afeição e da confiança. Citando Cavalcanti (1994):

‘Se não há condições para uma boa genitalidade semanal, que ela seja quinzenal, mensal, ou até mais [...] Contudo, existirão sempre alternativas diárias para o toque, as carícias, massagens ou relaxantes, jantares juntos, perfumes ou músicas curtidos num clima de amor e carinho.’ (pág. 140)

Casais, juntos há muito tempo costumam declarar que a rotina dificulta uma vida sexual renovada e satisfatória; deparam-se com uma situação onde as responsabilidades anteriores, que lhes tomavam mais tempo, não mais existem, ou não lhes exigem tanto, como o papel de mãe e o papel profissional mais atuante. Quando dão por si, estão os dois de frente um para o outro e não mais reconhecem o encanto romântico do início da vida a dois. Em ‘Enigmas do coração’(1980), Eva e David vivem um casamento desgastado pelas vicissitudes dos anos e, por força do destino, fazem uma última viagem juntos com a jovem neta. Desta convivência, tanto quanto dos interesses emergentes em comum, resgatam lembranças dos sentimentos e valores que os uniram no passado, renovando assim seus laços amorosos. Este filme nos inspira a acreditar que a força de um sentimento amoroso pode ser resgatada e ricamente vivenciada independente da idade cronológica de nossa existência.

Em ‘Alguém tem de ceder’(2004), mulher de sucesso, mas solitária, conquista ex-namorado da filha demonstrando que sua maturidade, alegria e bom humor podem ser mais atraentes do que as jovens saradas. Ela acreditava que não poderia mais se envolver sexualmente com ninguém e se surpreende com a emoção da primeira noite de sexo com um homem de sessenta anos que acabara de sofrer um enfarto do coração e com as reações de prazer tanto física quanto emocional, que julgava nunca mais sentir. Passa a dormir melhor, seu apetite se renova e a perspectiva de dividir a vida com o outro não mais a incomoda.

A ausência de um parceiro, por morte ou separação costuma ser impedimento para uma frequência de atividade sexual; a maioria das mulheres foi criada para ter um só parceiro e, se a experiência anterior não foi positiva (ou por seguirem as normas religiosas), costumam negar a necessidade de prática sexual, alegando que estão melhores assim. Outras, que querem um parceiro, referem dificuldade de encontrá-lo, pois o número de mulheres é maior do que o de homens disponíveis.

‘Chega de Saudade’ (2008) é o nome do salão de baile para a terceira idade onde os personagens se encontram para dançar de corpo colado e eventualmente se relacionarem amorosamente. Podemos perceber, através da sensibilidade da cineasta, a dificuldade das mulheres para conseguir um par para a dança, algumas chegam a contratar acompanhantes para que possam usufruir do baile, outras amargam sentimentos de rejeição e frustração. O intuito de Laiz Bodanzky foi mostrar que além da música e da dança, a sensualidade regia aquele universo e, mesmo as mulheres mais gordinhas e os homens carecas, por exemplo, emanavam uma indiscutível elegância corporal.

Santos (2003) entrevistou mulheres de diferentes idades e concluiu que a idade cronológica não é obstáculo para a produção de fantasias amorosas, dos desejos eróticos ou dos jogos de sedução que se ampliam para além da beleza física representada na juventude. Acredito que estas habilidades se renovam e como consequência, o prazer de viver contribui para a melhoria da saúde. A vivência da sexualidade não se torna desgastada com o avanço da idade, ela se potencializa a partir das chances de expressão. Encontramos expressão de sexualidade também na liberdade da masturbação alcançada pela fantasia com ídolos da mocidade perdida ou da atualidade. Lembro-me de uma senhora de seus quase 80 anos que era apaixonada pelo cantor Daniel e quando escutava suas músicas suspirava: ‘Ah, Daniel dos meus sonhos! Quando ia se deitar proclamava: ‘Vou me entregar aos braços do Daniel’. E esta expressão não era desprovida de erotismo.

No filme ‘Chuvas de Verão’ (1977), Afonso se aposenta, compra um pijama e acredita que só lhe resta sentar-se à frente de casa e ser espectador da vida alheia. Era este o cenário cultural que representava o idoso na época: o indivíduo parava com uma responsabilidade fora de casa que lhe ocupava, que lhe legitimava como cidadão responsável e imprescindível esperava pelo fim da vida. Entretanto, o protagonista se envolve com as dificuldades de todos a sua volta. O tédio esperado não acontece como ele imaginava. Diante de situações inesperadas tem que

fazer novas escolhas, inclusive um novo olhar surge para uma antiga vizinha de sua idade. Mesmo nos idos da década de 1970, a mensagem do cineasta Cacá Diegues já era revolucionária ao expor na telona a relação de amor e sexo de um casal idoso numa comunidade suburbana.

### **Risco e Rejuvenescimento**

A ação do tempo é comum a todas as pessoas, mas o potencial de adaptação às mudanças e às marcas que cada um recebeu da vida é o que sustenta e dá significado a novas perspectivas da realidade. Nossa história de vida sexual vai acontecendo assim, vamos aprendendo o que é permitido, o que é tabu, o que é feio e sujo e o que é belo e gostoso. De acordo com o clima no qual as primeiras experiências sexuais se realizam, haverá facilidade ou não de nos expressarmos espontaneamente nos relacionamentos afetivos. Qualquer mau funcionamento da atividade sexual traz para o indivíduo baixa autoestima, desgaste da relação, ansiedade e conseqüente queda ou perda do apetite sexual.

‘Nossa sexualidade é a maneira pela qual expressamos e comunicamos nossos desejos, sentimentos, emoções e prazeres. Seu veículo é o corpo e, através dele transmitimos e recebemos mensagens tão ou mais verdadeiras do que aquelas ditas pela nossa fala.’  
(COELHO, 2009, s/p)

Fred é um viúvo recente de seus 80 anos, vive um momento de solidão e tristeza até que conhece sua vizinha, também com 80 anos. Elsa é uma divertida mitômana que traz novas emoções para a vida de Fred; juntos vivem deliciosas aventuras e o prazer de uma nova paixão (‘Elsa e Fred’, 2005). É impossível não sorrir diante da alegria dela, do semblante apaixonado dele e da realização de um novo projeto na vida de ambos. A realização de sonhos e fantasias é atemporal.

Butler e Lewis (1985) referem que o sexo na idade madura é sexo por si mesmo: prazer, liberação de tensão, comunicação e intimidade compartilhada; estando desvinculado da relação com filhos e família, esta liberdade pode proporcionar um novo momento de reflexão e conhecimento de si e do outro, uma autoafirmação positiva do funcionamento do corpo e da ação criadora.

Para estes autores o sexo na velhice é a oportunidade de desenvolvimento do que denominam ‘a segunda linguagem do sexo’. Esta linguagem baseia-se não mais na questão físico-atlética e na função de reprodução, foco da juventude; além disto, na intensidade da emoção, da comunicação e eu acrescentaria da cumplicidade experimentada a dois. Encontramos ideia

parecida em algumas tradições iniciáticas em que a prática sexual é um exercício lúcido pra criar e não para procriar.

Esta forma de enfrentamento para melhorar a vida sexual é confirmada em pesquisa de Gradim, Souza e Lobo (2007), na cidade de Alfenas - MG; os autores descrevem depoimentos de idosos, entre 60 e 79 anos, que continuam praticando a atividade sexual diante de condições físicas saudáveis e parcerias disponíveis, muitas vezes substituindo o ato sexual pelo prazer de acariciar e ser acariciado. É importante que se compreenda que a realização do ato sexual sem penetração não significa menor qualidade erótica, e sim renovação ou reconstrução da expressão da sexualidade. A relação sexual traz para qualquer indivíduo benefícios para o corpo e para a mente. No idoso, o foco agora passa ser a priorização do corpo como um todo e não apenas a prioridade aos genitais, enaltecendo a qualidade do sexo e não mais a quantidade.

Na atualidade, temos conhecimento que toda atividade física traz gasto energético e se exercitada com periodicidade, acarreta benefícios para o corpo. A prática da caminhada, da natação ou de qualquer atividade física aeróbica, está relacionada à busca de uma qualidade de vida mais satisfatória. Desde a juventude ou após orientação médica, de qualquer modo, o exercício físico sob a supervisão técnica especializada, resulta sempre em benefício tanto para a saúde física quanto para a autoestima.

*'Pelo fato de fazer esporte, penso que sou mais admirado, e eu sou vaidoso, gosto disso. Acho que as pessoas olham os vencedores. Acredito que o esporte contribua positivamente na minha sexualidade: me sinto saudável, com o corpo em forma, e me sinto muito bem com a minha sexualidade.'* (homem, 65 anos, casado)

As práticas esportivas ou exercícios como caminhadas podem beneficiar grupos musculares que são usados durante o sexo e aumentar a resistência física. Desta forma há uma diminuição do cansaço pós-coito, aumentando a resistência de articulações dos ombros, pernas e braços. Um sexo prazeroso intensifica a ação das substâncias como serotonina e dopamina, proporcionando uma sensação de bem estar, através da satisfação de um corpo funcional.

Mas, nem tudo são benefícios diante desta nova perspectiva de comportamento das pessoas com mais de 60 anos: homens e mulheres estão contraindo DST e principalmente HIV, decorrente da ausência do uso do preservativo. Estudos levantam a hipótese de este comportamento ter o fator cultural como um dos maiores responsáveis pela dificuldade de incorporar o preservativo durante a relação sexual. A questão do preservativo masculino sempre foi encarada pelo homem como um indesejável instrumento de anticoncepção que atrapalhava

sua sensibilidade na penetração. Aqueles acima dos 50 anos podem ter experimentado o material mais grosso (diferente do produzido nas últimas décadas) e deixaram de usá-lo quando a gravidez não era mais a preocupação na hora H. Viveram o início da epidemia de HIV/AIDS sem se sentirem alvos da contaminação; para esta geração o contágio acontecia em grupos de risco e eles não faziam parte desta população. Viveram a margem das campanhas de prevenção e não desenvolveram um padrão de comportamento de proteção às DST.

Com a dificuldade do uso durante o sexo, uma duração menor da ereção, somada a ideia de que a concepção não irá acontecer, homens e mulheres na faixa da terceira idade optam por não usarem a camisinha. Eles cuidam em afirmar sua masculinidade, elas acham que o parceiro é quem decide, mas ambos tornam-se vulneráveis às infecções.

Independente da classe socioeconômica, o índice de contaminação entre os brasileiros acima de 50 anos foi de 24.9% e os acima de 60 foi de 8.4%, segundo dados do MS apresentados em 2010.

O programa de combate ao HIV/AIDS no Brasil ainda é modelo para os países em desenvolvimento, mas temos que concordar que as ações de políticas públicas demoraram em contemplar uma campanha que visasse à prevenção do contágio das pessoas idosas. Isto só veio a ocorrer em 2009 com o tema: 'Clube dos Enta – Sexo não tem idade. Proteção também não. Camisinha depois dos 50: Experimenta.'

Como toda campanha sobre camisinha, esta versão para a terceira idade é pontual, acontecendo apenas no carnaval e próxima à comemoração do dia 1º de dezembro (Dia Internacional de Combate à AIDS). Não é do conhecimento do grande público e, infelizmente, não foi muito notada pela população em geral.

### **Considerações Finais**

As dimensões do envelhecimento envolvem critérios cronológicos, biológicos, psicológicos, socioculturais e funcionais. Gozando de plena saúde ou não, a possibilidade de adaptação, assim como de aceitação frente às mudanças inevitáveis na resposta sexual, sugere um novo estilo de vida e de perspectivas favoráveis a momentos de companheirismo, alegria e prazer. Mudanças significativas já podem ser observadas nesta população como padrões de menor resignação e maior atuação na sociedade vigente; agregam-se também novas oportunidades de desenvolverem o sentimento de orgulho pela sua história de vida e pela sabedoria adquirida.

O tempo maior para si, que acompanha a aposentadoria, revela a possibilidade de o idoso desenvolver novas habilidades ou se dedicar mais a antigos prazeres como esportes, artes ou contatos sociais (bailes, jogos de cartas, universidades da terceira idade). Amplia, portanto o canal para usufruir da sexualidade com uma intensidade antes adormecida ou renegada.

Todavia, conversas em família não proporcionam o dialogo aberto sobre a liberdade sexual dos idosos, o tabu sexual impede o acesso às informações (mídia empobrecida de temas voltados ao 'sexo' dos velhos) que podem melhorar a qualidade de suas relações afetivas sexuais e transformar, simbolicamente, as perdas reais por ganhos em outras dimensões.

Esperávamos que o avanço da idade trouxesse consigo um cuidado diante das situações de vulnerabilidade, mas independente da classe socioeconômica isto não aconteceu. Estamos diante de fatos que justificam ações consistentes e positivas de mudanças sociais em benefício desta população.

Finalmente, faz-se necessário refletir sobre o despreparo dos profissionais da saúde diante da abordagem da prática sexual de seus pacientes. A crença de que as pessoas com mais de 60 anos não praticam sexo impede que a prevenção aconteça a partir de uma orientação profissional adequada e, mais grave ainda, atrasa o diagnostico da infecção pelo HIV, pois suas primeiras manifestações são confundidas com típicas doenças da idade avançada.

## Referências

AZEREDO, R. H. **A sexualidade idosa no imaginário do jovem adulto**. Dissertação de mestrado. São Paulo:PUC, p.110, 2002.

BUTLER, R.; LEWIS, M. **Sexo e amor na 3ª idade**. São Paulo: Summus, p.117-120, 1985.

CAVALCANTI, M. Sexualidade na idade avançada. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**. vol.5, n.2, São Paulo: p.138-141, 1994.

COELHO, G. **Sexualidade**. Disponível em: < [www.glaurycoelho.blogspot.com](http://www.glaurycoelho.blogspot.com)>. Acesso em: 18 de nov, 2011.

GAIER, R.V. Expectativa de vida no Brasil passa a 73,2 anos, diz **IBGE**. 2010. Disponível em: < [www.redebrasilatual.com.br/.../expectativa-de-vida-no-brasil](http://www.redebrasilatual.com.br/.../expectativa-de-vida-no-brasil) >. Acesso em: 05 de ago, 2011

GRADIM, C. V. C., SOUSA, A. M., LOBO, J. M. A pratica sexual e o envelhecimento. **Cogitare Enfermagem**. vol.12, nº2. Paraná: p.204-13, 2007.



MINISTERIO da SAÚDE. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Boletim epidemiológico**. Disponível em:< [www.aids.gov.br/publicacao/boletim-epidemiologico-2010](http://www.aids.gov.br/publicacao/boletim-epidemiologico-2010) >. Acesso em: 01 de ago, 2011

SANTOS, S.S. **Sexualidade e amor na velhice**. Porto Alegre: Sulina, 2003

**Filmes:**

BODANZKY, L. **Chega de saudade**. DVD. Brasil, 2008

CARNEVALE, M. **Elsa & Fred**. Espanha e Argentina. DVD. 2005

DIEGUES, C. **Chuvas de verão**. VHS. Brasil.1977

GRANT, L. **Enigmas do Coração**. VHS. EUA. 1980

MEYERS, N. **Alguém tem que ceder**. DVD. EUA. 2003

**CONFERÊNCIA: INCLUSÃO E SEXUALIDADE DE  
PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS FÍSICAS**

## SEXUALIDADE E DEFICIÊNCIA FÍSICA: REABILITAÇÃO E TERAPIA SEXUAL DE LESADOS MEDULARES\*

Ana Cláudia Bortolozzi Maia<sup>1</sup>

### *SEXUALITY AND DISABILITY: SEX THERAPY AND REHABILITATION OF PEOPLE WITH SPINAL CORD*

**Resumo:** O artigo apresenta uma discussão teórica sobre a relação entre a sexualidade e as deficiências físicas. Discorre-se sobre os conceitos de sexualidade e deficiência como socialmente construídos para depois argumentar as crenças de uma sexualidade atípica quando se trata de pessoas com deficiências são mitos e expressam preconceitos. Aprofunda-se a questão focalizando a pessoa com lesão medular, apontando as possíveis limitações nas fases da resposta sexual e também aspectos importantes sobre a reabilitação e a terapia sexual dessa população.

**Palavras-chave:** Sexualidade. Deficiência. Lesão medular.

**Abstract:** The paper presents a theoretical discussion about the relationship between sexuality and disability. Talks about the concepts of sexuality and disability as socially constructed and then argue the myths and prejudices that underpin the beliefs of an atypical sexuality when it comes to people with disabilities. Delves into the issue focusing on the person with spinal cord injury, pointing to possible limitations on the phases of sexual response and also important aspects of sex therapy and rehabilitation of this population.

**Keywords:** Sexuality. Deficiency. Spinal cord injury.

A sexualidade manifesta-se em suas dimensões biológica, psicológica e social. Ela faz parte de todo ser humano como uma questão íntegra, independentemente de possíveis dificuldades em sua expressão decorrentes de uma deficiência física.

É preciso deixar claro que a sexualidade independe – ou não - da existência de “incapacidade”; ou seja, a sexualidade é inerente a todo ser humano; as diferenciações ocorrem na exteriorização da atividade sexual, que pode estar modificada em alguns

---

\* Este texto apresenta uma discussão teórica que é parte integrante da Pesquisa financiada pela Fapesp (**Processo no 2011/07400-9**).

<sup>1</sup> Psicóloga. Doutora em Educação. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO e CULTURA – GEPESEC. Docente junto ao Departamento de Psicologia e a Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem (Faculdade de Ciências de Bauru) e Pós-Graduação em Psicologia Escolar. (Faculdade Ciências e Letras de Araraquara). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho- UNESP. e-mail: aclaudia@fc.unesp.br

casos. Deficiência não é, definitivamente, sinônimo de assexualidade ou de problemática sexual (PINEL, 1999, p.214-215).

A sexualidade refere-se ao fenômeno abrangente do erotismo humano e sua manifestação é ampla e difusa. Ela não se restringe à genitalidade, não diz respeito somente às práticas sexuais, mas também ao modo como nos relacionamos com as outras pessoas, como nos configuramos enquanto identidade de gênero, como manifestamos o autoerotismo e as relações afetivas em geral etc. Essas representações sobre a sexualidade de modo amplo dependem de diferentes contextos culturais e momentos históricos (ANDERSON, 2000; BLACKBURN, 2002; DANIELS, 1981; MAIA, 2011).

A partir das representações e julgamentos sociais constroem-se valores sobre o que seria uma “sexualidade normal”, o que na nossa sociedade tem a ver com questões, como: ser heterossexual, ter um corpo esbelto e magro, ter saúde sexual e reprodutiva e ter uma resposta sexual funcional (desejo, excitação e orgasmos). Neste sentido, quando uma pessoa não corresponde a tais padrões, embora seja julgada no senso comum como alguém infeliz e desajustada é importante destacar que isso não a torna “assexuada” e que há inúmeras possibilidades de gratificação libidinal que não se restringem à obtenção de sucesso nas relações amorosas e sexuais. No entanto, é comum que esse preconceito social seja internalizado pela pessoa com deficiência que, eventualmente, pode ter dificuldades no campo da sexualidade, acreditando que essa dificuldade necessariamente tem a ver com sua deficiência.

A deficiência refere-se a uma série de condições gerais que limitam biológica, psicológica ou socialmente a vida de uma pessoa ao longo de seu desenvolvimento (MAIA, 2006). Trata-se de um conceito construído socialmente, na medida em que essas limitações são mais ou menos visíveis e imperativas dependendo do contexto em que elas se manifestam; dizendo de outro modo, são nas interações sociais e culturais que ocorrem os julgamentos sobre o quanto aquela “diferença” ou deficiência implicam em limites para uma vida plena e isso tem a ver com como a sociedade prioriza questões como a acessibilidade, as políticas públicas, obtenção de recursos econômicos etc (MAIA, 2011; OMOTE, 1999; SIEBERS, 2008; SORRENTINO, 1990). A deficiência não é um problema pessoal e individual, mas social e coletivo (EDWARDS, 1997; MAIA, 2011; MITCHELL; SYNDER, 1997; PRISTLEY, 2001).

Também é preciso considerar se a deficiência é uma condição adquirida ou congênita. Por um bom período após a deficiência adquirida, são comuns as reações de negação, revolta,

euforia ou depressão (SADE; CHACON, 2008; SORRENTINO, 1990; SCHORN, 2005). O apoio e suporte familiar são imprescindíveis nesse processo e, muitas vezes, crenças religiosas acabam por confortarem o enfrentamento da situação. A deficiência adquirida acarreta uma mudança drástica na vida de uma pessoa e de seus familiares. Muitas serão as mudanças, desde arquitetônicas e estruturais (adaptações na residência, necessidade de auxílio para atividades cotidianas, como locomoção e alimentação o que gera dependência), psicológicas (autoaceitação, autoestima, reconhecimento da deficiência como uma parte da identidade pessoal) e sociais, envolvendo a reabilitação profissional, por exemplo e, também a sexual. A condição de uma deficiência física, principalmente no caso de lesões medulares, pode acarretar problemas orgânicos na resposta sexual. Referimo-nos aqui à resposta sexual trifásica: desejo, excitação e orgasmo. No entanto, a literatura tem chamado a atenção para o fato de que as maiores dificuldades relatadas pelas pessoas com deficiência no campo da sexualidade são psicossociais e não orgânicas: preconceito, desinformação, discriminação, inabilidade, falta de orientação sexual adequada, processo deficitário ou inadequado de educação sexual familiar, descrédito na capacidade de deficientes em expressar sentimentos e desejos sexuais, valores e concepções distorcidas associadas à deficiência física (BLACKBURN, 2002; PINEL, 1999; MAIA, 2006).

Há vários mitos sobre a relação entre sexualidade e deficiência (MAIA; RIBEIRO, 2010). Esses mitos são ideias que atribuem à pessoa com deficiência uma sexualidade atípica e sempre infeliz. Exemplos: pessoas com deficiência não tem sentimentos e necessidades sexuais ou há um desejo exagerado e compulsivo, pessoas com deficiência são indesejáveis e pouco atrativas e por isso só se relacionam com outros deficientes ou não encontram parceiros sexuais, o sexo para pessoas com deficiência é diferente e menos prazeroso (porque, muitas vezes, técnicas e arranjos funcionais são necessários), a resposta sexual e a reprodução para pessoas com deficiência é sempre problemática, toda pessoa com deficiência tem uma disfunção sexual e é infértil etc. (ANDERSON, 2000; BAER, 2003; GIAMI, 2004; KAUFMAN, SILVERBERG; ODETTE, 2003; MAIA; RIBEIRO, 2010; PINEL, 1999, SALIMENE, 1995).

A crença nesses mitos é um modo preconceituoso de conceber a relação entre sexualidade e deficiência porque eles não correspondem à verdade. Pessoas com deficiência são sempre seres sexuados, mesmo que tenham algum tipo de limitação física ou sexual: não se caracterizam como assexuadas nem tampouco hipersexuadas. Possíveis problemas nas fases da resposta sexual, como desejo, excitação e orgasmo, são comuns na população com deficiência e

também entre aqueles que não tenham deficiências. A vida sexual de uma pessoa com deficiência não é sinônimo de incapacidade e infelicidade (MAIA; RIBEIRO, 2010).

A Lesão medular é um quadro clínico que produz alterações motoras, sensitivas e neurovegetativas, ocasionando a perda de funções motoras e da sensibilidade nas pernas (paraplegia) ou nas pernas, tronco e braços (tetraplegia), dependendo da vértebra na qual ocorreu a lesão. As causas das lesões medulares podem ser traumáticas (acidentes, quedas, armas de fogo) e não-traumáticas (tumores medulares, malformações congênitas, disfunções vasculares). Os maiores índices de lesões medulares no Brasil e no mundo ocorrem por causas traumáticas, como acidentes de carro, de esportes e por quedas ou mergulho e, ainda, por armas de fogo, sobretudo, em adultos jovens do sexo masculino (BAER, 2003; CARDOSO, 2006; MAIOR, 1988; MAIA, 2011; PINEL, 1999; SALIMENE, 1995).

A ocorrência de uma lesão medular pode levar a implicações diretas na resposta sexual. Dependendo do nível e da extensão da lesão medular, algumas alterações da resposta sexual são recorrentes, principalmente nos homens, em que poderão ocorrer mudanças na ejaculação (bloqueio ejaculatório) e na ereção (disfunção erétil total, parcial ou de manutenção) e problemas de ejaculação retrógrada (BAER, 2003; CARDOSO, 2006; DUCHARME; GILL, 1997; MAIA, 2011, MAIOR, 1988; PINEL, 1999). A seguir, descreveremos as possíveis intercorrências nas fases da resposta sexual que podem ocorrer após a lesão medular:

- 1) Fase do Desejo: para homens e mulheres o desejo pode estar alterado pelo estado depressivo ou baixa autoestima; a diminuição do desejo tem mais a ver com questões psicossociais do que orgânicas;
- 2) Fase da Excitação: homens com lesão completa superior podem manter a capacidade de ereção reflexa, mas não a psicogênica; nos homens com lesão incompleta superior a ereção reflexa é normal e as psicogênicas podem existir; nas mulheres há alterações na sensibilidade da estimulação clitoriana ou anal, diminuição da lubrificação e da congestão dos genitais externos;
- 3) Fase do Orgasmo: é um fenômeno complexo que pode ou não ser sentido na masturbação ou em relações sexuais. Para homens e mulheres, as respostas extragenitais podem ser sentidas e os orgasmos são sentidos mais frequentemente em caso de lesões incompletas. Há autores que os chamam de “paraorgasmos” por se tratarem de sensações nas zonas erógenas não genitais e não afetadas pela lesão. Em decorrência de problemas

de ejaculação, a infertilidade masculina é frequente, principalmente em lesões completas inferiores. Nas mulheres a capacidade de engravidar é preservada;

Uma questão importante a ser considerada é que muitas pessoas com lesão medular pautam-se na vida sexual anterior à lesão, comparando seu desempenho sexual após a lesão com a resposta sexual anterior, focalizando a satisfação sexual na capacidade de excitação e orgasmo, desconsiderando a existência de múltiplas formas de dar e receber prazer. Isso pode levar a sentimentos de ansiedade e frustração diante das mudanças que ocorrerão na vida sexual, principalmente no caso dos homens (BAER, 2003; CARDOSO, 2006; PINEL, 1999; SILVA; ALBERTINI, 2007; SOARES, MOREIRA; MONTEIRO, 2008; MAIA, 2011). Para Maior (1988) quanto maior a visão da sexualidade como algo genital e focalizado na função sexual, mas difícil será a reabilitação sexual.

Diante dessas dificuldades, a reabilitação sexual é imprescindível para essa população. Os profissionais de saúde deveriam prestar informações e esclarecer que atualmente há diferentes recursos, desde medicamentos até técnicas de terapia sexual que podem ajudar o cliente a resgatar uma resposta sexual funcional (BLACKBURN, 2002; CARDOSO, 2006; MAIA, 2006; MAIOR, 1988; PUHLMANN, 2000).

Problemas de ereção peniana de causas orgânicas podem ser enfrentados com vários tratamentos (BAER, 2003; DUCHARME; GILL, 1997; FÜRL-RIEDE, HAUSMANN; SCHNEIDER, 2003; MAIOR, 1988; PUHLMANN, 2000), tais como:

a) intravenoso, com o uso de substâncias como papaverina, fentolamina e a prostaglandina E1 que basicamente é uma injeção peniana que causa relaxamento do tecido muscular favorecendo a ereção;

b) sistema de medicação uretral, com a introdução de prostaglandina E1 por via uretral,  
c) medicamento oral como sildenafil, que inibe enzimas e com estimulação sexual auxilia a musculatura lisa;

d) cirurgia vascular (que tem pouco índice de sucesso)

e) implante no pênis que de uma base mecânica hidráulica ou flexível colocada nos corpos cavernosos;

f) uso de cilindro a vácuo ou anéis penianos;

g) várias técnicas comportamentais ou uso de equipamentos e “brinquedos eróticos”, como vibradores e lubrificantes;

Problemas como incontinência urinária e espasticidade são também comuns. Algumas técnicas para diminuir a espasticidade são recomendáveis, como a temperatura adequada do local da relação sexual, o uso de massagem e medicação antiespasmódica. Também certas posições são importantes para estabilizar a articulação. No caso da incontinência, é preciso que a bexiga e o reto sejam esvaziados antes da relação sexual e que se faça uso de protetores de colchão e toalhas que facilitam a higiene necessária (FÜRLI-RIEDE; HAUSMANN; SCHNEIDER, 2003). Também são frequentes sensações de dor, fadiga, limitações motoras, comprometimento da capacidade de comunicação assertiva, condições cognitivas desfavoráveis (pensamentos destrutivos e crenças inadequadas), dificuldades para ter privacidade, dificuldades de perceber os estímulos e, finalmente, também podem haver os efeitos colaterais a partir do uso de medicamentos (DUCHARME; GILL, 1997; KAUFMAN, SILVERG, ODETTE, 2003).

Nos casos gerais de disfunções sexuais, algumas condições também são importantes, como a prática da masturbação solitária ou mútua, experimentação de novas posições sexuais, exercício de várias práticas sexuais, como o sexo anal e oral, boa comunicação com o(a) parceiro(a) dialogando sobre as sensações, desejos, fantasias e necessidades (BAER, 2003; DUCHARME; GILL, 1997; KAUFMAN, SILVERG, ODETTE, 2003).

Aliado à Terapia Sexual, focalizada no uso de técnicas comportamentais necessárias à reabilitação sexual funcional, às vezes, é necessário também um processo psicoterapêutico abordando dificuldades como: autoestima, imagem corporal, enfrentamento de mitos e preconceitos, reestruturação da masculinidade e feminilidade, reflexões sobre padrões de estética, dificuldades emocionais que envolvem o relacionamento conjugal, expectativas quanto à reprodução ou mesmo a associação das dificuldades à ocorrência de doenças.

Autores como Baer (2003), Fürll-Riede, Hausmann e Schneider (2003), Kaufman, Silverg e Odette (2003), Maior (1988) e Puhmann (2000) lembram que nos casos de clientes com lesão medular são comuns sentimentos de inferioridade, problemas com o(a) parceiro(a) ou em encontrar algum parceiro(a) afetivo e sexual, falta de conhecimento sobre o funcionamento do corpo e possíveis limitações sexuais decorrentes da lesão medular e suas possíveis soluções.

No atendimento, é importante uma avaliação que deve ser feita por um médico(a) sobre a resposta sexual e das funções urinárias e intestinais, além de um levantamento sobre a sensibilidade cutânea, a atividade motora, reflexa ou voluntária, a integridade dos arcos reflexos,



o nível e grau da extensão da lesão medular (MAIOR, 1988) e uma avaliação psicológica sobre o impacto da deficiência na vida da pessoa e de suas relações familiares e conjugais. Também é importante avaliar as representações de gênero e sexualidade, como era a vida sexual e afetiva anterior à lesão, sentimentos de ansiedade, depressão e expectativas em relação à vida sexual. Por isso o trabalho em equipe multidisciplinar é importante tanto na avaliação inicial, quanto no atendimento integral a essas pessoas.

Sugerimos, como estratégias gerais, alguns procedimentos que são importantes no atendimento em sexualidade a pessoas com lesão medular:

- Garantir uma avaliação inicial integral e um atendimento em equipe multidisciplinar, incluindo psicólogos, fisioterapeutas, terapeutas sexuais, médicos dentre outros;
- Realizar um atendimento do cliente em seu contexto social, isto é, considerar o relacionamento com o(a) parceiro(a) e/ou familiares;
- Planejar atendimentos grupais. O atendimento pode ser individual, mas o atendimento grupal é muito importante na medida em que permite que sejam compartilhados fracassos e sucessos e que se fortaleça a noção de pertencimento social;
- Priorizar o resgate da autoestima e a identificação da imagem corporal. Trabalhar a identidade de pessoa com deficiência sem que isso prejudique a imagem pessoal;
- Indicar uma terapia sexual específica, onde se possibilitará a utilização de técnicas comportamentais para as disfunções sexuais e o uso de equipamentos, como vibradores e lubrificantes;
- Respeitar a diversidade sexual que também existe nessa população, isto é, considerar que a pessoa com deficiência é um sujeito erótico que pode se expressar com desejos diversos;
- Oferecer esclarecimentos e educação sexual geral, no sentido de garantir o direito à saúde sexual e reprodutiva;

### **Considerações Finais**

O trabalho de reabilitação sexual deve ser abrangente, considerando as questões emocionais, laborais e médicas envolvidas, a extensão da lesão e as condições incapacitantes, além das variáveis econômicas e sociais, incluindo questões de gênero e identidade sexual. Uma avaliação correta dessas condições implica a participação de diversos profissionais se desejamos

oferecer à pessoa com deficiência um atendimento que garanta seus direitos e proporcione uma experiência gratificante da sexualidade (MAIA, 2011).

Os próprios profissionais têm dúvidas ou dificuldades pessoais que dificultam o atendimento. Geralmente os processos de reabilitação de pessoas com deficiência desmerecem ou minimizam as questões sexuais priorizando outras dimensões sociais. Por isso defendemos que é preciso investir em capacitação e formação dos profissionais envolvidos no atendimento a essas pessoas.

A reabilitação sexual destinada à população com deficiência deveria ser assegurada nos atendimentos a essas pessoas. Profissionais da saúde deveriam trabalhar em equipe e garantir a todos o direito ao esclarecimento que possa favorecer uma vida sexual plena e satisfatória a todos.

## Referências

ANDERSON, O. H. **Doing what comes naturally?** – dispelling myths and fallacies about sexuality and people with developmental disabilities. Illinois/ USA, High Tide Press, 2000.

BAER, R. **Is Fred Dead?** – a manual on sexuality for men with spinal cord injuries. Pennsylvania: Dorrance Publishing, 2003.

BLACKBURN, M. **Sexuality & disability.** Oxford: Butterworth Heinemann, 2002.

CARDOSO, J. **Sexualidade e Deficiência** (Série Psicologia e Saúde). Coimbra/PT, Quarteto editora, 2006.

DANIELS, S. (1981). Critical issues in sexuality and disability. In: BULLARD, D.; KNIGHT, S. (Orgs). **Sexuality & Physical Disability:** personal perspectives. Missouri/ USA: Mosby Company, p.5-17.

DUCHARME, S.H.; GILL, K. M. **Sexuality after spinal cord injury-** answers to your questions. Baltimore, Maryland: Paul H. Brookes Publishing Co, 1997.

EDWARDS, M. L. Constructions of Physical disability in the ancient greek world- the community concept. In: MITCHELL, D. T.; SNYDER, S. L. (Eds.). **The Body and Physical Difference-** discourses of disability. Michigan, USA: University of Michigan, 1997, p.35-50.

FÜRL-RIEDE, C.; HAUSMANN, R.; SCHNEIDER, W. **Reabilitação Sexual do Deficiente** (Raimundo Rodrigues Santos, Trad.). Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

GIAMI, A. **O anjo e a fera: sexualidade, deficiência mental, instituição.** (Lydia Macedo, Trad.). São Paulo/SP, Casa do Psicólogo, 2004.

KAUFMAN, M.; SILVERBERG, C.; ODETTE, F. **The ultimate guide to sex and disability – for all of us who live with disabilities, chronic pain e illness.** (2a ed). Califórnia/USA: Cleis Press, 2003.

MAIA, A. C. B. **Inclusão e sexualidade na voz de pessoas com deficiências físicas.** Curitiba: Ed. Juruá, 2011.

MAIA, A.C.B. **Sexualidade e Deficiências.** São Paulo/SP: Editora Unesp, 2006.

MAIA, A.C.B.; RIBEIRO, P. R.M. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.16, n.2, p. 159-176, 2010.

MAIOR, I. M. M. L. **Reabilitação sexual do paraplégico e tetraplégico.** São Paulo: Revinter, 1988.

MITCHELL, D. T.; SNYDER, S. L. Introduction- disability studies and the double bind of representation. In: MITCHELL, D.T.; SNYDER, S. L. (Eds.). **The Body and Physical Difference- discourses of disability.** Michigan, USA: University of Michigan, 1997, p. 1-31.

OMOTE, S. Deficiência: da diferença ao desvio. In: MANZINI, E. J.; BRANCATTI, P.R. (Orgs.). **Educação especial e estigma: corporeidade, sexualidade e expressão artística.** Marília: Ed. UNESP, 1999, p.3-21.

PINEL, A. Educação sexual para pessoas portadoras de deficiências físicas e mentais. In: RIBEIRO, M. (Org.). **O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde.** São Paulo: Gente, 1999, p. 211-226.

PRISTLEY, M. **Disability and the life course.** New York: Cambridge, 2001.

PUHLMANN, F. **A revolução sexual sobre rodas: conquistando o afeto e a autonomia.** São Paulo: O Nome da Rosa, 2000.

SADE, R. M. ; CHACON, M. C. Os meandros familiares, escolares e sociais da construção da identidade do deficiente. In OLIVEIRA, A.A.S.; OMOTE, S.; GIROTO, C.R.M. **Inclusão Escolar: as contribuições da educação especial.** São Paulo: Cultura Acadêmica, Marília: FUNDEPE, 2008, p.93-107.

SALIMENE, A. C. M. **Sexo: caminho para a reabilitação: um estudo sobre a manifestação da sexualidade em homens paraplégicos.** São Paulo: Cortez, 1995.

SCHORN, M. **La capacidad en La discapacidad – sordera, discapacidad intelectual, sexualidad y autismo.** Buenos Aires: Lugar Editorial, 2005.

SIEBERS, T. **Disability Theory**. Michigan, USA: University of Michigan, 2008.

SILVA, L.C. A.; ALBERTINI, P. A re-invenção da sexualidade masculina na paraplegia adquirida. *Revista do Departamento de Psicologia UFF*, v.19, n.1, p. 37-48, 2007.

SOARES, A.H.R., MOREIRA, M.C.N.; MONTEIRO, L.M.C. Jovens portadores de deficiência: sexualidade e estigma. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, n.1, p.185-194, 2008.

SORRENTINO, A. M. **Handicap y rehabilitación**- uma brújula sistêmica en El universo relacional del niño com deficiências físicas. 1ª Ed. Barcelona, ES: Ediciones Paidós Ibérica, 1990.

## **TEMA: AS MULHERES E AS DISFUNÇÕES SEXUAIS**

## É POSSÍVEL MEDICAR? QUAIS DISFUNÇÕES?

*Jorge José Serapião<sup>1</sup>*

### *YOU CAN MEDICATE? WHICH DYSFUNCTIONS?*

**Resumo:** O autor conceitua os termos terapia sexual e psicoterapia sexual. Denomina terapia sexual as diversas técnicas que buscam melhorar a qualidade dos relacionamentos interpessoais de natureza sexual. . Essas técnicas incluem a utilização de drogas ( farmacoterapia) , de técnicas de fisioterapia, de processos cirúrgicos e de diversos modelos de psicoterapia sexual. Assim a psicoterapia sexual é uma parte do conjunto dos processos a serem utilizados na condução das inadequações sexuais No presente artigo o autor descreve as técnicas de terapia sexual utilizadas em terapia sexual feminina distintas da técnicas de psicoterapia. Após uma breve introdução histórica o autor apresenta as bases da farmacologia sexual, das técnicas cirúrgicas utilizadas nas inadequações sexuais assim como a utilização de técnicas de fisioterapia nesse tipo de tratamento. Conclui chamando a atenção para a indissociável condição de um complexo bio-psico-social que é a sexualidade humana.

**Palavras-chave:** Terapia sexual. Psicoterapia sexual. Disfunção sexual feminina.

**Abstract:** The author focus on the concepts of sexual therapy and psychotherapy. He calls as sexual therapy a variety of techniques that aim to improve the quality of the interpersonal relationships of a sexual nature. These techniques include the use of drugs (pharmacotherapy) and physiotherapy as well as surgical procedures and several models of sexual psychotherapy. Thus the sexual psychotherapy is part of the set of proceedings (processes) to be used in the treatment of sexual inadequacies. In this article the author describes the sexual therapy techniques used in female sexual therapy which are different from psychotherapy techniques. After a brief historical introduction the author presents the basis of sexual pharmacology, the surgical techniques used in sexual inadequacies and the use of physiotherapy techniques in this kind of treatment. The author concludes calling attention to the fact that the human sexuality is a bio-psycho-social complex.

**Keywords:** Sexual therapy. Sexual psychotherapy. Female sexual dysfunction

Até a metade do século passado não havia nenhum tratamento para as disfunções sexuais, senão a abordagem psicanalítica de longa duração. A partir dos trabalhos clássicos de Masters e Johnson (1966), Helen Kaplan (1974), Lopiccolo (1976), Lazarus (1976) e tantos outros, a sexologia ampliou suas áreas de abordagem e atuação.

---

<sup>1</sup> Professor Responsável pela disciplina de Sexualidade Humana na Faculdade de Medicina da UFRJ. e-mail: serapius@uninet.com.br

Tradicionalmente o termo terapia sexual define um conjunto de estratégias para tratar disfunções do desempenho sexual quando não há uma etiologia médica ou como complemento ao tratamento médico. Na atualidade, o termo terapia sexual tem sido utilizado para descrever uma grande variedade de ações visando a lidar com as queixas e desconfortos decorrentes de disfunções e inadequações sexuais.

Assim, além das disfunções clássicas (disfunções do desejo, da excitação e do orgasmo bem como a dor na relação sexual) as técnicas de terapia sexual buscaram lidar com as chamadas inadequações sexuais. Inadequações sexuais que decorrem desde uma simples discordância sobre a frequência sexual (quando um do par tem mais apetite sexual que o outro), até a necessidade de adequação cirúrgica da genitália externa à identidade de gênero do indivíduo (cirurgias de transgenitalização em transexuais).

A terapia sexual, portanto, busca melhorar a qualidade do relacionamento como um todo, incluindo o sexual, uma vez que trabalha desde a auto-estima do casal até os bloqueios que impedem a livre expressão da sexualidade, passando por conflitos de identidade sexual, orientação sexual etc. É dessa maneira que o termo será tomado no presente artigo.

Reconhecida a dinâmica bio-psico-social da sexualidade humana, essas ações buscam, hoje, atender a cada uma dessas três vertentes. Assim, na vertente biológica, predominam as medidas farmacoterapêuticas e cirúrgicas; na vertente psicológica e social, as técnicas utilizadas são as psicoterápicas e as de intervenção social. Somente para fins didáticos nessa mesa divido com uma psicóloga o tema e dessa forma abordaremos, através de diversos itens, a farmacoterapia sexual, as intervenções cirúrgicas, as técnicas de fisioterapia deixando a psicoterapia sexual e as intervenções sociais para o outro participante da mesa.

### **Farmacoterapia sexual**

Entende-se por farmacoterapia sexual a utilização de medicamentos para o tratamento das disfunções e inadequações sexuais. Basicamente são empregadas substâncias dos grupos: hormônios, substâncias psicoativas e substâncias vaso ativas.

#### **Hormônios**

**Estrogênios** - Entre os animais, a atratividade está condicionada aos níveis de estrogênio (odores e aparência vulvar). Durante o cio, por exemplo, observam-se modificações circumpereais (pele sexual) nas macacas e nas fêmeas dos gorilas. Nas mulheres, ainda que não se possa estabelecer

uma receptividade como a observada entre os animais, podemos afirmar que os estrogênios são elementos importantes para a manutenção do trofismo vaginal normal.

**Androgênios** - Os androgênios são importantes na sexualidade e no bem-estar geral do homem e da mulher. Níveis séricos reduzidos parecem contribuir para um declínio da libido em ambos os sexos. O principal androgênio circulante é a testosterona.

Nos seres humanos, a testosterona é principalmente produzida pelas células de Leydig dos testículos e, em menor quantidade, pelas suprarenais. Nos homens, o dado mais contundente da importância dos androgênios na manutenção do desejo sexual é a relação entre essa queixa e os quadros de hipogonadismo. A testosterona relaciona-se também com o grau de agressividade masculina.

Nas mulheres, a testosterona é primariamente responsável pela manutenção da motivação e do interesse sexual e os níveis reduzidos desse hormônio estão associados com o declínio desses parâmetros (Fernandes, 2006). Demonstrou-se uma melhora mais acentuada da sexualidade em mulheres climatéricas tratadas com reposição hormonal contendo testosterona, quando comparadas com mulheres usando reposição apenas com estrogênio

A prova mais convincente do papel dos androgênios na função sexual feminina vem de estudos controlados, prospectivos, de mulheres que foram submetidas à menopausa cirúrgica (ooforectomia), mostrando que a utilização de androgênios manteve o interesse sexual depois da cirurgia, enquanto que estrogênios e placebo, não.

Há quem acredite que as alterações da libido tenham relação com os androgênios, mas não guarda direta proporção com a concentração plasmática dos mesmos e sim com a forma com que agem nos órgãos alvos.

Os valores normais de testosterona total para o sexo masculino são de 240 a 820 ng/dl. Esses valores podem variar de um laboratório para outro. Considera-se que a concentração normal de testosterona circulante nas mulheres (10 a 100 ng/dl) seja equivalente a uma décima parte dos níveis dos homens.

A maioria de métodos para medir testosterona em mulheres é bastante imprecisa e esses valores tornam-se mesmo não confiáveis quando os níveis sanguíneos de testosterona são baixos. Pesquisas recentes descritas em Fonseca (2010) mostraram que, por essa imprecisão, não há uma relação direta entre níveis de testosterona e perda de libido e disfunção sexual.



Conseqüentemente, esses valores não podem ser usados para diagnosticar a insuficiência dos androgênios, mas serão válidos tão somente para assegurar que esses níveis não estejam elevados. Assim, a dosagem de testosterona não poderia guiar uma reposição androgênica na mulher.

Por outro lado, todas as mulheres deveriam ter seus níveis de testosterona plasmática dosados, antes de serem submetidas a tratamento de reposição androgênica, principalmente para excluir aquelas com níveis normais ou elevados da testosterona. Afinal, se não se tenha, atualmente, definido um nível abaixo do qual se deva sugerir ou implementar uma reposição, é essencial que as mulheres com níveis normais ou elevados e não diagnosticados não sejam tratadas com os androgênios.

A terapia de reposição hormonal parece estar indicada em mulheres que se queixam, de forma persistente, de baixa da libido, com comprometimento de sua qualidade de vida e de seu relacionamento interpessoal e nas quais o componente psicológico possa ser nulo ou desprezível. Isto é especialmente verdadeiro para aquelas que foram ooforectomizadas. Essas diretrizes estão de acordo com o estabelecido no Consenso de Princeton cujo resultado foi registrado em Bachmann (2002).

Por outro lado uma das razões pelas quais esse tratamento não tem sido mais difundido são as conseqüências: virilização (insulinismo, acne, calvície tipo masculino, aumento do clitóris, alteração da voz). No Brasil, os sais de testosterona são comercializados em forma de comprimidos, injetáveis ou manipulados em cremes. Na Europa, (porém nem no Brasil nem nos EEUU), foi autorizado o uso do Adesivo Intrinsa, cujas informações de *marketing* dão conta de ser “um tratamento hormonal que ajuda as mulheres que sofrem de disfunção sexual feminina (DSF). A substância ativa nos Adesivos Intrinsa é a testosterona, que é libertada em pequenas quantidades diretamente na corrente sanguínea através da pele”.

Finalmente, deve-se considerar que esse tipo de hormonioterapia exige estudos mais cuidadosos em relação a:

- uma definição mais clara das características da insuficiência androgênica em mulheres;
- desenvolvimento de métodos apropriados para aferição dos pequenos valores de testosterona encontradas entre elas;
- disponibilidade de preparações de testosterona apropriadas para mulheres; e
- dados sobre a segurança do uso no mais longo prazo.

**Progestagênios** - Como o nome indica, a progesterona é o hormônio protetor da gravidez. Tem muitas vezes uma ação sinérgica ao estrogênio, embora ocasionalmente tenha um efeito oposto a ele.

A utilização clínica dos agentes progesteracionais inclui: preservação do corpo lúteo, quando a produção da progesterona natural da fase lútea é inadequada; anticoncepção; reposição hormonal pós menopausa; como antiandrogênico, para o tratamento da acne; inibição do crescimento prostático e controle de comportamento sexual masculino desviante.

Hoje existe um número grande de progesteronas sintética às quais são atribuídos diferentes efeitos fisiológicos, alguns dos quais comprometendo direta ou indiretamente a função sexual. Entre esses efeitos, podemos citar: efeito sedativo; depressão; redução de sensibilidade; redução da atividade física; ganho de peso; retenção hídrica; desconforto geral; inibição orgásmica; diminuição do interesse sexual; diminuição da sensibilidade dos neurônios hipotalâmicos para refletir estímulos na área genital; sangramento vaginal irregular; comprometimento da imagem corporal etc.

Particularmente, é importante a ação depressora da progesterona, que é explicada pelo aumento da atividade de MAO; redução da dopamina; aumento dos níveis de opióides cerebrais; antagonismo a ação da ocitocina.

Diversos progestágenos sintéticos com diferentes efeitos fisiológicos compõem a fórmula dos contraceptivos orais, o que faz com que modernamente se deva individualizar sua prescrição de acordo com as necessidades de cada paciente.

Por outro lado, há quem defenda o uso de alguns tipos de progesterona com leve ação androgênica, como a noretistona (NETA) ou a Tibolona, como capaz de atuar favoravelmente na libido feminina.

Finalmente, alguns tipos de progesterona poderão ser empregados por sua ação anti-androgênica. A ciproterona, por exemplo, pura ou entrando na composição de contraceptivos orais, tem sido muito empregada no controle da acne e do hirsutismo, nos quadros de hiperandrogenismo feminino conseqüente à síndrome de ovários policísticos. Também em alguns países da Europa e nos EEUU tem sido autorizada a utilização de medroxiprogesterona em altas doses (300 a 500 mg), no controle e supressão de comportamentos sexuais masculinos desviantes, incluindo estupro, exibicionismo, pedofilia, voyeurismo e outras parafilias.

**Anti-hormônios** – Ocasionalmente, substâncias consideradas anti-hormônios poderão ser úteis em farmacoterapia sexual. Um exemplo é a utilização da bromocriptina nos casos de hiperprolactinemia. Ela é útil no tratamento de disfunção sexual em pacientes com insuficiência renal crônica, submetidos à hemodiálise, nos quais se identifica uma elevação dos níveis de prolactina.

### **Substâncias psicoativas**

Algum resultado positivo nos homens é obtido com o uso de bloqueadores alfa-adrenérgicos, fracos como a ioimbina e mais efetivos, como a fenitolamina. A ioimbina e talvez a mais antiga droga usada como sendo capaz de estimular a resposta sexual, mas para cujo uso não temos provas seguras. Tudo indica que a ação deste medicamento assemelha-se à de placebos.

A fenitolamina parece dar razoáveis resultados em alguns clientes. Usam-se também agonistas serotoninérgicos, como o trazodone, e agonistas dopaminérgicos, como a bupropiona. O cloridrato de trazodone é um antidepressivo derivado da triazolopiridina, que difere dos atuais antidepressivos atualmente disponíveis. É indicado na depressão mental com ou sem episódios de ansiedade; na dor neurogênica (neuropatia diabética) e outros tipos de dores crônicas; e no tratamento da depressão maior. A trazodone pode causar priapismo, mas pode ter alguma utilidade terapêutica nas mulheres com desejo sexual hipotivo.

A bupropiona é de aminocetônico que foi liberado como um antitabagístico. Tem leve ação antidepressiva e tem pouco efeito adverso sobre a sexualidade, quando comparado com os antidepressivos serotoninérgicos, tais como os inibidores seletivos da recaptção de serotonina.

### **Substâncias vaso ativas**

As substâncias vaso ativas podem atuar em nível periférico ou por ação central.

Entre os vasodilatadores de ação periférica, a droga mais importante produzida e lançada com sucesso no mercado é o citrato de sildenafil, comercializado em comprimidos de 25, 50 ou 100mg a serem ingeridos uma hora antes do coito. A dose pode, dependendo da resposta, ser reduzida a 25mg, ou aumentada para 100mg.

A ação do sildenafil faz-se pela liberação de óxido nítrico nos corpos cavernosos, ativando a guanilatociclase, que aumenta os níveis de monofosfato de guanosina cíclico, o que

relaxa a musculatura dos corpos cavernosos, permitindo o acúmulo de sangue necessário à ereção. Sua utilização no sexo feminino não apresentou nenhum resultado benéfico.

Numerosas pesquisas (PFAUS et col, 2004; KING et col, 2007) concentram-se nas chamadas drogas de ação central, que intensificariam também o desejo sexual e, entre elas, o bremelanotide. O bremelanotide foi desenvolvido a partir do Peptide Melanotan II, como um agente de bronzeamento artificial. Nos testes iniciais, Melanotan II induziu bronzeamento, mas, além disso, causou excitação sexual e ereções espontâneas como efeitos colaterais inesperados em nove dos dez grupos de voluntários do sexo masculino. Foi utilizado no tratamento da disfunção sexual, mas esta autorização foi temporariamente interrompida em 2008, depois de terem sido levantadas preocupações sobre os efeitos adversos do aumento da pressão arterial

A farmacoterapia sexual lida com substâncias para as quais há uma forte demanda, pois todos querem melhorar o desempenho sexual e obter mais prazer e a indústria farmacêutica não desconhece a importância deste filão de consumo, capaz de proporcionar substanciais lucros. Objetivamente todas as terapias medicamentosas tem resultados incertos, posto que não atendem à policausalidade das disfunções sexuais, dentre as quais está o fator psicológico primário ou secundário ao sintoma.

### **Intervenções cirúrgicas**

O profissional responsável por lidar com problemas na área da sexualidade deve se familiarizar com técnicas cirúrgicas que possam ser utilizadas na condução dos problemas sexuais. Pela multiplicidade desses problemas, a cirurgia é executada, na maioria das vezes, por diferentes especialistas. Para o terapeuta sexual, em geral, basta que conheça as chances de que essas intervenções possam ser úteis a seus clientes e como eles lidam com essa possibilidade.

As anormalidades anatômicas são muitas vezes um fator impeditivo de um bom relacionamento sexual. Algumas delas, entretanto, nem sempre prejudicam a interação sexual, mas comprometem de tal forma a auto-imagem, que a eliminação ou atenuação dessas anomalias pela cirurgia pode representar um importante recurso terapêutico.

Na tentativa de enumerarmos aquelas que mais freqüentemente se relacionam a problemas sexuais, dividiremos essas intervenções em:

**Cirurgias de correção de malformações congênitas** - As chamadas genitálias dúbias, isto é, genitálias externas que apresentam características masculinas e femininas ao mesmo tempo; estas são, dentre as malformações congênitas, as que mais nitidamente se relacionam com a questão sexual.

Naturalmente que a criança recém-nascida com genitais ambíguos necessita de uma atribuição de gênero que permita a máxima realização de seu papel sexual no futuro. Isto orientará as decisões sobre a cirurgia plástica à qual deverá ser submetida. Não temos espaço para discutir detalhes, mas estas condutas, na prática, deverão considerar os seguintes aspectos:

I – a avaliação dessas crianças deve ser cuidadosa, incluindo história detalhada; exame físico cuidadoso; estudo do cariótipo; exame radiológico e ultrassonográfico; avaliação bioquímica; endoscopia; laparoscopia, biopsia gonadal etc.

II – a decisão quanto à atribuição do sexo desse recém-nascido (sexo de anúncio) deve ser considerada uma emergência social.

III – deve ser rigorosamente evitado atribuir-se sexo masculino a um recém-nascido quando o pênis for obviamente inadequado. Todas as tentativas de aumento do tamanho do pênis se mostraram insatisfatórias e as tentativas de faloplastias são, até o momento, fadadas ao insucesso funcional.

Ainda dentro das cirurgias de correção de malformações, vale referir os casos de agenesia de vagina. Embora o problema fundamental seja anatômico, seu significado psicológico e fisiológico não pode ser subestimado. A ausência da menstruação e a inviabilidade da realização do coito vaginal são também motivos de muita frustração.

As causas são muito variadas e não seria oportuno um detalhamento. Exemplificamos somente com os casos de Síndrome de Turner, de Rokitansky, de Morris etc.

A confecção de uma neo vagina admite técnicas cirúrgicas variadas, sendo a mais conhecida a que preconiza, após a confecção de um túnel entre o reto e a uretra, a colocação de um molde envolvido por enxerto de pele. Mais recentemente se tem optado por técnicas que visam a criar uma neo vagina sem intervenção cirúrgica, através de repetidas e graduais compressões com moldes sólidos na discreta depressão junto à fúrcula vulvar que, em pacientes motivadas, acaba por desenvolver uma cavidade perfeitamente similar a uma vagina funcional.

Poderíamos citar ainda diversas questões ligadas a malformações que conferem, a seus portadores, graves danos em sua auto-imagem, comprometendo sua função sexual. Casos que

podem se beneficiar por intervenções cirúrgicas plásticas: hipertrofia de clitóris; agenesia, assimetria ou hipertrofia de mamas; hímen imperfurado etc.

**Cirurgias de transgenitalização** - O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, (2002) da Associação Americana de Psiquiatria caracteriza o transtorno de identidade de gênero como:

“Uma forte e persistente identificação com o gênero oposto, ou seja, não um mero desejo de obter qualquer vantagem cultural atribuída ao fato de ser do sexo oposto.”

“Desconforto persistente ou sentimento de inadequação ao papel de gênero do seu sexo.”

“A perturbação não é concomitante a uma condição intersexual física.”

“A perturbação causa sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.” (DSM – 2002, pág. 552.)

A esse quadro denomina-se transexualidade e a cirurgia proposta para a adequação da genitália à identidade de gênero do indivíduo denomina-se de cirurgia de transgenitalização.

No Brasil, a realização dessas cirurgias, que são consideradas de caráter experimental, é regida pela Resolução nº 1482 / 1997 do CFM- Conselho Federal de Medicina.

A transformação de uma genitália masculina em feminina é feita em um único tempo e passa sucintamente pelas seguintes etapas básicas, após a reposição estrogênica para crescimento de caracteres sexuais secundários femininos e atrofia da próstata: neovaginoplastia (confecção de uma vagina), orquidectomia (retirada dos testículos) e emasculação (amputação do pênis).

A transformação da anatomia feminina em masculina é mais complexa, exige a concomitância de utilização de hormônios masculinos para desfeminização e virilização e, com frequência, deve ser realizada em vários tempos que obrigam a uma série de operações: em primeiro tempo: adenectomia mamária bilateral (retirada do tecido mamário e excesso de gordura); em segundo tempo: ooforectomia bilateral (retirada dos ovários), histerectomia (retirada do útero); em terceiro tempo: colpectomia (retirada da vagina) e fechamento da fenda vulvar (colpocleise) e quarto tempo: neofaloplastia (confecção de um pênis) . Há inúmeras técnicas para confecção da genitália masculina, todas experimentais e de resultado duvidoso.

### **Outras intervenções cirúrgicas**

Além dessas situações anteriormente citadas, há outras que, muito frequentemente, relacionam-se a problemas sexuais: são as cirurgias plásticas de variados tipos, incluindo as modernas técnicas de embelezamento genital com seus controvertidos aspectos éticos.

### **Fisioterapia sexual**

Algumas técnicas de fisioterapia podem ser muito úteis na condução dos problemas sexuais.

Os exercícios de Kegel pode ser um bom exemplo. Trata-se de um determinado tipo de exercício físico que foi criado por Arnold Kegel, na década de 1940, e que tem como finalidade fortalecer o músculo pubococcígeo.

Este exercício consiste na contração e descontração destes músculos, que são por vezes nomeados músculos de Kegel, numa referência ao exercício. O objetivo deste é restaurar o tônus muscular e força do músculo já referido, de modo a prevenir ou reduzir problemas do pavimento pélvico (incontinência urinária e prolapso genital) e aumentar a gratificação sexual.

Também com a finalidade de aumentar a gratificação sexual, tem sido divulgado outro tipo de exercício, denominado pompoarismo. O pampoarismo é uma antiga técnica oriental, derivada do tantra, que consiste na contração e relaxamento dos músculos circunvaginais, buscando como resultado o prazer sexual. Para o domínio da técnica são realizados exercícios com o auxílio dos *ben-wa*, que consistem em pequenas bolas ligadas através de um cordão de nylon, conhecidas também como bolinhas tailandesas.

### **Considerações Finais**

A partir do reconhecimento da dinâmica bio-psico-social da sexualidade humana, cremos na necessidade de se ter um novo entendimento do conceito de Terapia Sexual, que não mais poderá ser tomado com um tipo de psicoterapia, como era tradicionalmente.

Acreditamos que as ações da Terapia Sexual devam atender a cada uma das três vertentes que compõe essa dinâmica. Assim, na vertente biológica, hão de predominar as medidas farmacoterapêuticas, cirúrgicas e fisioterápicas; na vertente psicológica as técnicas psicoterápicas em seus diversos modelos e na vertente social as ações de intervenção social.

Elas não se contrapõem. Ao contrário, se bem utilizadas, representam a melhor forma de se abordar as questões sexuais de nossas clientes. Nem sempre, ou quem sabe nunca, um único profissional poderá manejá-las o que, por si só, justifica a necessidade de uma abordagem multidisciplinar no sentido de otimizá-las.

## Referências

- BACHMANN, G. Female androgen insufficiency: the Princeton consensus statement on definition, classification, and assessment. **Fertil Steril**, 77(4):660-5, 2002.
- BANCROFT, J. **Human sexuality and its problems**. London: Churchill Livingstone, 1989.
- CRENSHAW, T. L. & GOLDBERG, J.P. **Sexual Pharmacology**. New York: W.W. Norton & Company, 1996.
- ELMER-DEWITT, P. Sex in America. **Time**, 144 (16), p. 44-50, 1994.
- FERNANDES, C.E. e col. Síndrome de insuficiência androgênica. Critérios diagnósticos e terapêuticos. **Revista de Psiquiatria Clínica**, vol 33(3), p. 152-161, 2006.
- FONSECA, H. P. e col. Deficiência androgênica na mulher. **Rev Assoc Med Brás**, 56(5), p. 579-82, 2010.
- FREUD, S. **Obras completas**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948.
- HEIMAN, J.; LOPICCOLO, L. & LOPICCOLO, J. **Descobrimo o Prazer**. São Paulo: Ed Summus, 1981.
- KAPLAN, H. S. **A nova terapia do sexo**. Vol II : O desejo sexual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- KING, S.H.; MAYOROV, A.V.; BALSE-SRINIVASAN, P.; HRUBY, V.J.; VANDERAH, T.W.; WESSELLS, H. Melanocortin receptors, melanotropic peptides and penile erection. **Current Topics in Medicinal Chemistry**, 7 (11), p. , 2007.
- KINSEY, A. C.; MARTIN, C.E.; POMEROY, W.B. & GEBHARD, P. H. **Conduta sexual da mulher**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- LAZARUS, A. A. **A terapia multimodal do comportamento**. São Paulo: Ed. Manole, 1980.
- MASTER, W.H. & JOHNSON, V. E. **Inadequação sexual humana**. São Paulo: Roca, 1985.
- MEYER, JON K. **Tratamento clínico dos distúrbios sexuais**. São Paulo: Editora Manole, 1977.



PFAUS, J.G.; SHADIACK, A.; VAN SOEST, T.; TSE, M.; MOLINOFF, P. Selective facilitation of sexual solicitation in the female rat by a melanocortin receptor agonist. **Proc. Natl. Acad. Sci.** 101 (27), p. , 2004.

RICOEUR, P. **Interpretação e Ideologias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

YAZLLE, M. E. H. D. Mitos Sexuais Femininos (Editorial). **Revista de Atualização em Ginecologia e Obstetrícia**, 5 (5), p. 244-248, 1993.

**TEMA: FORMAÇÃO DE EDUCADORES SEXUAIS: A  
EXPERIÊNCIA DESENVOLVIDA NA UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA, NA CRIAÇÃO DE “REDE  
FORMADORES”**

“QUANDO AS SEXUALIDADES E OS GÊNEROS SE ENCONTRAM NO  
ÂMBITO EDUCACIONAL”: RELATO DE INTERVENÇÃO COM  
PROFESORES DE ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE  
LONDRINA-PR

*Márcio Alessandro Neman do Nascimento*<sup>1</sup>

*“WHEN SEXUALITIES AND GENDERS ARE IN EDUCATIONAL CONTEXT”:  
REPORT OF INTERVENTION WITH TEACHERS OF PUBLIC SCHOOLS IN  
LONDRINA- PR*

**Resumo:** O presente trabalho insere-se na temática “Educação e Cidadania” e investe no relato de uma intervenção com professores e outros profissionais que atuam com adolescentes freqüentadores de escolas periféricas do município de Londrina-Paraná. As intervenções relatadas circunscrevem discussões acerca das expressões das sexualidades, gêneros e corporalidades no âmbito educacional, tendo como objetivos primeiros, problematizar realidades vivenciadas por eles tanto quanto produzir contextos que possibilitassem o acesso às informações sobre assuntos relacionadas às construções dos gêneros (masculino/feminino) e condições do cuidado de si (no que tange as práticas de prevenção de infecção de DST/HIV/AIDS, prevenção de gestação indesejada entre outros), combate e enfrentamento às discriminações e preconceitos contra público LGBT<sup>2</sup> ou aqueles que se presume que sejam, entre outros.

**Palavras-chave:** Sexualidades. Gêneros. Educação pública.

**Abstract:** This work is part of the theme "Education and Citizenship" and invests in the report of an intervention with teachers and other professionals who attend teenagers in periphery schools in Londrina, Paraná. Interventions reported circumscribed discussions about expressions of sexualities, genders and embodiments in the educational context, and the primary goals were questioning realities experienced by them as much as produce contexts that would allow access to information about issues of genders construction (male/female) and conditions of self-care (regarding the prevention practice of venereal diseases/HIV/AIDS, unwanted pregnancy prevention, among others), fight and confront discrimination and bias against LGBT public or who are presumed to be, among others.

**Keywords:** sexualities; genders; public education.

---

<sup>1</sup> Psicólogo e professor universitário. Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis). Integrante do GEPS (Grupos de Estudos e Pesquisas sobre Sexualidades). E-mail: marcioneman@gmail.com.

<sup>2</sup> Sigla empregada desde a década de 1990 para representar às políticas públicas e reivindicações do movimento social. Designam as identidades sexuais de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT).

## **Introdução**

O presente trabalho relata a experiência de supervisão/orientação com professores da rede pública de ensino assim como expõe o desenvolvimento de atividades orientadas para a discussão das amplas expressões das sexualidades e gêneros no âmbito educacional. Para tanto, se desenvolveu encontros sistematizados e contínuos (em formato de oficinas e grupo de estudos) nas escolas, de modo a contemplar as discussões sócio-pedagógicas contemporâneas trazidas pelas Políticas Públicas Educacionais de Inclusão Social, orientadas pelo Ministério da Educação (MEC). Observa-se que a preocupação com o público que freqüentam escolas também é o foco de atenção do Ministério da Saúde e da Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH) no que diz respeito ao combate de práticas sociais violentas de intolerância às distintas expressões das sexualidades e gêneros. Ainda, existe a preocupação com o aumento da taxa de infecção pelo HIV/AIDS por jovens, ainda mais quando se trata de populações oriundas de territórios periféricos, pertencentes à classe social e econômica baixa, denominadas de população em contextos ou situações de vulnerabilidades sociais.

Encontra-se em Nascimento (2007) que o conceito vulnerabilidade social pode ser compreendido como a ampliação da análise de acontecimentos sociais, que relevam os contextos sócio-históricos, políticos e culturais, portanto, entendendo toda e qualquer prática social como um processo coletivo e não dado de modo individual e isolado. Ainda, se sugere que, condições objetivas e subjetivas favorecem para que algumas populações estejam mais susceptíveis em relação às outras, refletindo na dificuldade ou na negativa do acesso a bens de consumo, empregabilidade e, expondo muitos às condições desfavoráveis para a superação das condições de vida precária. De acordo com Guacira Lopes Louro:

[...] os sujeitos que, por alguma razão ou circunstância, escapam da norma e promovem uma descontinuidade na seqüência sexo/gênero/sexualidade serão tomadas como minoria e serão colocados à margem das preocupações de um currículo ou de uma educação que se pretenda para a maioria. Paradoxalmente, esses sujeitos marginalizados continuam necessários, pois servem para circunscrever os contornos daqueles que são normais e que, de fato, se constituem nos sujeitos que importam (LOURO, 2004, p. 27).

A análise trazida pela autora supracitada, juntamente com o posicionamento crítico indicado por Junqueira (2009) e Peres (2009) nos faz refletir como, ainda hoje, as escolas brasileiras se norteiam pelos pressupostos pautados, historicamente, na dimensão da binarização do mundo, em que o machismo, a homofobia, o essencialismo, a tradição cristã e biologizante sustentam currículos

escolares heteronormatizados. Por heteronormatividade pode-se entender como sendo a tomada da heterossexualidade como matriz e norma única e determinante para se viver, em detrimento das amplas expressões de estilos de vida, corporalidades, desejos entre outras formas de produção de Vida. A prática da heteronormatividade ainda vigora e, em alguns momentos, são adotados como diretrizes sócio-pedagógicas em muitas práticas didáticas.

Em relação ao contexto escolar, as autoras Abramovay, Castro e Silva (2004) - responsáveis pela pesquisa intitulada *Juventudes e Sexualidades* - trazem algumas descrições problemáticas, do cenário educacional brasileiro, relacionadas ao tema sexualidades, imaginário e práticas sociais de convívio entre o público escolar. Entre os dados nota-se a significativa convivência frente às práticas homofóbicas contra alunos que são identificados/presumidos como homossexuais. Essa cumplicidade face à discriminação e preconceito é acentuada quando se analisa os resultados dos questionários coletados e formatado *em escala de ações violentas*, sendo indicado pelos alunos brasileiros que o quesito *bater em homossexuais* é considerado menos grave em relação *ao uso de drogas* e *ao ato de roubar*. Embora essa pesquisa nacional seja datada no ano de 2004, é observado que ainda assim, refletem dados bastante contundentes e atuais sobre ações *na* e *fora* da escola. Com a visibilidade das sexualidades dissidentes nos âmbitos educacionais, se observa bastante recorrentes ações intolerantes, no que tange, às insurgências das expressões dos desejos, das existências, das identidades de gêneros e orientações sexuais.

Partindo das descrições supracitadas, reflete-se que a discussão sobre sexualidades e gêneros pode e deve extrapolar a visão apenas marcada pela condição biológica e desenvolvimentalista do humano, principalmente no processo educacional. Sobre essa questão Guacira Louro (1998, p. 87-88) nos diz:

É indispensável admitir que a escola, como qualquer outra instância social, é, queiramos ou não, um espaço sexualizado e generificado. Na instituição escolar, estão presentes as concepções de gênero e sexuais que, histórica e socialmente, constituem uma determinada sociedade. A instituição, por outro lado, é uma ativa constituidora de identidades de gêneros sexuais.

Assim, se referir às construções das sexualidades e dos gêneros implica em compreender a perspectiva sócio-histórica, política e cultural em que se foi produzido discursos sobre corporalidades, práticas sexuais, identidades sexuais, estilos de vida e modos de vivenciar o prazer. De acordo com Foucault (2003; 2005), historicamente, durante os três últimos séculos na sociedade ocidental foram produzidos *saberes e verdades* essencialistas, naturalizantes e

fisiológicas frente às sexualidades. Dessa maneira, produziram-se modos de pensar e agir que permearam o cotidiano e a construção do imaginário social sobre vivências comuns a todos os seres vivos, como por exemplo: sentimentos, desejos, conjugalidades, práticas sexuais, orientação sexual, identidades de gênero, vulnerabilidades às violências de gêneros e outras práticas sociais discriminatórias, vulnerabilidade à infecção de DST/HIV/AIDS, (NASCIMENTO, 2007).

A sexualidade nos remete as diversas inquietações relativas ao conhecimento sobre a nossa constituição enquanto sujeito e a relação com o cotidiano. Quando nos indagamos sobre o conceito *sexualidade*, questionamos, simultaneamente, os principais fundamentos ontológicos modernos; conseqüentemente, os fundamentos paradigmáticos da Ciência Moderna (que ainda fomentam a lógica sexual contemporânea) começam a ruir. Nessa (des)construção, novas questões surgem e compreender às sexualidades implica também em se estudar as processualidades das identidades e dos gêneros, constituição e feitura dos sujeitos, as transitoriedades das culturas e dos prazeres corporais, entre outros, que passam a ser tomados mais evidentemente por processos sócio-político-econômicos e culturais. Sobre as identidades e os gêneros, Louro (1997, p. 21) assinala:

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade, importa observar não seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se constrói sobre os sexos.

De acordo com a autora, no decorrer da história, os conceitos e entendimentos acerca dos gêneros se modificaram e se reconfiguraram, trazendo em seu bojo, transformações e emergências na ordem das vivências sociais e nas relações hierárquicas e de poder estabelecidas entre os gêneros. Para Louro (1997; 1998; 2004), Junqueira (2009), Peres (2009), as relações hierárquicas de poder e as classificações trazidas pelo binarismo sexual e generificado - homem/mulher, fêmea/macho, masculino/feminino, heterossexual/homossexual partem da premissa de um único corpo, um único sexo, um único modo padrão de prazer, entre outros - negam a compreensão da pluralidade que habita o humano e não possibilita que profissionais que atuam na escola consigam atuar de modo mais ético e pedagógico (esperado para um educador), quando se trata das temáticas *sexualidades e gêneros*.

## **Metodologia**

Assim o presente artigo relata a experiência de acompanhamento de três escolas da região periférica do município de Londrina-PR que atendem público escolar entre as idades de 11 a 18 anos, e que cursavam entre a 5ª série e o 3º colegial (modelo curricular anterior ao atual, mas vigente naquele momento). Embora o autor deste artigo tenha iniciado seus trabalhos nesta área desde 2003 e continua com essas atividades até os dias atuais, o recorte deste relato atendia escolas dentro do projeto *GEES-Escola: a criação de “Rede de Formadores”*, coordenado pela professora Drª Mary Neide Damico Figueiró.

O acompanhamento se conduzia, primeiramente, pelo intuito de se formar grupos de estudos nas escolas. Esses grupos eram formados e acompanhados semanalmente ou quinzenalmente por um professor/formador da própria instituição que assumia a responsabilidade de coordenar os encontros nas dependências da escola. Esse professor/formador selecionado desenvolvia a função de multiplicador de outros educadores que desejavam se instrumentalizar para atuar com a temática dentro de salas de aulas, introduzir problematizações dentro das disciplinas -de acordo com os Parâmetros Curriculares (BRASIL, 1997), intervir nas cenas cotidianas nas instalações do espaço escolar, entre outros. Para tanto, esse professor/formador também passava por uma formação teórica, anteriormente, participando de um grupo de estudo com outros possíveis professores/formadores de outras escolas.

Ao se selecionar a escola, formava-se um grupo de profissionais do colégio interessados e formalizava-se (por meio de documentos) a parceria e compromisso da escola com o Projeto, de modo a garantir a ocorrência sistematizada do grupo de estudos e iniciar o acompanhamento de um supervisor/orientador antes e durante toda atividade desenvolvida com os grupos. Vale ressaltar que todos os participantes assíduos em frequência eram certificados pela Universidade Estadual de Londrina, via Departamento de Psicologia Social e Institucional.

## **Resultados e Discussão**

As supervisões com o professor/formador eram realizadas semanalmente ou quinzenalmente, dependendo da configuração escolhida por cada escola, sendo sempre intercaladas com cada novo encontro do grupo de estudo na escola. Eram realizados 10 encontros, com duração média de 4 horas. Ainda, sobre as supervisões, era designado ao

professor/formador que cumprisse um cronograma de leituras previamente selecionadas, de modo que pudesse não apenas reproduzir, mas se implicar nas questões que envolviam as temáticas *sexualidades e gêneros*. Cada encontro era preparado de acordo com temas emergentes na escola, discutidos em supervisão e executados com materiais disparadores para reflexão, tais como, curtas e longas metragens, discussão de textos, dinâmicas, recortes de notícias atuais, participação de convidados que pudessem relatar e tirar dúvidas específicas dos participantes (por exemplo, a participação de uma travesti que narrava a relação que estabelecia com a comunidade escolar).

Já em relação aos professores que participavam dos grupos de estudos nas escolas, realizavam leituras programadas a serem discutidas nos encontros. Nesses contextos, eram problematizadas cenas do cotidiano, a atuação pedagógica nas salas de aulas, dificuldades pessoais em lidar com as questões discutidas e desmistificações ocasionadas pela cultura tradicionalista.

As cenas dos cotidianos escolares apontadas pelos professores dos 3 (três) colégios se assemelhavam, muito possivelmente pelo fato das escolas se encontrarem em situações similares (região periférica do município e mesmo público destinatário - adolescentes). As questões típicas dos adolescentes convergiam e se complementavam dentro da própria escola assim como também, em última análise, com as questões enfrentadas com professores e adolescentes de outros colégios. Desse modo, por meio de relatórios, relatos e visitas realizadas pelo supervisor (que também ministrava oficinas nos grupos), se pode elencar algumas problemáticas apontadas pelos participantes dos grupos:

- a) Como abordar alunos se masturbando ou com ereção em salas de aulas;
- b) “Pegação” em banheiros e até mesmo em sala de aulas entre alunos do mesmo sexo biológico e do sexo oposto;
- c) Namoros “mais intimistas” dentro do espaço escolar, mesmo com regras proibitivas;
- d) Dificuldade em lidar com o excesso de palavrões e indagações sobre sexualidades, discursadas por alunos;
- e) Situações de gestação indesejada, alunos vivendo com HIV/AIDS, suspeitas de pedofilia e abuso sexual intrafamiliar;
- f) Famílias de alunos acusando as escolas por tentarem abordar assuntos relacionados às sexualidades, gêneros e corporalidades, indicados nos Parâmetros Curriculares.



Principalmente reclamações de famílias evangélicas que não compreendem essas temáticas como assuntos a serem discutidos no âmbito educacional.

- g) Práticas de *bullying* homofóbico contra alunos ditos ou identificados como público LGBT. Também relatos de *bullying* de modo geral, contra alunos que se destacam em algum aspecto que foge ao padrão esperado, como por exemplo, alunos infantilizados, obesos, negros, muito altos ou magros, em situação de miserabilidade, oriundos de famílias com problemas no bairro, entre outros.
- h) Excesso de responsabilidade assumida pela instituição escolar conjugado com a falta de recurso e preparação da comunidade educacional.

Os entraves encontrados (no entanto, superados durante os encontros) pelo professor/formador e pelo supervisor dos grupos foram:

- a) Crenças e valores pessoais que sobrepõem ao entendimento e respeito às diferentes e amplas expressões das sexualidades e gênero por parte de alguns participantes.
- b) Dificuldade de implicação de alguns (poucos) participantes em assumir as discussões temáticas no âmbito educacional. Resistências de algumas “alas” da comunidade escolar em executar um currículo inclusivo.
- c) Desconhecimento da própria sexualidade e dos componentes sócio-históricos que os constituem enquanto sujeito. Deficiente autoconhecimento no que diz respeito à própria experiência de prazeres corporais e a ineficiente participação de espaços que legitimassem a reflexão sobre sexualidades, gêneros e expressões corporais.
- d) Tentativa de invisibilidade das questões emergentes e negação da realidade posta.

A partir das descrições acima elencadas, compreendemos a educação como um processo social que realiza intersecções com outros contextos da sociedade com a finalidade de executar uma proposta sócio-educativa. No entanto, quando se problematiza as questões das sexualidades e gêneros no âmbito educacional observa-se uma avalanche de denúncias institucionais (dadas desde os protocolos estatais até as gestões das unidades educacionais), revelações sobre a crise do ensino, o despreparo e descompasso da formação de professores se comparados com as exigências contemporâneas que emergem com o passar dos tempos.

Porém, é fato, de acordo com Louro (2004) que existem permanências quando se observa procedimentos e táticas disciplinares das escolas que, por sua vez, revelam os campos de exercícios assimétricos de poder entre normativas e o cotidiano escolar, gestores e professores, professores e alunos, alunos “normais e alunos “ex-cêntricos”, enfim, relações que expõe o mal-estar vivenciado nas dependências escolares quando se trata de um assunto ainda tabu na cultura ocidental, entretanto, com grande visibilidade.

Desde o século XV, segundo Ariès (1981), houve grande impacto social na educação a partir da saída das crianças e jovens do contexto familiar privado em direção a frequência escolar em instituições disciplinares. Essa mudança exigiu a criação de métodos disciplinares com maior rigor moral por parte dos educadores para a execução da prática educativa, algumas delas presentes até os dias atuais no *modus operandis* em se educar. No entanto, de acordo com as normativas descritas pelas Políticas Públicas Educacionais (PPE), não cabe mais a escola funcionar como um extensor moral que propaga tratamentos preconceituosos, com medidas discriminatórias e constrangedoras contra qualquer expressão da diversidade humana.

## **Conclusão**

Primeiramente, se salienta o compromisso das PPE em elaborar diretrizes que orientem os sistemas de ensino a minimizar e enfrentar toda prática social violenta que dificulte a propagação dos Direitos Humanos e da dignidade da pessoa humana. Em seguida, evidencia-se o compromisso ético da comunidade escolar em possibilitar condições favoráveis para a existência das multiplicidades de sexualidades e gêneros nas escolas, uma vez que o direito a frequentar a escola é garantido pelas ordens legislativas.

Por fim, salienta-se que os encontros dos grupos de estudos possibilitaram a aproximação das dificuldades relatadas pelos professores com as problemáticas observadas e relatadas dentro dos grupos. Assim sendo, foi possível produzir uma metodologia interventiva que buscasse desmistificar crenças e que promovesse a sensibilização e apropriação de conhecimento sobre a construção social dos conceitos, acontecimentos históricos e humanos. As atividades revelaram-se como um disparador potente para promover autoconhecimento e linhas de fuga de crenças estigmatizantes que afastam educadores de uma ética, da coerência e da responsabilidade de uma prática educativa inclusiva e respeitosa.

## Referências

ABRAMOVAY, M., CASTRO, M. G., & SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Ministério da Educação. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

FOUCAULT, M. Sobre a história da sexualidade. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 18º ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003, cap. XVI, p. 243-276.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 16º ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In: \_\_\_\_\_. **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: UNESCO/MEC, 2009, p. 13-51.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, D. E. (Org.), **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998, p. 85-95.

\_\_\_\_\_. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria *queer* como políticas de conhecimento. In: ABOUD, S.; BENTO, B.; GARCIA, W.; LOPES, D. (Orgs.). **Imagem & diversidade sexual**. São Paulo: Nojosa, 2004, p 23-28.

NASCIMENTO, M. A. N. do. **Homossexualidades e homosociabilidades: hierarquização e relações de poder entre homossexuais masculinos que freqüentam dispositivos de socialização de sexualidades GLBT**. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciência e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, Brasil, 2007.

PERES, W. S. Cenas de exclusões anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira. In: JUNQUEIRA, R. D. **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: UNESCO/MEC, 2009, p. 235-263.

**CONFERÊNCIA: SEXUALIDADE, GÊNERO E TEORIA  
QUEER**

# SEXUALIDADE, GÊNERO E TEORIA QUEER

*Hugues Costa de França Ribeiro<sup>1</sup>*

## *SEXUALITY, GENDER AND QUEER THEORY*

**Resumo:** O presente estudo teve como objetivo traçar um panorama sobre a questão da sexualidade e gênero na teoria queer, por meio da descrição e análise dos principais autores e suas contribuições. Com esse propósito foram descritos os pressupostos teóricos fundamentais que defendem a teoria queer como um novo enfoque epistemológico para desvelar como na sociedade ocidental moderna articularam-se discursos para a imposição da heterossexualidade compulsória e do binarismo que produzem categorias de pessoas estigmatizadas, discriminadas e sem acesso aos direitos de cidadania.

**Palavras-chave:** Teoria Queer. Homossexualidade. Heterossexualidade compulsória. Binarismo. Diversidade Sexual

**Abstract:** This study aimed to draw a picture on the issue of sexuality and gender in queer theory, through description and analysis of the main authors and their contributions. For this purpose have been described the fundamental theoretical assumptions that defend queer theory as a new epistemological approach to unveil as in modern Western society is articulated speeches to the imposition of compulsory heterosexuality and binary categories of persons who produce stigmatized, discriminated against and without access rights of citizenship.

**Keywords:** Queer Theory. Homosexuality. Compulsory heterosexuality. Binarism. Sexual diversity.

---

### **Contexto histórico da emergência dos Estudos Queer (Teoria Queer)**

Nos anos 60 verificamos no mundo ocidental uma intensificação dos movimentos sociais que lutavam contra as condições adversas de certos grupos na sociedade. Como prolongamento desses movimentos sociais emerge o movimento negro, o movimento feminista, o movimento de libertação de gays e lésbicas. Esses movimentos organizarem sua plataforma política tendo como base as “políticas de identidades”.

Antes que se possa historicizar a plataforma política em torno das identidades, cabe acrescentar tendo, como foco a diversidade sexual (termo mais recente para se referir aos LGBT e outras possibilidades), que a homossexualidade e o sujeito homossexual são invenções do

---

<sup>1</sup> Professor Assit. Dr. da Faculdade Filosofia e Ciências, UNESP de Marília –SP (aposentado); Diretor Científico do Centro de Estudos e Pesquisas em Comportamento e Sexualidade, CEPCoS – SP; Líder do Grupo de Pesquisa Estudos Sobre as Sexualidades – GPESS- UNESP de Marília – SP. E-mail: hugues@uol.com.br.

século XIX (FOUCAULT, 1988). Antes existia a “sodomia” que era vista como comportamento indesejável e pecaminoso, mas possível de ser praticado por qualquer pessoa.

O autor da sodomia não passava de uma figura jurídica; já a criação de uma identidade homossexual, fazia da pessoa uma espécie, um tipo especial de sujeito.

[...] agora surge no século XIX à figura do homossexual, como personagem: com uma história, um passado, uma forma de vida. Nada daquilo escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas” (ibid, p.43).

A criação da identidade homossexual vai inseri-la como um desvio da norma. A Ciência, a Justiça a Igreja vão atribuir a esses sujeitos diferentes sentidos, seu caráter desviante, a anormalidade ou inferioridade (LOURO, 2004).

Até o início dos anos 70 ainda não havia grande visibilidade para a homossexualidade em nosso país, já que no Brasil o movimento homossexual ainda se organizava de forma tímida, porém a homossexualidade começa a se apresentar nas manifestações artísticas, na publicidade etc. Em outros países como nos EUA e na Europa Ocidental, dos anos 30 aos 50 gays e lésbicas eram obrigados a viver sua sexualidade de forma clandestina e repleta de sentimento de culpa, quase sempre obrigados, em diferentes contextos, a desenvolverem duplas biografias (ERIBON, 2008; CHAUNCEY, 1994; HALPERIN, 1990).

No início dos anos 70, nos EUA e Europa Ocidental, como também no Brasil, a fala homossexual silenciada irrompe na cena pública, sob a influência do movimento de 1968, e no rastro da contestação feminista, surge a “Gay Liberation” nos EUA (que no Brasil recebeu a denominação de Movimento de Libertação Homossexual), após a revolta do Bar Stonewall In, em Nova York (D’EMÍLIO, 1983). A partir daí inúmeras associações e grupos de militância homossexual são criados, na tentativa de polemizar e debater a herança nefasta da classificação dos homossexuais com base nas categorias criadas pela medicina dos anos 30 e 40, dando prosseguimento ao processo que se iniciará no século XIX.

Esses grupos e associações no Brasil, a princípio, tiveram dificuldades de se formarem, como relata Green (2000) sobre a criação do GRUPO SOMOS, pioneiro na organização do movimento de libertação homossexual duradouro e bem sucedido. Porém, apesar do crescimento lento, os militantes conseguiram arregimentar para sua causa intelectuais espalhados por alguns setores importantes da sociedade (TREVISAN, 2000; LOURO, 2004). Essa afinidade de alguns

intelectuais com as bandeiras do movimento propiciou, principalmente, através da publicação de artigos em jornais e revistas, um destaque para a sua visibilidade.

Com a divulgação de questões relativas à homossexualidade, principalmente na defesa do combate ao preconceito, à discriminação e o cerceamento aos direitos de cidadania, a ação dos grupos de militância, pouco a pouco vai levar a construção da ideia de uma comunidade homossexual.

Houve no Brasil uma tentativa de homossexuais optarem pela via de participação política como forma de transformação do sistema, com vistas ao combate ao preconceito e a discriminação que os atingiam. Homossexuais aderiram à militância à esquerda, que lutava contra a ditadura militar instalada no Brasil nos anos 60. Como aponta Trevisan (2000) os homossexuais que aderiram à luta da esquerda, com o passar do tempo perceberam que foram usados como massa de manobra. O pacto da esquerda de que caso subisse ao poder encamparia a causa da libertação homossexual, logo foi contestada pela argumentação de que o combate a temas específicos como sexismo, racismo e homofobia, iria dividir o movimento contra o regime militar (GREEN, 2000).

Como destaca Spargo (2006) no final dos anos 70, em todo o mundo ocidental, o desencanto da militância homossexual de que a libertação poderia ser alcançada por meio da transformação do sistema, desencadeou a busca de um novo modelo reivindicativo semelhante ao “étnico”.

Foi com base nesse modelo que se inicia uma campanha pela afirmação da “identidade homossexual”, bem como uma disputa quanto às formas de como representá-la. A agenda do movimento dividia-se entre: de um lado alguns defendiam a integração social, de outro as feministas lésbicas defendiam o caminho da separação, pela criação de uma comunidade com cultura própria (LOURO, 2004).

Em meados dos anos 70, nos grandes centros urbanos, em alguns setores e nos debates nos grupos de militância começa a surgir algumas indagações sobre a tendência à representação da homossexualidade de uma maneira extremamente uniforme. Essa representação não parecia levar em conta que a homossexualidade, da maneira como estava sendo representada, não incorporava a percepção que em sua construção era atravessada pela interferência de classe, raça, etnicidade, nacionalidade etc.

Como a proposta da integração social era um dos pontos principais da agenda de afirmação da identidade homossexual, defendia-se a “saída do armário” como estratégia. Para favorecer a integração social reforça-se a representação da homossexualidade, principalmente a masculina, de modo a que se combatam as imagens estereotipadas veiculadas no imaginário popular e na mídia (ERIBON, 2008).

Para favorecer a integração social de lésbicas e gays, a política de identidade dos anos 70 acabou por sugerir um modelo de identidade unificado e assimilacionista. Esse modelo em meados dos anos 70 e início dos 80 começa a ser questionado, principalmente, com a intensificação na organização de grupos de militância com o surgimento da AIDS. Esses questionamentos surgiram tanto em grupos de militância como por parte de acadêmicos e estudiosos (as) que já haviam se interessado pelo tema, muito deles mobilizados pelo fato de também serem homossexuais (LOURO, 2004).

Os primeiros questionamentos remetiam a notória contaminação nas campanhas, tanto visando à integração social quanto para o combate a contaminação pelo HIV, da hegemonia de valores da raça branca e da classe média, e também apontavam à exclusão de determinadas identidades sexuais e de gênero: transexuais, travestis, bissexuais e SM. As lésbicas e alguns setores do movimento feminista ainda questionavam a supremacia de valores de homens gays, colocando a necessidade das mulheres lésbicas como secundárias (Ibid. p.34).

Toda essa discussão fora mobilizada pelo crescimento das reivindicações a partir dos anos 80 no mundo ocidental e também no Brasil, pela legitimação e luta pela igualdade de direitos das diferentes identidades sexuais e de gênero, que irá se intensificar nos anos 90 (FACCHINI, 2005). Contribuindo também para a maior visibilidade que o tema adquiriu com sua divulgação na grande mídia (jornais, revistas, televisão, no mundo do cinema e no teatro [TREVISAN, 2000]).

Como apontam Epstein e Johnson (1998) no final dos anos 80 e início dos 90 assistimos no cenário internacional uma guinada na agenda teórica da discussão sobre as desigualdades e das relações de poder entre categorias sociais relativamente dadas como fixas (homens, mulheres, gays, lésbicas, heterossexuais etc.). A discussão desloca-se, pelo menos entre alguns grupos de acadêmicos e da militância, para um questionamento da rigidez das categorias, suas separações e a especificação da demarcação de limites. A crítica se organiza de um modo geral, tendo como ponto central a naturalização das políticas de identidade.



Como destaca Preciado (2007)

Bem, no final dos anos 80 como uma reação às políticas de identidade gay e lésbica norte-americanas, um conjunto de micro-grupos, irá reapropriar-se dessa injúria (ao referir-se ao “queer”) para opor-se precisamente às políticas de integração e de assimilação do movimento gay. Os movimentos queer representam um transbordamento da própria identidade homossexual para suas margens: bichas, sapatões, transgêneros, putas, gays e lésbicas, deficientes, lésbicas negras e chicanas (americanas de origem mexicana) e um interminável de etc. Aparecem assim grupos como o Queer Nation, Radical Furries, Lesbian Avengers, que vão fazer a utilização maximalista da posição das minorias sexuais como “sujeitos maus” ou como “sujeitos perversos”. Nesse sentido os movimentos queer denunciam as exclusões, as falhas nas representações e os efeitos da naturalização de toda a política de identidade (p.2).

Nesse cenário onde se verifica uma crise na identidade política homossexual, vão aparecer gradativamente novas formulações teóricas pós-identitárias. E é justamente nesse contexto que se afirma uma política e uma teoria queer (LOURO, 2004).

### **O que a teoria queer?**

Começemos pelo significado da palavra e o porquê de sua escolha. “Queer” era um xingamento que significava estranheza, anormalidade, desvio, perversão. Também era utilizada pela comunidade gay, entre alguns grupos que consideravam o termo “gay” como uma referência a uma proposta normalizadora de enquadramento em padrões que operam a partir de representações sociais vigentes na tentativa da demanda das pessoas pelo reconhecimento (MISKOLCI, 2009).

Segundo Butler (2000) a palavra adquiriu sua interpretação como xingamento (já que seu significado original é estranho, extraordinário, raro, excêntrico), pelo fato de grupos homofóbicos a utilizarem, repetidamente, ao longo do tempo como insulto; em função disso adquiriu força para conferir um “lugar de sujeito” abjeto àqueles (as) aos quais é dirigida.

Alguns grupos de militância homossexual escolheram a palavra “queer” como uma espécie de deboche, uma forma de contestação, onde “queer” carrega a conotação de colocar-se contra a normalização (LOURO, 2004). Esses grupos assumiram a ênfase na diferença que não quer ser assimilada, tolerada. Não desejam que a aceitação de seus modos de existir tenham que se enquadrar nas formas normalizadoras, tendo como exemplos o “gay macho” ou a “lesbian chic” ou outras categorias.

Não se identificam com termo gay, porque além de simbolizar a normalização, acreditam ser uma ficção criada para enquadrar os homossexuais no consumo exagerado proposto pela sociedade capitalista, que visa transformar por meio de diferentes estratégias, um grupo de pessoas em consumidores potenciais de bens e serviços, já que as pesquisas apontam que certos segmentos dessa população apresentam disponibilidade para gastos com viagens, moda, entretenimento etc.

Essa corrente teórica enquanto proposta política engloba a produção de um grupo de intelectuais, ao redor dos anos 90 de diferentes áreas: Filosofia, Estudos Culturais, Literatura, Sociologia, Educação e Artes. Embora possamos nos defrontar com diferenças significativas nas leituras dos que se identificam como compondo o grupo do que chamamos de teóricos queer, um dos objetivos consensuais é uma oposição a heteronormatividade compulsória da sociedade ocidental na modernidade.

A heteronormatividade é um termo para descrever inúmeras situações nas quais se marginaliza, discrimina-se e se persegue, com práticas sociais, crenças ou políticas, das mais explícitas as camufladas, as variações da orientação heterossexual, bem como as diferentes identidades sexuais e de gênero não heterossexuais. O termo foi criado por Michael Warner, um dos destacados teóricos queer, na publicação “Introduction: fear of a Queer Planet”, em 1991, na Revista Social Text; artigo que se transformou em livro intitulado Fear of a Queer Planet: queer politics and social theory, de 1993.

O conceito em sua elaboração também foi influenciado por Gayle Rubin (1975, 1984) e sua crítica ao sistema sexo/gênero e em Adrienne Rich (1983) que elaborou a ideia da imposição na modernidade da heterossexualidade compulsória.

Teresa de Lauretis (1991, apud BOURCIER; PRECIADO, 2001), uma importante teórica queer, chama a atenção para o fato de como as habituais políticas de representação da diversidade são excludentes. Longe de propor a exclusão das identidades, elabora uma crítica à legitimação apenas das identidades hegemônicas, monolíticas, essencialistas ou naturalizantes. A teoria queer defende que se abra espaço para as especificidades identitárias silenciadas (gays e lésbicas), especialmente as lésbicas e gays não brancos, mais adiante para os transgêneros.

Uma boa síntese do que seria a teoria queer é descrita por Spargo (2006):

O termo descreve um leque diverso de práticas e prioridades críticas: leituras de representação do desejo pelo mesmo sexo em textos literários, filmes, músicas e imagens; análise das relações de poder sociais e políticas da sexualidade; críticas do sistema sexo-gênero, estudos de identificação transexual e transgênero, de sadomasoquismo e de desejos transgressivos (p.8).

Cabe acrescentar que a teoria queer apoia-se nas premissas que sustentam os insights do construcionismo social em oposição ao modelo essencialista, e acrescenta uma crítica pós-estruturalista na defesa da concepção da existência de um “eu autônomo”, unificado. Há dificuldades, cada vez mais evidentes, em reconhecer a pessoa lésbica ou gay. Spargo (2006) citando Foucault, em sua publicação *História da Sexualidade*, remonta ao fato de o filósofo enfatizar que a escolha do objeto amoroso nem sempre é um fator crucial que constitui a base para a construção da identidade (no caso dos homossexuais acredita-se ser essa a especificidade que os define). Como exemplo cita os grupos SM, que definem sua sexualidade por meio de atividades e prazeres muito mais do que pelas escolhas das preferências de gênero.

Ao concluir essa parte do texto revisitamos Seidman (1995, p.125) que propõe que apesar de encontrarmos divergências entre os que se definem como adotando uma abordagem queer, podemos verificar alguns pontos de convergência: há uma menção ao apoio à teoria pós-estruturalista (Jacques Derrida, Gilles Deleuze, Jean François Lyotard e Michel Foucault); apoiam as teses de uma estratégia desconstrutiva ou descentrada de Derrida, que escapa as posições sociais e políticas programáticas positivas; imaginam que o social deve ser visto como um texto a ser interpretado e criticado com a finalidade de contestar os conhecimentos e as hierarquias sociais vigentes.

Nessa linha de raciocínio podemos comparar os estudos queer com outras evoluções intelectuais recentes que se utilizam da abordagem desconstrutiva, que descarta a afirmação de que o “eu” poder ser definido por sua essência (determinada biologicamente), em relação a gênero, raça, classe social e desejo. Construcionistas Sociais da linha radical acreditam que até a orientação do desejo afetivo-sexual é uma construção sociocultural (VANCE, 1995).

Gamson (2006) apresenta outra argumentação sobre a tendência à desnaturalização dos fenômenos da sexualidade como realidades estáveis.

Atrelado a uma revolta contra a pesquisa social positiva, o livre campo dos estudos sobre a sexualidade começou a firmar-se a partir da década de 70, em uma engrenagem “desnaturalizante”: a sexualidade não era um fenômeno estável da natureza a ser estudado, assim como as plantas ou as células, mas um conjunto de significados atribuídos a corpos e desejos por indivíduos, grupos e sociedades (Gagnon e Simon, 1983). “Contra as concepções naturalizadas da sexualidade como uma certeza biológica, contra os modelos freudianos do impulso sexual e contra a obsessão kinseyana pela tabulação dos comportamentos”, como resume Steven Epstein (1996), “sociólogos declararam que os significados, as identidades sexuais e as categorias sexuais eram produtos históricos e sociais intersubjetivamente negociados – que a sexualidade era, em uma única palavra, construída” (p.145). Os historiadores e os antropólogos documentaram a variabilidade dos sistemas históricos e culturais do significado sexual (Greenberg, 1988; Ortner e Whitehead, 1981). [p.351].

Passemos agora a descrever as contribuições de alguns teóricos que fundaram as bases da teoria queer.

### **Agenda teórica: principais autores e pressupostos da teoria queer**

A teoria queer pode ser vinculada a algumas vertentes do pensamento ocidental contemporâneo, que ao longo do século XX questionaram as noções clássicas de sujeito, identidade, de agência e de identificação (LOURO, 2004).

#### **Michel Foucault**

Pode-se afirmar que Foucault é um dos autores fundamentais afirmando em sua obra *História da Sexualidade*, a defesa do modelo do Construcionismo Social, em oposição à Teoria Essencialista para a compreensão da sexualidade. Sua contribuição é um dos eixos centrais no qual se baseia a teoria queer. Em *História da Sexualidade I: a vontade de saber* (1988) afirma que a sexualidade é uma categoria construída como fruto da experiência humana. Sua origem não pode ser considerada biológica e sim histórica, social e cultural.

Nessa obra desenvolve a descrença na “hipótese repressiva”, que foi aceita como a que vigorava até a segunda metade do século XX, pela influência de destacados estudiosos da época. Reich nos anos 30 e 40 e alguns outros autores influentes, como Marcuse, com a obra *Eros e Civilização* (1999 [1955]) até os anos 60, postulavam que a sobrevivência e evolução da sociedade capitalista dependeram da repressão à sexualidade. Argumentavam que a sexualidade funcionaria como uma forma de resistência ao poder (REICH, 1979 [1936], 1975 [1925]).

Foucault vai então com base em suas pesquisas, questionar se a característica observada no mundo ocidental nos últimos duzentos anos seria, de fato, a repressão sexual. Seus estudos o convenceram a caminhar na direção contrária, constatando que ao invés da repressão aconteceu uma incitação para que dela se falasse, por meio da colocação da sexualidade em discurso e pela proliferação desses em diferentes áreas.

Foucault é categórico ao destacar que a interpretação da sexualidade como natural é uma crença. No entanto, não descarta toda a dimensão biológica, mas prioriza o papel crucial das instituições e seus discursos na construção da sexualidade (apud. SPARGO, 2006).

Em relação à atemporalidade da categoria homossexual, concluiu que a identidade homossexual foi uma criação da medicina do século XIX. A produção discursiva das perversões teve seu auge no século XIX e começo do XX: “Aconteceu nesse período uma dispersão das sexualidades, um reforço de suas formas absurdas, uma implantação múltiplas das perversões. Essa época foi a iniciadora das heterogeneidades sexuais” (FOUCAULT, 1988, p.38).

O filósofo prossegue em suas descobertas, ao sublinhar que é nessa época que se dá o surgimento da dimensão específica do “contra a natureza” no campo da sexualidade. Todos os que violam as normas são julgados tanto pelo aspecto legal, quanto moral. Os que contrariam as normas apresentam uma espécie de defeito, que é interpretado como gerado por uma causa biológica ou nas experiências insatisfatória da pessoa.

O que se deduz das colocações de Foucault em diversas passagens de sua obra *A História da Sexualidade I*; a vontade de saber, é que os que advogam a defesa do modelo essencialista para as investigações na área da sexualidade (na busca de verdades absolutas, do que é eterno, do invariável) são herdeiros da tradição do pensamento social predominante no século XVIII. Tradição epistemológica que não resiste a uma análise histórica dos significados atribuídos à sexualidade no mundo ocidental em diferentes épocas (FRANÇA RIBEIRO, 2010).

Califia (1983, apud. Gagnon, 2006) reitera essa constatação de Foucault ao afirmar:

(...) a sexualidade é socialmente construída... (...) se modifica com o tempo, com a cultura circundante. Um século atrás não havia nada que se assemelhasse a um clone do Castro, uma feminista lésbica ou um Kinsey 6 e daqui a cem anos esses tipos estarão extintos quanto os uranistas (p.178).

Foucault (1988, 2006) desvela em suas pesquisas como os discursos, sobretudo a da medicina, produziram a multiplicação de classificações, criando tipos de sexualidades antes inexistentes com as características a eles associadas, tudo acompanhado de mecanismos para suas regulações, com um aparato de vigilância incansável.

Como destaca Spargo (2006, sem página) o discurso como o concebe Foucault, mas do que simplesmente uma “fala”, é uma prática historicamente situada, que produz relações de poder. A existência desses discursos pode ser verificada nas instituições e grupos sociais, capazes de apoiá-las(os) e se mostram ligados a saberes específicos.

Foucault chama a atenção para um aspecto crucial, incorporado pelos teóricos queer, ao defender que a construção de nossa sexualidade inicia-se com a atuação sobre nossos corpos, mergulhados no campo político, por intermédio de discursos de poder-saber. Nossos corpos ao se construírem são imediatamente significados por relações de poder.

Evidencia ainda como se instalaram no decorrer da história ocidental na modernidade um conjunto de intervenções sobre os corpos (que são a matriz da sexualidade) por meio de um leque de procedimentos de saber e técnicas, tanto sobre a vida dos corpos (individualmente) como sobre a vida das populações (no âmbito coletivo). Nesse sentido vai nomear de “biopolítica” a entrada da medicina, aliada a política dos Estados Nações, na era da medicina social no século XVII, quando a transferência, em grande escala, da população rural para os centros urbanos determinava a necessidade de controle da vida individual e coletiva (demografia das populações) [FOUCAULT, 2008].

Concebe a sexualidade então, como uma dimensão ligada ao “controle sobre a vida” que foi incorporada como do interesse econômico do Estado, e este convoca a medicina para aliar-se a ele, com o intuito de favorecer a implementação de suas políticas na área da saúde, com a entrada em cena da medicina higienista (MARTINS, 2006).

Para finalizar é importante frisar que uns dos legados mais importantes da contribuição teórica de Foucault que serve como um dos alicerces da teoria queer, é a afirmação da “construção discursiva da sexualidade”. Logo a homossexualidade, como outros grupos que fazem parte da diversidade sexual, embora Foucault só se refira à homossexualidade, são

categorias modernas que devem ser consideradas como “categorias de saber construídas”. Diante dessa proposta de estudo e pesquisa o que se descortina é o surgimento de um novo enfoque epistemológico incorporado pelos teóricos queer, que seria investigar como determinadas categorias foram não legitimadas no exercício de suas sexualidades, enquanto outras o foram e ainda outras estão conquistando a possibilidade da legitimação.

### **Jacques Derrida**

Outro filósofo que fornece pressupostos para a proposta epistemológica e política defendida pela teoria queer è Derrida. Seu legado principal é propor nos estudos e pesquisas na área da sexualidade, que se coloque em prática o que chamou de “Análise Desconstrutiva” (DERRIDA, 1973; WOLFREYS, 2009). A escola do adjetivo “desconstrução” se faz apenas como metáfora, pois não alude a destruição (por abaixo), mas a proposta de uma nova forma de conhecimento, em oposição à lógica ocidental que opera segundo o “binarismo” (DERRIDA, 1973).

Sua crítica aponta para a imposição no ocidente de uma lógica binária para a compreensão dos mecanismos de construção das sexualidades. Chama a atenção que o ocidente legitimou conceber homossexualidade e heterossexualidade como polos opostos, além de impor a pessoa heterossexual como figura central. A heterossexualidade estabelece uma posição que passa a determinar o lugar do outro, em oposição, como subordinado e inferior. Todos(as) que não ocupam essa posição são inferiorizados; reconhece-se a superioridade da heterossexualidade.

Esse tipo de enquadramento vai produzir uma hierarquização onde os não heterossexuais são interpretados com pessoas de segunda categoria. Como forma de desconstruir essa hierarquização Derrida lança mão do que denominou a “noção de suplemento”, advertindo que hetero e homossexualidade não devem ser interpretadas com dois polos em oposição. Entre eles o que existe é uma dependência, pois ambos os polos necessitam um do outro para existir. Dito de outra forma, a homossexualidade funciona como um suplemento para que a heterossexualidade possa se configurar e existir. Nesse sentido é interessante observar que a tentativa de conceituação de heterossexualidade só se torna uma necessidade da ciência médica quando se define e se caracteriza a homossexualidade.

Como destaca Louro (2004), é por meio da desconstrução das oposições binárias, que ficaria notória a fragmentação de cada um dos polos. Ao constatarmos que cada polo não existe em separado, isolado do outro, mas carrega sempre vestígios do outro.

Derrida estende sua proposta de combate ao “binarismo” não apenas a oposição hetero e homossexual, mas a outras formas de oposições naturalizadas: masculino e feminino; mulher e homem; privado e público etc.

### **Judith Butler**

É considerada uma das referências teóricas mais importantes da Teoria Queer. É professora e pesquisadora do Departamento de Retórica e Literatura Comparada da Universidade da Califórnia, em Berkeley, nos EUA. Butler vai ser muito influenciada pelos insights foucaultianos e como esse autor vai reafirmar o caráter discursivo da sexualidade, porém vai além ao ampliar o poder discursivo na produção dos gêneros, enfatizando que eles constroem a significação dos corpos. Propõe que a realidade material dos corpos em nada contribui para determinação de como os gêneros passam a ser representados em relação à sexualidade.

Sua argumentação teórica propõe uma crítica ao questionar a imposição como natural da sequência sexo-gênero-sexualidade. Coloca o determinismo biológico em xeque, refutando a visão essencialista dominante de que um determinado sexo (corpo biológico – de macho ou fêmea, existência de pênis ou vulva) vai determinar um gênero masculino ou feminino, e adiante um desejo afetivo-sexual, dirigido ao sexo oposto.

Não há nada que possa ser tido como natural na afirmação da sequência, pois destaca o papel da linguagem como responsável em veicular significações para os corpos, que incorporam suas representações, sempre baseadas em normas. Nesse processo de construção vai apropriar-se da linguística do conceito de “performatividade”, ao reafirmar que o papel da linguagem não é realizar apenas uma descrição ou simples constatação dos corpos ou do sexo, já que no momento da nomeação os constrói (BUTLER apud. LOURO, 2004).

A imposição da naturalização da sequência é uma forma opressora de normatizar a vidas das pessoas, estabelecendo como viver os gêneros, qual o tipo normal de família. Qualquer



pessoa que ouse não seguir a sequência tem grandes possibilidades de ser estigmatizada, podendo ser-lhe negados direitos fundamentais como cidadãos.

Butler (2003) enfatiza que quando observamos as definições de gênero, de sexo, de mulher e de homem, constatamos que elas estão sempre circunscritas a um determinado contexto cultural que vai ditar as normas, sempre propensas a serem modificadas, reconstruídas, a novas criações. Cada um de nós carrega nesse processo de construção de nossa sexualidade, as marcas de uma cultura, de uma época, valores, além da influencia mais destacada de uma área do conhecimento, já que existe uma disputa pelo poder para ditar como devemos ou não nos comportar na área da sexualidade.

Na cultura ocidental da modernidade as normas de gênero impostas estão prescritas sob a ótica heterossexual. Há uma compulsão para a imposição da heterossexualidade, estabelecendo-se uma “posição de sujeito” valorizada, prestigiada, natural, digna de usufruir de direitos. Aos dissidentes resta a posição desvalorizada, tendendo a serem vistos como antinaturais, e até como patológicos e quase sempre tratados com inferiores.

A pressão para a heterossexualidade compulsória não é passivamente aceita por todos. Há corpos que se rebelam adotando outras identidades de gênero e sexuais. Criam novas possibilidades para o direito de existir, mas travam uma luta onde estão quase sempre em confronto contra a opressão, e, não poucas vezes, são marginalizadas, vítimas de violência psicológica e até física.

Essas pessoas que afrontam as normas desempenham um papel fundamental, pois são elas que se sinalizam os limites, as fronteiras. Sinalizam a possibilidades de construção de outras identidades sexuais, de gênero, outras possibilidades para os desejos. (BUTLER, 2000, 2004). O custo a pagar pela afronta, quase sempre é alto, mas podem encontrar o apoio em alguns discursos que são veiculados nas redes de poder.

Butler chama a atenção para a ocorrência do que identifica como o “caráter performativo”, que implica na repetição de forma exaustiva dessas normas na ótica heterossexual, presentes nas instituições, no contexto familiar, escolar, cultural, veiculadas por diferentes atores sociais que ocupam posições de destaque na correlação de forças entre os saberes.

A influência da contribuição de Butler para a teoria queer pode ser atestada por um trecho do artigo “Le Queer Savoir” da autoria de Marie-Hélène Bourcier e Beatriz Preciado (2001), onde esboçam uma síntese do que seria a teoria queer:

É no princípio dos 90 que surge a teoria queer propondo uma nova leitura das diferenças nas identidades sexuais: estas seriam os efeitos da performance de gênero e de suas aparências. Tratou-se de substituir a questão da identidade pela questão da significação e da ressignificação, através das operações performativas. Esta conclusão foi possível com a leitura que Butler fez de Foucault e Derrida. (...) Tomando o exemplo da drag Queen e usando o conceito antropológico de Esther Newton de “female impersonator”, Butler afirma que imitar um gênero é revelar a estrutura imitativa de gênero em geral (o gênero é uma imitação sem origem), assim como a sua contingência. Não há identidade de gênero por detrás das expressões, construções, performances de gênero (não há ontologia por detrás). A heterossexualidade é apenas uma das paródias do gênero, com as suas posições compulsivas e repetidas de masculinidades e feminilidades dominantes (p.1 e 3).

### **Eve Kosofsky Sedgwick**

É considerada uma das importantes intelectuais que contribuiu com suas publicações para fundamentar os pressupostos da teoria queer. Sedgwick é proveniente da área dos estudos literários, destacando-se nos estudos de gênero, estudos queer e teoria crítica.

Sedgwick era norte-americana e construiu sólida carreira acadêmica lecionando nas Universidades de Boston, Duke e New York. Infelizmente veio a falecer aos 58 anos após a luta contra um câncer de mama.

Sedgwick foi influenciada em suas pesquisas pelos estudos feministas e pela obra de Michel Foucault. Iniciou sua carreira ao analisar questões sócio-sexuais nos escritos de Charles Dickens e Henry James. Incorporou também em suas pesquisas a proposta “desconstrutiva” de Derrida, através dos trabalhos publicados em 1985 e 1990 veio a tonar-se uma referência para a teoria queer.

Nas obras “Entre homens: literatura inglesa e desejo homosocial masculino” (1985) e “Epistemologia do armário” (1990) destacou-se, apesar de não apontar uma saída para a oposição binária, por sugerir novas análises (incorporando a estratégia desconstrutiva de Derrida) das maneiras pelas quais foram instituídos os enormes privilégios nos discursos para a heterossexualidade, tendo como foco dos estudos, a compreensão dos diferentes tipos de desejos sexuais e suas definições por parte da cultura ocidental moderna. Esses privilégios foram e são

garantidos pela imposição da heterossexualidade compulsória, acompanhada da estigmatização e inferiorização da homossexualidade.

Sedgwick vai destacar em sua publicação de 1985, como na educação dos homens, desde muito cedo, são reforçadas e estimuladas à aversão e a hostilidade contra os homossexuais. Desde crianças meninos ouvem comentários depreciativos, ouvem piadas que colocam a homossexualidade como uma ameaça constante contra a construção da masculinidade.

Pode-se observar em Sedgwick (1985) a continuidade à tradição foucaultiana ao concordar que a sexualidade não apresenta uma estrutura imutável, estando sempre atrelada a mudanças histórica e a determinados tipos de sociedade. Ao seguir essa tradição acrescenta como elementos que interfiram nessas variações o gênero e a raça.

Critica a tradição teórica estruturalista, que acredita na existência de um significado universal atribuído a sexualização das relações sociais; advertindo que esse tipo de postura epistemológica despreza o fato que o processo de construção da sexualidade está na dependência dos significados históricos que lhe são atribuídos.

Uma de suas publicações mais influentes para os estudos queer é o livro “Epistemologia do Armário”, que ganhou uma versão resumida publicada nos Cadernos Pagu, da UNICAMP, no ano de 2007. O foco central dessa obra é argumentar que para que possamos compreender a cultura ocidental acerca da sexualidade na modernidade, é preciso analisar em profundidade a construção dos conceitos de homossexualidade e heterossexualidade.

Gansom (2006) destacou a importância que deve ser dada a obra de Sedgwick, pois ao estudar a construção dos discursos sexuais acompanhados do processo de normalização, erigiu as bases para demonstrar como a distinção da homo/heterossexualidade serviu de foco central para todos os aspectos da vida contemporânea.

Em a Epistemologia do Armário, defende a hipótese que para a compreensão de qualquer aspecto da cultura sexual do ocidente na modernidade, haverá prejuízos se não houver a incorporação de uma análise crítica da definição de homo/heterossexualidade. Prossegue ao reconhecer que em sociedades onde vigoram os “dispositivos da sexualidade” (expressão cunhada por Foucault), há uma “recusa cognitiva”, de se comentar sobre a homossexualidade,

tanto no discurso do senso comum, quanto no institucional. A consequência dessa rejeição é que se opera uma forma particular de sexualidade que será tratada como segredo.

Pela influência da proposta “desconstrutiva” de Derrida, aponta nesse contexto a contradição, pois a criação de uma identidade social (homossexual) que é proibida é ao mesmo tempo necessária para a afirmação da identidade hegemônica (LARA, 2002).

Sedgwick (1990) afirma que apesar da sensação de empoderamento de gays e lésbicas no pós Stonewall de que poderiam realizar a “saída do armário”, revelar sua condição de gay ou lésbica em diferentes situações e locais, na prática o “segredo” não pode ser revelado sem que isso possa gerar graves prejuízos em certas áreas de suas vidas. Gays e lésbicas ainda necessitam medir as consequências da revelação, até mesmo os mais assumidos. Acredita que muitos gays ainda mantêm segredo sobre sua homossexualidade em certos contextos de suas vidas. Logo a “saída plena” do armário ainda é uma miragem, numa sociedade que define e concebe a homossexualidade da maneira que a faz.

Como observa Miller (apud. SEDGWICK, 2007)

(...) o sigilo pode funcionar como a prática subjetiva na qual as oposições privado/público, dentro/fora, sujeito/objeto são estabelecidas, e a santidade do primeiro termo permanece inviolada. E o fenômeno do “segredo aberto” não produz, como se poderia pensar, o colapso desses binarismos e de seus efeitos ideológicos, mas, ao contrário, atesta sua recuperação fantasmática (p.2).

Podes-se destacar que Sedgwick aponta a existência de uma característica fundamental nos estudos queer em comparação com os “estudos gays e lésbicos” ou mais recentemente nos “estudos sobre a diversidade sexual”, considerando mais produtivo analisar as contradições que estão presentes em todos os movimentos sociais importantes que, a partir do final do século XIX, contribuíram para a afirmação binária homo/heterossexual do que uma discussão entre movimentos pró ou anti-homossexual.

### **Considerações finais**

Esse artigo foi uma tentativa de apresentar alguns pressupostos teóricos que embasam a teoria queer, abrindo espaço para a exposição de contribuições de autores que a influenciaram de modo significativo. Entre esses destacamos as contribuições de Michel Foucault, Jaques Derrida,

Judith Butler e Eve Kosofsky Sedgwick. No espaço que dispúnhamos não foi possível abordar todos os que tiveram importância, e deixamos de fora alguns autores(as) de peso, como a contribuição na atualidade de Beatriz Preciado, que é de suma importância e que pretendemos abordar em outras publicações.

No Brasil a teoria queer já fez escola e destacamos entre os pesquisadores que incorporaram o enfoque proposto por ela os nomes de: Guacira Lopes Louro, Richard Miskolci, Berenice Bento e Larissa Pelúcio entre outros.

Como já enfatizamos no decorrer do artigo, apesar de encontramos pequenas diferenças entre estudiosos e pesquisadores que se identificam como adotando a teoria queer, além dos pontos destacados por Michael Warner já citados, sublinhamos a seguir: apesar de não desaprovarem o que se costuma chamar de “Estudos de gays e lésbicas” consideram que na grande maioria desses estudos, escapa-lhes a percepção que podem cair na armadilha de reforçar o binarismo, ainda que sejam bem intencionados.

Defesa da utilização de uma nova epistemologia para o estudo da diversidade sexual, tentando desvelar como se articulam diferentes discursos de poder-saber, dispersos em vários setores da sociedade que atuam na imposição da heterossexualidade compulsória e da lógica binária. Esse tipo de epistemologia parece ser mais produtivo para denunciar a hierarquização reinante, pela criação de categorias de pessoas que são as legitimadas e que importam, em oposição às tidas como ilegítimas e abjetas, denunciando as artimanhas que propagam as discriminações, a inferioridade e a negação de direitos plenos de cidadania que deveriam ser acessíveis ao todo e qualquer ser humano.

## Referências

BOURCIER, M. H.; PRECIADO, B. Le queer savoir. In : BOURCIER, MH. **Queer zones** – politiques des identités sexuelles, des représentations et des savoir. Paris : Balland, 2001. Disponível em: <[http://brancolilas.no.sapo.pt/bourcier\\_preciato.htm](http://brancolilas.no.sapo.pt/bourcier_preciato.htm)>. Acesso em: 24 de março de 2009, as 14.35 h.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. L.(org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 151-172.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. **Undoing Gender.** New York: Routledge, 2004.

CHAUNCEY, G. **Gay New York.** Gender, urban culture and the making of a gay male world, 1890-1940. New York: Basic Books, 1994.

D'EMILIO, J. **Sexual politics, sexual communities.** The making of a sexual minority in the United States, 1940-1970. Chicago: The University of Chicago Press, 1983.

DERRIDA, J. **Gramatologia.** São Paulo: Perspectiva, 1973.

ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

EPSTEIN, D.; JOHNSON, R. **Schooling sexualities.** Buckingham: Open University Press, 1998.

FACCHINI, R. **Sopa de letrinhas?** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FOUCAULT, M. **Estratégias de poder-saber.** Coleção Ditos & Escritos IV. MOTTA, M. B. (org.). 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** 7ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Nascimento da Biopolítica.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANÇA RIBEIRO, H. C. Diversidade sexual, preconceito e discriminação: novos paradigmas para se pensar sobre a questão. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana.** CD-ROM. v.21, n. 2, p. 83-105, 2010.

GAGNON, J. H. **Uma interpretação do desejo.** Ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GANSOM, J. As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. e colabs. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 345- 362.

GREEN, J. N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

HALPERIN, D. **One hundred years of homosexuality and other essays on Greek Love.** New York: Routledge, 1990.

HERBERT, M. **Eros e Civilização** (1955). 8ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

LARA, O. A perspectiva queer aplicada ao contexto brasileiro: apontamentos para uma sociologia histórica. **Plural - USP**. São Paulo. V.5, p.81-98, 2002.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARTINS, C. J. A vida dos corpos e das populações como objeto de uma biopolítica na obra de Michel Foucault. In: SCAVONE, L.; ALVAREZ, M. C.; MISKOLCI, R. (orgs.). **O legado de Foucault**. São Paulo: Editora da UNESP, 2006, p. 177-198.

MISKOLCI, R. A teoria queer e a sociologia. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 11, n.21, p.150-182, jan/jun 2009.

PRECIADO, B. Entrevista A Jesús Carrilo. **Cadernos Pagu**, n.28, janeiro/julho de 2007. Campinas – SP. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332007000100016>>. Acesso em: 28 de março de 2006, as 17.30 h.

REICH, W. **A função do orgasmo** (1925). São Paulo. 10ª ed. Brasiliense, 1975.

\_\_\_\_\_. **A revolução sexual** (1936). 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

RICH, A. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Experience. In: SNITOW, A.; STANSEL, C.; THOMPSON, S. **Powers of Desire - The Politics of Sexuality**. New York: Monthly Review Press, 1983. p.177-205.

RUBIN, G. The Traffic in Women: Notes on 'The Political Economy' of Sex. In: REITER, Rayna (ed.). **Toward an Anthropology of Women**. New York: Monthly Review Press, 1975. p. 157-210.

\_\_\_\_\_. Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In VANCE, C. (ed.). **Pleasure and danger: exploring female sexuality**. Boston: Routledge, 1984, p.267-319.

SEDGWICK, E. K. **A epistemologia do armário**. Dossiê: Sexualidades Disparatadas. Cad. Pagu. Campinas – SP, n.28, p.19-54, jan./ jun.2007.

\_\_\_\_\_. **Between men: english literature and male homosocial desire**. New York: Columbia University Press, 1985.

\_\_\_\_\_. **Epistemology of the closet**. Berkeley: University of California Press, 1990.

SEIDMAN, S. Deconstructing Queer Theory or the under-theorization of the social and ethical. In: NICHOLSON, L.; SEIDMAN, S. (orgs.). **Social postmodernism**. Beyond identity politics. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p.116-141.

SPARGO, T. **Foucault e a teoria queer**. Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora: Ed UFJF, 2006.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade (1996). 3ª ed. revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VANCE, C. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. **Physis – Revista de Saúde Coletiva**, v.5, n.1, p. 7-31, 1995.

WARNER, M. (editor). **Fear of a Queer Planet**: queer politics and social theory. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 1993.

WOLFREYS, J. **Compreender Derrida**. Petrópolis- RJ: Vozes, 2009.



## **TEMAS LIVRES: EDUCAÇÃO SEXUAL**

# EDUCAÇÃO SEXUAL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA

*Yalin Brizola Yared<sup>1</sup>; Geraldo Augusto Locks<sup>2</sup>*

## *SEX EDUCATION AND TRAINING OF TEACHERS OF SCIENCE AND BIOLOGY*

**Resumo:** Este trabalho é recorte da dissertação desenvolvida no Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Educação: “A educação sexual na escola: tensões e prazeres na prática pedagógica de professores de Ciências e Biologia”. Por meio de entrevistas semiestruturadas audiogravadas, os dados foram obtidos com seis professoras de Ciências e Biologia de cinco escolas estaduais. Os depoimentos foram analisados qualitativamente – análise de conteúdo – e estabelecidas categorias a posteriori. Os resultados sugerem que a sexualidade ainda é apoiada nas concepções médico-higienista e moral religiosa dogmatizada; uma parcela significativa dos cursos de licenciaturas se circunscreve em paradigmas pedagógicos tecnicistas. Recomenda-se urgente avaliação dos currículos onde se inscreva uma visão antropológica do ser humano multidimensional, onde a sexualidade não poderá ser omitida/dicotomizada; além da necessidade de se implementar a educação continuada que possibilite o trabalho de uma educação sexual emancipatória onde os sujeitos possam ter a vivência de uma sexualidade mais autônoma e feliz.

**Palavras-chave:** Professores de Ciências e Biologia. Educação Sexual Emancipatória. Currículo.

**Abstract:** This work is cut out of the thesis developed in the Post-Graduate *Stricto Sensu* in Education: “Sex education in schools: tensions and pleasures in the pedagogical practice of teachers of Science and Biology”. Through semi-structured taped interviews, the data were obtained with six of Science and Biology teachers from five schools. The interviews were analyzed qualitatively – analysis of content – and established categories a posteriori. The results suggest that sexuality is still supported in the medical-hygienist conceptions and moral religious dogmatic; a significant portion of undergraduate courses is limited in pedagogical paradigms technicality. We recommend urgent evaluation of curriculum that sing an anthropological vision of the human being multidimensional, where sexuality can not be omitted/dichotomized; besides the necessity to implement continuing education that enables the work of an emancipatory sex education where people can have the experience of sexuality more independent and happy.

**Keywords:** Science and Biology Teachers. Sex education Emancipatory. Curriculum.

### **Introdução**

Este trabalho, gerado por um recorte de dissertação desenvolvida no Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu* em Educação da Universidade do Planalto Catarinense, procura

---

<sup>1</sup> Bióloga, Educadora Sexual, Mestre em Educação. Coordenadora do Curso de Ciências Biológicas e docente do Curso de Medicina – Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC). E-mail: [yalinbio@gmail.com](mailto:yalinbio@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Antropologia Social, docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu* em Educação – Mestrado da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC). E-mail: [geraldolocks@gmail.com](mailto:geraldolocks@gmail.com)

responder dois objetivos. Primeiro, trazer à luz o olhar de professoras de Ciências Biológicas que atuam em escolas da rede pública estadual de Lages/SC, acerca da compreensão do tema da sexualidade proposto no currículo escolar. Segundo, diante das tensões, dificuldades e desafios enfrentados pelas professoras na prática pedagógica, resultantes da ausência de uma formação profissional inicial e continuada sobre a educação sexual escolar, busca-se estabelecer um diálogo com alguns autores que trazem referenciais teóricos descortinadores de um mundo social escolar plural e diverso onde este profissional poderá ressignificar seu olhar e sua prática pedagógica.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), a sexualidade apresenta manifestações em todas as faixas etárias e ocultá-la, ignorá-la ou reprimi-la, são as atitudes mais frequentes entre os profissionais das escolas. Muitas escolas compreendem a necessidade de se trabalhar intencionalmente o tema sexualidade em seus conteúdos formais, mas elas acabam apenas incluindo anatomia, fisiologia e reprodução humana no currículo da disciplina de Ciências Naturais e Biologia. Assim, na maioria das vezes, transportam a responsabilidade de abordar o assunto apenas para um profissional, ocorrendo em muitos casos, um enfoque somente biologizante, que não satisfaz toda a curiosidade e ansiedade de crianças, adolescentes e jovens, pois excluem dessa abordagem as dimensões afetivas, psicossociais, políticas e históricas. (PCN, 1997; SANTOS E BRUNS, 2000; FIGUEIRÓ, 2010; BONFIM, 2010)

Visando evitar este único enfoque, foi proposta nos documentos legais – Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997) e Proposta Curricular de Santa Catarina (1998) – a educação sexual no currículo escolar como tema transversal, ou seja, que pode ser trabalhado por professores de todas as áreas do conhecimento, buscando a promoção da saúde e bem-estar de crianças, adolescentes e jovens, na vivência de sua sexualidade atual e futura. Alguns estudos continuam demonstrando que ainda o professor licenciado em Ciências Biológicas é visto como o profissional mais “indicado”, inclusive “preparado”, para tratar do tema com os estudantes, pois os resultados confirmam que normalmente é de responsabilidade do professor de Ciências ou de Biologia o desenvolvimento dos aspectos biológicos dos sujeitos, o que exclui, em muitos casos – visto a falta de formação inicial e continuada destes profissionais – os aspectos socioculturais e simbólicos imbricados no desenvolvimento da sexualidade. (SANTOS E BRUNS, 2000; BONFIM, 2010; FIGUEIRÓ, 2010)

Todavia, cabe salientar que nestes documentos – Parâmetro Curricular Nacional, 1997 e Proposta Curricular de Santa Catarina, 1998, espera-se uma determinada atitude dos/as

educadores/as, uma suposta postura diante da execução do trabalho de educação sexual a ser realizado, como por exemplo: reconhecer a busca do prazer e as curiosidades das crianças e jovens como algo natural; construir um ambiente adequado para que o estudante possa refletir e emitir críticas, valores, crenças e tabus, desenvolvendo assim, sua autonomia; não transmitir suas observações pessoais como verdades absolutas.

Contudo, ressaltar uma postura futura do educador, subentende-se que estes documentos estão ignorando esta constituição do/a educador/a em uma sociedade patriarcal repressiva que também lhe ofereça uma formação pedagógica dita assexuada. Omite-se neste processo de educar professores sobre “a relação do educador consigo mesmo, entendendo-se como corpo-sujeito-no-mundo” (MELO, 2004, p. 22 e 23), ou seja, não se trabalha como o/a educador/a percebe-se diante destas questões e se ele/ela já vivenciou alguma reflexão crítica libertadora que lhe possibilitasse a exercer sua sexualidade de forma prazerosa e emancipatória.

## **Metodologia**

Por meio de entrevistas semiestructuras audiogravadas, os dados da pesquisa foram obtidos com 6 (seis) professoras de Ciências e Biologia de 5 (cinco) escolas estaduais. Os depoimentos das professoras foram analisados qualitativamente, na perspectiva apontada por Minayo (2010), e submetidos a uma análise de conteúdo, modalidade análise temática e estabelecidas categorias e subcategorias *a posteriori*, as quais se encontram focadas neste trabalho: a compreensão da sexualidade e a formação docente. O quadro 1 (anexo) apresenta características das professoras participantes.

Durante as entrevistas começamos a descobrir pessoas fantásticas, algumas silenciadas pela repressão sexual que vivenciaram, outras por decidirem enfrentar fervorosamente esta realidade, buscando inconscientemente suas próprias liberdades. Por esta razão, utilizamos nomes de pedras preciosas para identificar as professoras entrevistadas, pois realmente acreditamos que elas são as “joias” que brilharam ao aceitar o convite para a pesquisa, proporcionando esta reflexão e inspiração, pois sem elas, este trabalho não existiria.

## **A compreensão da sexualidade**

A história de vida que cada sujeito leva consigo inclui todas as vivências e reflexos de sua experiência bio-afetivo-sexual, particularmente a educação sexual proporcionada por sua família,

seja dialógica, repressiva ou omissa e, a instituída pela sociedade. Estas vivências estão impregnadas de valores, crenças, mitos e tabus, formando uma concepção particular a sexualidade. A partir dos dados obtidos por meio das entrevistas, pode-se notar na fala as professoras a intensa presença da concepção médico-higienista<sup>3</sup> e moral-religiosa<sup>4</sup>. Como por exemplo:

*Vamos ver... quando... ah!... falar em sexualidade, o que eu entendo: vai falar do corpo humano. Começa falando assim... Aí, o que é o corpo humano? Ah tá, então, nós temos lá os sistemas e tal... quando fala em sexualidade pra mim, não sei se é essa coisa voltada à ciência, já vem mais é... aparelho reprodutor, homem, mulher, aí a gente começa a falar de fase de namoro e tudo aquilo dando exemplos né. (Safira)*

*Olha, eu pessoal, eu pessoa... não sou muito chegada, não. Eu acho que é a pessoa mostrar o corpo, sua maneira de ser...atrair. Eu penso assim: sedução. Sexualidade pra mim é isso. E até... talvez até uma própria relação sexual. O sexo em si. Nunca gostei de falar isso para os alunos. (Rubi)*

*A sexualidade humana é tudo que faz o homem ser homem e a mulher ser mulher. A definição de caracteres, de ações, enfim, que define e especifica cada um, os dois sexos. Na ação profissional, familiar, casa, em tudo. Eu vejo assim, como uma coisa muito bonita, divina. Não consigo distanciar do divino. São dois seres que se complementam, que se completam, que estão aí com todas as armas para continuar a espécie. (Pérola)*

Estas falas, de um lado, apresentam além da visão biológica da sexualidade, o amor fraternal entre os cônjuges, descarta as discussões sobre o prazer e também cristaliza papéis sociais atribuídos aos homens e as mulheres – “tudo o que faz o homem ser homem e a mulher ser mulher” – estabelecendo a heteronormatividade. Inclusive demonstra a influência de valores e princípios religiosos relacionados à sexualidade, que nos casos em análise, pode-se identificar a força da tradição religiosa judaico cristã ocidental – são praticamente dogmas que continuam a operar como arquétipos religiosos-ideológicos e a orientar condutas. De outro lado, é possível enfatizar que nem todas as informantes da pesquisa de campo limitam-se à visão biologista da sexualidade quando entre elas se afirma a sexualidade como uma dimensão estruturante do “ser

---

<sup>3</sup> Reduz a sexualidade aos órgãos genitais e a um “problema” de saúde pública; a ênfase se dá na prevenção no contágio de DST/Aids; linguagem clínica utilizada, o que dificulta a compreensão da população; o sexo é classificado pelas disfunções e pelas anomalias sexuais; as práticas fora da heteronormatividade são consideradas patológicas; existe a negação do prazer pois a única função do sexo é a reprodução. (SANTA CATARINA, 1998; FIGUEIRÓ, 2006)

<sup>4</sup> Reduz a sexualidade ao sexo, vinculando-o apenas a procriação e ao matrimônio, descarta a possibilidade de se obter prazer e condena o desejo e a existência de relações sexuais fora da heteronormatividade. Preconiza um “amor fraternal” entre os cônjuges. Estabelece um viés repressor prevalecendo os valores burgueses da moral e dos bons costumes. (SANTA CATARINA, 1998; FIGUEIRÓ, 2006)

homem”, “ser mulher”. Isto permite pensar a sinalização para a possibilidade de mudança na construção de um novo discurso sobre a compreensão do significado da sexualidade. Este novo discurso, melhor dizendo, o entendimento da sexualidade numa perspectiva de concepção histórico-cultural<sup>53</sup>, relacionando a forma de estar e se sentir no mundo, estão singelamente apresentados nos trechos a seguir:

*Sexualidade, nós temos desde que nascemos né? E...muitas vezes, a gente pensa que está tratando de sexualidade só o ato sexual em si. Mas não, sexualidade é... desde o momento que você nasce, como você vive, como você se comporta na sociedade, como você está agindo né... perante as pessoas, teu modo de ser, tudo isso é sexualidade. Então, a forma de falar em sexualidade, muitas vezes ela é confundida. Que não é o caso, o ato sexual em si. Mas tudo relaciona com sexualidade. Então, essa é a visão que muitas pessoas não têm. (Diamante)*

*Ah... vamos pensar um pouco! (risos) Mas a sexualidade, eu penso assim, que seja o dia-a-dia, você está tendo sexualidade o dia-a-dia, a TV, a comunicação, a maneira como se vestir, como se portar, acho que tudo isso envolve a sexualidade. (Zircônia)*

Estas compreensões de sexualidade convergem para o conceito de sexualidade da Organização Mundial de Saúde (OMS) que interfere nas formas de ver e de agir do sujeito no mundo:

A sexualidade forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado dos outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade [...] é a energia que motiva a encontrar o amor, o contato e a intimidade e se expressa na forma de sentir, na forma de as pessoas tocarem e serem tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e tanto a saúde física como a mental. Se a saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada como um direito humano básico. (OMS apud EGYPTO 2003, p. 15 e 16)

Considera-se a sexualidade um fenômeno humano, pois se diferencia das demais espécies sexuadas que copulam apenas para procriar. Vilella (1999) aponta a ideia de que somente a espécie humana tem “relações sexuais” as quais significam apresentar “relações pessoais intermediadas pelo sexo, que atendem a múltiplas finalidades e sentidos, em função das circunstâncias temporais, históricas, inter e intra-subjetivas em que ocorrem”, (VILELLA 1999,

---

<sup>5</sup> Compreende a sexualidade como uma produção do contexto e das relações estabelecidas entre os sujeitos, ou seja, uma produção histórica e cultural onde está presente no sujeito desde o seu nascimento até a morte; compreende que somente o homem produz significados e conotações valorativas à sexualidade que, por sua vez, se modifica e se diversifica no tempo e no espaço. (SANTA CATARINA, 1998; FIGUEIRÓ, 2006)

p. 310). Assim, a sexualidade, como afirma Cabral (1995), encontra-se na base das expressões humanas, de modo que é possível identificar no discurso das informantes, uma visão abrangente da sexualidade, constituinte da condição humana. Nesta perspectiva, pode-se afirmar que o ser humano não “tem” sexualidade, ele “é” sexualidade.

Já Esmeralda, com muito bom humor, define sexualidade como algo muito complexo, inclusive sente dificuldade em verbalizar o que compreende sobre o tema:

*Sexualidade... desejo... algumas palavras assim, sei lá... desejo. E agora, você me pegou! (risos) Eu acho que é... de repente... escolhas que você faz... não só sexual... mas, sei lá... ficou bem complicado te responder. Me senti uma aluna agora! (risos) Acho que são escolhas que se faz realmente. (silêncio) E agora? Como é que vou te... (silêncio) Embora não consiga te definir o que é, mas está presente... na gente... é totalmente complexo... desejo... não só desejo sexual, sei lá... como é que eu vou te explicar... não só sexo. (Esmeralda)*

À primeira impressão poder-se-ia deduzir que a informante encontra-se desprovida de referenciais teóricos sobre a temática investigada. Contudo, a sua performance silenciosa, emocional e ansiosa pode estar demonstrando também o quanto a sexualidade é profundamente da condição humana. Por sua complexidade e enquanto um tema transversal demanda séria preparação dos profissionais da educação. Quando lhe foi perguntado o motivo pelo qual a sexualidade não seria reduzida ao sexo, respondeu:

*Não consigo te explicar. Como é difícil! (risos) Não é só sexo... a sexualidade não quer dizer só isso... gente, como é difícil! Como você me pegou! Se você tivesse me dito antes, tinha dado uma lida! (risos) (Esmeralda)*

Há dificuldade de se compreender a sexualidade como algo mediado por fatores culturais, históricos e sociais por várias professoras. De acordo com Cabral (1995), a prática docente apresenta uma inquietação e dificuldade de diálogo sobre o assunto, como também, de relacionar a sexualidade ao prazer e a uma dimensão inerente ao ser humano, pois encontra-se impregnada das concepções moral-religiosa e médico-biologista e estas excluem a importância do conhecimento sobre a formação integral do sujeito e não em oferecer uma visão globalizante da sexualidade humana.

Apoiamo-nos em Freud, citado por Merleau-Ponty (1999), que compreende o aspecto sexual não somente relacionado ao próprio genital. Nas palavras do autor:

A vida sexual não é um simples efeito de processos dos quais os órgãos genitais são o lugar, a libido não é um instinto, quer dizer, uma atividade naturalmente orientada a fins determinados, ela é o poder geral que o sujeito psicofísico tem de aderir a diferentes ambientes, de fixar-se por diferentes experiências, de adquirir estruturas de conduta. É a sexualidade que faz com que o homem tenha uma história. (MERLEAU-PONTY 1999, p. 219)

Portanto, o ser humano projeta na sexualidade seu modo de ser a respeito do mundo, a respeito do tempo e também, a respeito dos outros seres. São construções existentes por meio de inter-relações estabelecidas, desta forma a sexualidade é a busca da existência. (NUNES, 2005)

A sexualidade é construída de maneira singular em cada indivíduo, onde crenças, mitos e tabus podem ter significados diversos para cada pessoa. A contribuição da Psicologia Sócio-Histórica concebe a história do ser humano “como o movimento contraditório constante do fazer humano, no qual, a partir da base material, deve ser compreendida toda produção de ideias”, (BOCK, 2001, p. 17 e 18). Portanto, o sujeito é construído a partir das suas experiências no decorrer de sua vida, da sua relação com o meio e com os outros. Por isso, a maneira como estas professoras receberam educação sexual – repressora, omissa ou dialógica – na família, na sociedade ou por outros processos sócio-culturais pode contribuir para justificar suas compreensões de sexualidade nos dias atuais.

### **Formação Docente**

A formação inicial e continuada do docente também traz muitas informações sobre a forma como estas professoras foram se constituindo sujeitos no mundo e de que forma estas contribuições influenciam nas suas compreensões sobre sexualidade. Todas as professoras participantes relataram não terem recebido formação específica para tratar o tema, embora algumas apresentem vontade e disposição de procurar o conhecimento por conta própria.

Como relatam as participantes Diamante e Esmeralda:

*Não, nenhuma. O que eu tenho a respeito do assunto é porque vou buscando. Mas, orientação assim que a entidade própria... entidade estadual, municipal... nunca. Nunca tive nenhuma orientação mesmo. (Diamante)*

*Não, não tivemos. A gente teve as práticas (estágio em sala de aula), mas nada assim, no tema... na faculdade a gente não teve nada sobre o assunto. Eu sou formada há 10 anos. Acesso assim... a não ser quando a gente procura, só. (Esmeralda)*



Em contrapartida, duas professoras, Pérola e Zircônia, relataram lembrar-se de algum momento em que participaram de formação continuada proporcionada aos professores. Porém, a professora Zircônia não conseguiu lembrar a data desta formação, inclusive, enfatizou que este encontro não foi específico para o tema da sexualidade, surgiu apenas ao abordar assuntos, como por exemplo, de Reprodução Humana e Genética. No entanto, professora Pérola relata um evento de 1987 no município de Lages, no qual se lembra da presença de uma sexóloga a qual proporcionou um breve diálogo sobre a importância da educação sexual a ser realizada nas escolas. Nas palavras da professora:

*Nós tivemos um encontro onde a gente recebeu uma sexóloga, nos dando toda uma orientação de como trabalhar na escola, do que fazer, de como fazer, inclusive ela trabalhou e passou uma parte do trabalho dela para o nosso individual, pro nosso particular. Enquanto nós, a questão sexualidade, trabalhando na gente. (Pérola)*

De acordo com Figueiró (2006), ao ingressar no curso de formação inicial, o sujeito já vem construindo seus modelos sociais, seu entendimento do que é a escola, a função do professor e do aluno, portanto, toda sua experiência de vida anterior e posterior à formação inicial influencia na formação deste profissional.

Destacamos a fala de Pérola – “para o nosso individual, para o nosso particular” – onde mostra que a atuação da sexóloga foi voltada, inclusive, para a constituição do sujeito, pois acreditamos que “para estudar a sexualidade humana, será necessário colocar nossa história também em estudo”, (CABRAL 1995, p. 14). Este ato reflexivo pode possibilitar em uma maior compreensão de que os sujeitos e a sexualidade são construídos histórico-culturalmente, o que permite “confrontar nossos medos, vergonhas, resistências e preconceitos com suas respectivas origens, bem como suas formas de repasse através dos tempos”, (idem *ibid*).

O primeiro grande passo, segundo Cabral (1995), para propor uma educação sexual sistematizada, é reconhecer-se como sujeitos sexuados e educandos e, partir para uma reeducação da sexualidade. Assim, é necessário considerar que a formação continuada precisa ser desenvolvida como um processo, proporcionando tempo suficiente para que os/as educadores/as possam refletir sobre suas práticas pedagógicas.

Em sua pesquisa, Figueiró (2006) comprovou que o desenvolvimento profissional e a prática pedagógica dos/as educadores/as melhoram a partir de oportunidades de se envolverem

em processos de formação continuada embasados em uma prática reflexiva. Cabe salientar que a autora define o conceito de formação continuada como “propostas ou ações (cursos, estudos, reflexões...) voltadas, em primeira instância, para aprimorar a prática profissional do professor”, (FIGUEIRÓ 2006, p. 91). A partir destes processos os/as educadores/as podem mostrar-se capaz de:

Conquistar, por meio desse trabalho, o crescimento da auto-imagem e da sua valorização profissional; exercer influência no meio escolar, auxiliando outros colegas de trabalho a desempenhar o papel do educador sexual e fazendo, no dia-a-dia, pequenos discursos que informam, conscientizam e envolvem outros no ensino da sexualidade. (FIGUEIRÓ 2006, p. 28)

Desta forma, é necessário que este processo entenda o/a educador/a como construtor, como sujeito de sua maneira de ser e agir profissionalmente, assim, sua experiência de vida e de trabalho constituem elementos significativos. A formação continuada deve contribuir individual e coletivamente no desenvolvimento profissional dos/as educadores/as, garantindo desta forma, uma prática sócio-transformadora e a busca de uma escola renovada. Como afirma Freud citado por Cabral (1995), a compreensão de si próprio, o autoconhecimento defendido pelo autor, contribui para uma vida melhor, mais feliz e mais saudável.

Na Proposta Curricular de Santa Catarina, se expressa a preocupação com o despreparo dos(as) educadores(as) ao tratarem o tema com a merecida importância, o que permite a possibilidade de uma “deseducação sexual”, pois existe “a incompetência técnica da maioria dos educadores para lidar com a temática”, (SANTA CATARINA 1998, p. 29).

Esta preocupação está afinada com a reflexão de Figueiró (2006), ao ressaltar que outros autores também têm inquietação quanto a possibilidade de professores/as despreparados assumirem o trabalho intencional de educação sexual na escola. A autora cita Guimarães (1995), que alerta sobre a probabilidade da educação sexual na escola ser influenciada pela nossa ampla educação repressiva, moralista, valores esses que estão ainda muito presentes nas nossas vivências e, assim, “a educação sexual apresenta um grande risco de tornar-se essencialmente repressiva se oficializada ao acaso, isto é, sem o devido planejamento e preparo dos professores”, (FIGUEIRÓ 2006, p. 58).

Contudo, agora a educação sexual está oficializada e entendemos que ao trabalhar com a educação sexual, o/a educador/a precisa estar em reflexão e ressignificação constante, de si e do mundo onde vive e, concomitantemente, tenha oportunidade de estar envolvido em cursos de formação inicial e continuada.

### **Considerações finais**

Os depoimentos das professoras informantes foram instigantes e fizeram emergir uma realidade na qual é possível detectar uma grande distância entre o que preconiza o conjunto dos marcos legais nacional e estadual e as práticas educacionais no que concerne à educação sexual escolar. As professoras informantes demonstram, de modo geral, inseguranças quanto ao trabalho intencional do tema com os estudantes, receio quanto as suas condutas e a veracidade das informações transmitidas, dificuldade em ampliar a compreensão da sexualidade humana reduzindo-a frequentemente ao biológico. Demonstraram também que sentem necessidade de cursos de formação continuada específicos na área. Este investimento no profissional pode refletir em um crescimento da sua autoimagem e contribuir para ampliar os trabalhos intencionais em educação sexual nas escolas.

A análise das entrevistas sugere que a sexualidade no ambiente escolar ainda é vista sob uma ótica extremamente biologizante, apoiada nas concepções médico-higienista e na moral religiosa, principalmente nas professoras com maior tempo de formação. Trabalhar uma educação sexual preventivista, a partir de aspectos funestos da sexualidade, descarta a possibilidade da vivência ao prazer e ignora a construção dos sujeitos dentro da dimensão biopsicossocial.

Uma parcela significativa dos cursos de licenciaturas ainda apresenta uma formação desumanizadora destes profissionais, visto que a sexualidade permanece num currículo oculto da omissão, onde os/as professores/as são expropriados do entendimento desta dimensão e alienadamente educados para uma concepção de sexualidade reducionista e superficial. Observam-se situações de professores de todas as áreas do conhecimento, inclusive das Ciências Biológicas, que justificam não conseguir trabalhar este tema transversal, mas não percebem que está se vivendo este tema, pois a vida é transversal e a sexualidade nunca esteve fora dela.

Essas professoras entrevistadas enfrentam de cabeça erguida a expropriação da sexualidade que sofreram, assumiram suas falhas, lacunas, medos e perplexidade frente à temática, pois generosamente participaram desta pesquisa sem medo de dividirem suas aparentes fraquezas que, na verdade, são sua força, pois estão com o coração aberto para a busca e para a mudança. Também apresentaram, de maneira geral, grande frustração com o sistema escolar, uma vez que afirmam que a escola está cada vez mais proporcionando uma educação bancária que garante assim, a manipulação e alienação do ser humano.

Sugere-se que seja retomada com urgência a avaliação dos currículos escolares nos quais se expresse uma educação numa perspectiva identitária e existencial. Oportunizar uma formação do profissional contemporâneo capaz de permitir-lhe a libertar-se das armadilhas da “disciplina”, transitando para a prática da filosofia da suspeita, isto é, a problematização constante, para assumir o seu e os corpos com quem se relaciona e trabalha como mediador de pessoas e da vida social, tomando-os também como objeto/sujeito de conhecimento. Praticar a filosofia da suspeita neste contexto implica em todo tempo e lugar desnaturalizar conceitos, valores, visão de mundo e condutas que mantêm olhares e práticas pedagógicas de caráter essencialistas para traduzi-las numa perspectiva existencialista, ou seja, pensadas, reconstruídas ou ressignificadas cotidianamente. É nesta perspectiva que se torna relevante trabalhar a educação sexual emancipatória visando autonomia e respeito aos direitos humanos.

Para que isso se concretize, é necessário que as Universidades, juntamente com o Estado, assumam a responsabilidade de contribuir para a formação inicial e continuada dos/as professores/as que atuam na rede pública de ensino, de forma regular e sistemática, numa tentativa de reeducar sexualmente estes profissionais. Esta é uma tarefa a que as Universidades não podem mais se esquivar.

Todos somos educadores/as sexuais, conscientes ou não disso, portanto, almeja-se a implantação de uma educação sexual emancipatória que forneça alicerces aos educandos e professores/as para vivenciarem a sexualidade de maneira positiva, autônoma, afetiva, saudável e feliz. Para isto, os profissionais da educação devem estar cientes que estão pautados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, pela Proposta Curricular de Santa Catarina, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação e pela Conferência Nacional da Educação, para a realização do trabalho de educação sexual intencional nas escolas de hoje e do futuro.

## **Referências**

BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. da G. M.; FURTADO, O. (Orgs.) **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez, 2001.

BONFIM, C. **Educação sexual e formação de professores**: da educação sexual que temos à educação que queremos. – João Pessoa: Editora Univsersitária da UFPB, 2010.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: orientação Sexual. Brasília: MEC. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, 1997.

CABRAL, J. T. **A sexualidade no mundo ocidental**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

EGYPTO, C. (Org.) **Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante**. – São Paulo: Cortez, 2003.

FIGUEIRÓ, M.N.D. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível**. – Campinas, SP: Mercado das Letras; Londrina, PR: Eduel, 2006.

\_\_\_\_\_. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio**. – 3.ed. rev. e atual. – Londrina: Eduel, 2010.

MELO, S. M. M. de. **Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em professoras**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. – (Coleção Dimensões da Sexualidade)

MERLEAU-PONTY, M.; MOURA, C. A. R. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8ª Ed. – São Paulo: Hucitec, 2010.

NUNES, C. A. **Desvendando a sexualidade**. Campinas, SP: Papirus. 7ª Edição, 2005.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta curricular de Santa Catarina: Educação infantil, ensino fundamental e médio: temas multidisciplinares**. – Florianópolis: Cogen, 1998.

SANTOS, C.; BRUNS, M. A. de T. **A educação sexual pede espaço: novos horizontes para a práxis pedagógica**. São Paulo: Ômega Editora, 2000.

VILELLA, W. V. Num país tropical, do sexo que se faz ao sexo do qual se fala. In: DIAS, J. (Org.). **Saúde sexual e reprodutiva no Brasil**. Hucitec: São Paulo, 1999.

Anexos

Quadro 1: Caracterização dos sujeitos

<b>Participantes</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Tempo de formação</b>
Rubi	Fem	53	30
Pérola	Fem	49	28
Zircônia	Fem	42	22
Diamante	Fem	36	11
Safira	Fem	32	12
Esmeralda	Fem	31	10

## EFEITOS DE UM PROGRAMA SOBRE SEXUALIDADE NO CONHECIMENTO E COMPORTAMENTO SEXUAL DE JOVENS COM IDADE ENTRE 15 E 20 ANOS

Ana Luiza Dias Batista de Souza<sup>1</sup>; Anita Pereira do Amaral<sup>2</sup>, Teresa Helena Schoen-Ferreira<sup>3</sup>

### *E EFFECTS OF SEXUALITY PROGRAM ON KNOWLEDGE AND SEXUAL BEHAVIOR AMONG ADOLESCENTS*

**Resumo:** O início da vida sexual está ocorrendo cada vez mais cedo, muitas vezes com conseqüências não desejadas, como DSTs ou gravidez, tornando-se fundamental que os jovens tenham conhecimentos adequados sobre sexualidade. Este estudo teve por objetivo avaliar os efeitos de uma oficina sobre sexualidade no comportamento e conhecimento de jovens sobre o assunto. **Método:** 234 jovens de 15 a 20 anos, inscritos em um curso de Capacitação Profissional, que participaram de oficinas sobre sexualidade e responderam a um questionário no primeiro e no último encontro. **Resultados:** Metade dos adolescentes afirmou não ter iniciado vida sexual. A idade média da primeira relação sexual foi aos 14,76 anos. Os adolescentes disseram valorizar a fidelidade no relacionamento amoroso e terem dificuldade de conversar sobre o assunto com seus pais. No pós-teste, os adolescentes citaram mais métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis que no pré-teste. O método mais citado foi a camisinha masculina. **Conclusão:** Os resultados do pós-teste permitem concluir que os adolescentes apresentaram mais conhecimento a respeito de métodos contraceptivos, DSTs / AIDS.

**Palavras-chave:** Comportamento sexual. Jovens. Oficinas de sexualidade.

**Abstract:** The initiation of sexual life occurs at an increasingly earlier age, often with undesired consequences, such as sexually transmitted diseases (STDs) or pregnancy. It is therefore fundamental for adolescents to have adequate knowledge regarding sexuality. The aim of the present study was to assess the effects of a sexuality workshop on sexual knowledge and behavior among adolescents. **Methods:** 234 adolescents from 15 to 20 years of age (students of a professional training course) who participated in sexuality workshops answered a questionnaire in the first and last class. **Results:** Half of the adolescents reported not having initiated sexual life. Mean age at the first sexual relation was 14.76 years. The adolescents reported prizing fidelity in love relationships and having difficulty discussing the subject with their parents. The

---

<sup>1</sup> Área da Criança e do Adolescente, Unibes – União Brasileiro Israelita do Bem Estar Social, São Paulo, Brasil. e-mail: [ana.souza@unibes.org.br](mailto:ana.souza@unibes.org.br)

<sup>2</sup> Área da Criança e do Adolescente, Unibes – União Brasileiro Israelita do Bem Estar Social, São Paulo, Brasil.

<sup>3</sup> Centro de Atendimento e Apoio ao Adolescente – CAAA, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, Brasil.

adolescents cited more contraceptive methods and STDs on the posttest than on the pretest. The most cited method was the condom. **Conclusion:** The results of the posttest allow concluding that the adolescents exhibited more knowledge regarding contraceptive methods, STDs and AIDS.

**Keywords:** Sexual behavior. Youngster. Workshops on sexuality.

## Introdução

A sexualidade é uma das dimensões do ser humano que envolve gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução (ABRAMOVAY, CASTRO & SILVA, 2004). Schiavo (2002) afirma que ela se faz presente desde que nascemos e nos acompanha por toda a nossa existência, podendo concretizar-se de diferentes formas em cada momento da vida. A adolescência é o período em que a experimentação da sexualidade se torna uma dimensão a ser explorada no processo de construção da identidade pessoal.

Segundo Abramovay, Castro & Silva (2004), adolescentes e jovens vêm ocupando “*um lugar de significativa relevância no contexto das grandes inquietações que assolam a comunidade mundial, tanto no campo da educação quanto no da saúde*”, devido aos problemas que esta faixa etária vem enfrentando, como a gravidez precoce, o aborto, as DST e AIDS.

Borges e Schor (2002) consideram a primeira relação sexual como um marco na vida reprodutiva de qualquer indivíduo. Essa iniciação vem ocorrendo cada vez mais cedo, o que pode acarretar impactos importantes na vida desses jovens, como, por exemplo, o aumento das taxas de fecundidade na adolescência e das doenças sexualmente transmissíveis, como a AIDS. Enquanto a taxa de fecundidade vem diminuindo nas outras faixas etárias, no grupo da adolescência vem aumentando, principalmente entre as menos escolarizadas e entre as mais pobres. Alguns estudos vêm demonstrando que a adolescência é um período de maior risco para DSTs (ARAÚJO, 2002, FIORAVANTE, 2003, MIRANDA, 2003).

Segundo Berfoli, Alkmin, Barbieri, Guazzelli e Araújo (2006), anualmente cerca de um milhão de jovens de 10 a 19 anos de idade se tornam mães. As autoras afirmam ainda que, na maioria dos casos, a primeira gravidez não é planejada e algumas vezes indesejada. Parir antes dos 19 anos, décadas atrás, não se constituía em assunto de ordem pública (BRANDÃO & HEILBORN, 2006), entretanto, atualmente, a gravidez na adolescência é apontada como um problema social e de saúde, necessitando ser compreendida em um contexto histórico e cultural específico.

Os argumentos correntes na literatura sobre o tema, baseados majoritariamente em investigações junto às camadas mais populares, enfatizam a desinformação juvenil, dificuldades de acesso aos métodos contraceptivos, a pobreza e as situações de marginalidade social como fatores que circundam tal fenômeno. Portanto, disseminar informações a respeito do assunto é uma das melhores formas de prevenção, segundo Berfoli et al. (2006).

No estudo dessas mesmas autoras, realizado em 2006 com adolescentes que acompanhavam um serviço de pré-natal em São Paulo -SP, a média da idade da primeira relação sexual foi em torno dos 15 anos para as meninas, que engravidaram cerca de um ano após. No estudo de Franco, Ramos, Ribeiro, Pacheco, Silva e Farias (2002) com um público seguindo essas mesmas características, porém em São Luís - MA, a idade média da primeira relação sexual foi de 15,9 anos e ocorreu, aproximadamente, três anos após a menarca, engravidando, também, em torno de um ano após a sexarca. Vitiello pesquisou (1997), a nível nacional, um público com idade que variava entre menos de 14 anos até mais de 55 anos (prevalência dos 20 aos 44 anos) e observou que a idade média da primeira relação sexual para as meninas ocorria entre os 15 e 16 anos e para os meninos aos 17 anos.

Diante dos fatos e da importância desse tema, o trabalho nessa área faz-se necessário por informar aos adolescentes e jovens sobre os conceitos fundamentais da sexualidade humana, promovendo um maior conhecimento do corpo, orientando sobre o uso correto dos métodos de prevenção e estimulando uma reflexão sobre o exercício seguro e responsável para a vida sexual. O presente estudo teve por objetivo verificar os efeitos que um programa sobre sexualidade teve no conhecimento e comportamento sexual de jovens que participavam de um curso de capacitação profissional.

## **Metodologia**

Estudo longitudinal, do tipo pré e pós teste.

## **Participantes**

Participaram deste estudo, jovens na faixa etária dos 15 aos 29 anos, de ambos os sexos, ingressantes na capacitação profissional do primeiro semestre de 2010 na Unibes - União Brasileiro-Israelita do Bem Estar Social. Este público é composto por concluintes do ensino médio e por estudantes regularmente matriculados na rede pública de ensino.



Oriundos dos bairros do Bom Retiro, Canindé e adjacências, a maioria é proveniente de famílias de baixa renda, que recebem o valor de até três salários mínimos. Pela facilidade de acesso ao transporte, chegam também jovens de alguns municípios como Guarulhos, Osasco, Carapicuíba, Francisco Morato, Ferraz de Vasconcelos, Arujá, entre outros.

No início da pesquisa, foram respondidos 305 questionários (pré-teste) e após as oficinas, 228 (pós-teste). Para este estudo, foram considerados somente os participantes que, no primeiro momento, tinham idades de 15 a 19 anos (234 questionários) e no segundo momento, de 15 a 20 anos (201 questionários).

O Projeto Saúde e Qualidade de Vida teve início no ano de 2006 com o objetivo geral de contribuir para a redução da incidência de infecção pelo HIV/AIDS/DST e gravidez não planejada na adolescência.

As ações do Projeto são organizadas a partir de oficinas de sexualidade com adolescentes e jovens, grupos de discussão, visitas técnicas a outras entidades sociais, eventos, cursos para facilitadores, campanhas educativas, reuniões, palestras para pais, professores e educadores, constituindo assim uma rede solidária de atendimento nesta área.

Estas ações trazem em sua concepção a compreensão de que a fase da adolescência é marcada por muitos anseios de ordem relacional familiar, comportamental, afetiva e de muitas dúvidas que a escola e ou a família não conseguem responder. Portanto, faz-se necessário a implementação de ações que trabalhem com esta triangulação para ampliar as discussões e orientação com os jovens.

Para qualificar estas discussões, utiliza-se metodologia participativa com dinâmicas de grupo, depoimentos, dramatizações e simulações, pesquisas, material áudio visual com apresentação e discussão de filmes alusivos a esta temática, bem como, álbuns seriados sobre gravidez, anticoncepção, DST/AIDS e outros materiais lúdicos.

Na proposta, além das oficinas, trabalha-se a formação de jovens multiplicadores, que são aqueles participantes que se destacam, apresentando facilidade e perfil para compartilhar o aprendizado a outros jovens e comunidade.

Para facilitar a incorporação das orientações, discutir dúvidas, partilhar conhecimentos e complementar as oficinas realizadas semanalmente, foi pensado o plantão de dúvidas para o atendimento individual daqueles jovens que sentissem esta necessidade.

As ações propostas no projeto têm como base a especificidade da juventude no campo da saúde entendendo que esta não se dá somente por força da biologia e da psicologia, mas está ligada também a inserção destes jovens no mundo social. Esta compreensão vai determinar a adoção de práticas específicas para esta faixa em conformidade a missão institucional e com a filosofia adotada no viés da participação da inclusão e da emancipação do indivíduo. Para atingir este propósito o Projeto adota como proposta pedagógica a Educação Interdimensional, em consonância com o Projeto Político Pedagógico da instituição, e com a crença de promover uma educação transformadora para a vida.

Partindo desta premissa, o trabalho realizado neste projeto é voltado ao estímulo do protagonismo juvenil com atividades de incentivo à criatividade, percepção do corpo, uso de habilidades, fortalecimento dos aspectos cognitivos e a manutenção e recuperação da autoestima.

### **Instrumentos**

A) Pré-teste e Pós-teste, constituídos por um mesmo questionário com 21 questões, sendo 03 abertas e as demais fechadas, que abordavam a idade da primeira relação sexual, tipos de relacionamento (o namoro, o ficar), presença de diálogo com pais sobre sexualidade, conhecimento de métodos contraceptivos e de doenças sexualmente transmissíveis, entre outras perguntas.

Na identificação não era solicitado nome, com o propósito de manter a privacidade dos participantes. Os dados demográficos incluídos foram idade, sexo, estado civil, bairro de residência e escolaridade.

#### **B) Oficinas de Sexualidade**

Os encontros, denominados oficinas, ocorrem semanalmente, com uma hora de duração cada, onde os principais temas que permeiam a sexualidade são divididos em módulos para serem trabalhados durante todo o semestre. O Módulo I debate conceitos de Saúde e Sexualidade perpassando a discussão social e a questão de gênero.

O Módulo II, Meu Corpo Minha Casa, trabalha a puberdade, adolescência, mudanças corporais, higiene íntima e incentiva uma reflexão sobre a valorização do corpo.

No Módulo III, da Prevenção, são discutidos os métodos contraceptivos, prevenção das DST/HIV/AIDS, gravidez não planejada na adolescência, aborto e suas conseqüências. No módulo IV, Relações Amorosas, os jovens são convidados a refletir sobre as questões do namoro,

o ficar, a primeira vez, a homossexualidade e a violência. O último, Módulo V, chamado de Projeto de Vida; tem por objetivo sensibilizar e mobilizar os jovens a perceberem e projetarem as mudanças e responsabilidades que terão pela frente, o que desejam para si, suas expectativas, fazendo um planejamento para alcançar seus objetivos.

Estas oficinas necessariamente vão se desenhando a partir do tema base, complementados por demandas trazidas no dia a dia pelos jovens, estabelecendo uma relação sequencial entre uma e outra.

### **Procedimentos**

Os questionários foram entregues individualmente em salas de aula, sob orientação de um dos pesquisadores. Foi explicitado o objetivo do preenchimento do instrumento. Todos os itens foram lidos em voz alta para minimizar o efeito da escolarização.

Os jovens participaram durante o semestre das oficinas do Projeto Saúde e Qualidade de Vida dentro do programa de atividades que buscam a qualificação profissional, como os cursos de hotelaria, gastronomia, serviços de restaurante, rotinas de escritório, webdesign, entre outros projetos e oficinas na mesma instituição.

No último dia das oficinas de sexualidade, os participantes responderam novamente ao questionário (pós-teste).

Os dados colhidos foram organizados em planilhas e as respostas dos participantes que, no primeiro momento tinham 20 ou mais anos de idade foram excluídas da análise, assim como as respostas dos participantes com 21 anos ou mais no segundo momento.

### **Análise Estatística**

Para análise dos dados, foram utilizados: a) Teste de Igualdade de duas Proporções; b) Mann-Whitney; e c) Intervalo de Confiança para a Média. O Teste de Igualdade de duas Proporções é um teste não paramétrico que compara se a proporção de respostas de duas determinadas variáveis e/ou seus níveis é estatisticamente significante. O Teste de Mann-Whitney é um teste não paramétrico (utilizado em baixas amostragens). Esse teste é usado quando temos amostras independentes e queremos comparar sempre duas a duas as variáveis. O intervalo de confiança para a Média é uma técnica utilizada quando queremos ver o quanto a média pode variar numa determinada probabilidade de confiança.

## Resultados

Em relação ao Pré-Teste: todos os participantes do projeto responderam ao pré-teste, entretanto, só 234 pré-testes foram analisados (menores de 20 anos); destes, 139 (59,4%) correspondiam ao sexo feminino e 95 (40,6%), ao sexo masculino. Neste grupo, somente 1 (0,4%) indivíduo afirmou ser casado; os demais solteiros (98,3%), sendo que desses, 66 (28,2%) informaram que estavam namorando e 164 jovens (70,1%) disseram que não tinham nenhum tipo de compromisso.

Dos jovens que responderam ao pré-teste, 124 (53,0%) disseram que não sentiam dificuldades para falar sobre sexo e sexualidade, 53 (22,6%) disseram que sentiam e 57 (24,4%) afirmaram terem dificuldade às vezes. No item sobre se o jovem tinha diálogo aberto com os pais sobre o tema sexualidade, 116 (49,6%) responderam que não tinham e 81 (34,6%) disseram que possuíam diálogo aberto. Em relação ao conhecimento sobre o próprio corpo, incluindo os órgãos sexuais, 109 (46,6%) responderam que possuíam conhecimentos a respeito do tema. Quanto a questão se já haviam contraído alguma DST, 4 (1,7%) responderam que sim, 24 (10,3%) disseram que não sabiam e 206 (88,0%) responderam que não.

Em relação ao conhecimento sobre todas as formas de prevenção, 64 (27,4%) responderam que não conheciam, 71 (30,3%) responderam que sim e 93 (39,7%) não sabiam todas.

Quanto a fidelidade em um relacionamento amoroso, 218 (93,2%) responderam que valorizam, 12 (5,1%) valorizam às vezes, dependendo da situação e 3 (1,3%) não dão valor. Em relação ao uso do preservativo, dos entrevistados que já tiveram relação sexual, 85 (36,3%) afirmaram usar, 15 (6,4%) usam às vezes e 15 (6,4%) não têm o costume.

Em relação ao pós-teste: O pós-teste foi aplicado após seis meses de participação dos jovens nas oficinas. Foram analisados 201 questionários, pois alguns jovens já haviam sido encaminhados para estágios ou empregos. Deste total, 116 (57,7%) foram respondidos pelo sexo feminino e 85 (42,3%) pelo sexo masculino. Na pergunta sobre estado civil, 200 responderam que estavam solteiros. No pós-teste, 94 (46,8%) afirmaram não ter diálogo aberto com os pais sobre o assunto, enquanto 60 (29,9%) responderam que tinham e 47 (34,6%) disseram que conversavam às vezes. Em relação ao conhecimento sobre o próprio corpo, 186 (92,5%)

responderam que sabiam. Quando perguntados se já haviam contraído alguma DST, 5 (2,5%) responderam que sim, 5 (2,5%) disseram que não sabiam e 191 (95,0%) responderam que não.

Na questão do conhecimento sobre todas as formas de prevenção, 19 (9,5%) responderam que não conheciam, 147 (73,1%) responderam que sim e 34 (16,9%) afirmaram que não sabiam todas. Sobre a dificuldade de falar sobre sexo e sexualidade, 140 (69,7%) responderam que não sentiam, 31 (15,4%) disseram que sim e 29 (14,4%) afirmaram terem dificuldade às vezes.

Quanto a fidelidade no relacionamento amoroso, 189 (94,0%) responderam que valorizam, 2 (1,0%) valorizam as vezes e 3 (1,3%) não dão valor. Em relação ao uso do preservativo, 76 (37,8%) afirmaram usar, 17 (8,5%) usam às vezes e 9 (4,5%) não têm o costume.

Conhecimento pré e pós teste: Questionados sobre o conhecimento em relação aos métodos contraceptivos existentes, 207 (88,5%) no pré-teste citaram pelo menos um método. No pós-teste, 199 (99,0%) informaram que conhecem pelo menos uma das formas de se protegerem da gravidez indesejada. Dentre todos os métodos, a camisinha masculina foi a mais citada (Tabela 1), sendo que os métodos considerados definitivos, como a laqueadura e a vasectomia, apareceram entre os menos conhecidos. Houve um aumento na freqüência de citação pelos participantes no pós-teste.

Tabela 1: Métodos contraceptivos citados pelos jovens, antes e depois da participação nas oficinas sobre sexualidade. São Paulo, Brasil, 2011.

Métodos Contraceptivos	Pré-Teste		Pós-Teste		p-valor
	n	%	n	%	
Camisinha Masculina	189	80,8%	196	97,5%	<0,001
Camisinha Feminina	32	13,7%	108	53,7%	<0,001
Pílula Anticoncepcional	152	65,0%	160	79,6%	<0,001
Anticoncepcional Injetável	38	16,2%	70	34,8%	<0,001
DIU	56	23,9%	144	71,6%	<0,001
Contraceptivo de emergência	51	21,8%	85	42,3%	<0,001
Diafragma	7	3,0%	127	63,2%	<0,001
Vasectomia	5	2,1%	17	8,5%	0,003
Laqueadura	3	1,3%	14	7,0%	0,002

Seguindo na análise sobre o conhecimento dos jovens nos temas que permeiam a sexualidade, foi perguntado quais as doenças sexualmente transmissíveis que conheciam. A AIDS/HIV aparece como a mais citada, seguida da gonorréia e para 1,5% dos jovens pesquisados o câncer apareceu como doença sexualmente transmissível (Tabela 2). Houve um aumento na frequência das citações no pós-teste.

Tabela 2: Doenças Sexualmente Transmissíveis citadas pelos jovens, antes e depois da participação nas oficinas sobre sexualidade. São Paulo, Brasil, 2011.

Doenças Sexualmente Transmissíveis	Pré-Teste		Pós-Teste		p-valor
	n	%	n	%	
AIDS	158	67,5%	163	81,1%	0,001
HIV	74	31,6%	95	47,3%	<0,001
HPV	15	6,4%	30	14,9%	0,004
Sífilis	52	22,2%	113	56,2%	<0,001
Gonorréia	71	30,3%	138	68,7%	<0,001
Cancro	5	2,1%	9	4,5%	0,168
Candidiase	4	1,7%	19	9,5%	<0,001
Chato	2	0,9%	8	4,0%	0,030
Herpes	22	9,4%	75	37,3%	<0,001
Hepatite	8	3,4%	29	14,4%	<0,001
Câncer	3	1,3%	3	1,5%	0,851

Quando questionados sobre a importância da orientação sexual nas escolas, 232 (99,1%) no pré-teste e 196 (97,5%) no pós-teste concordaram que deveria existir.

Em relação à primeira relação sexual, 116 (50%) dos adolescentes responderam que já tinham vida sexual ativa antes do início das oficinas. A idade média da sexarca foi 14,76 anos (mediana: 15 anos). Três informaram terem filhos. Após a participação nas oficinas, 102 (50,7%) informaram terem vida sexual ativa. A idade média da sexarca foi de 14,80 anos. Somente dois informaram ter filhos, provavelmente um dos jovens que tinha filhos no início da pesquisa estava ausente na aplicação do pós-teste.

Tabela 3: Comparação entre a idade da primeira relação sexual, antes e depois das oficinas sobre sexualidade. São Paulo, Brasil, 2011.

	Idade da Primeira Relação Sexual	
	Pré-teste	Pós-teste
Média	14,76	14,80
Mediana	15,0	15,0
Desvio Padrão	1,43	1,56
N	109	101
p-valor	0,700	

Tabela 3.1: Comparação por sexo e idade da primeira relação sexual, antes e depois das oficinas sobre sexualidade.

Idade da Primeira Relação Sexual	Pré		Pós	
	Fem	Masc	Fem	Masc
Média	15,0	14,3	15,2	14,2
Mediana	15,0	15,0	15,0	14,0
Desvio Padrão	1,5	1,3	1,4	1,5
Q1	14,0	14,0	14,0	13,5
Q3	16,0	15,0	16,0	15,0
p-valor	0,030		0,003	

## Discussão

Não podemos considerar todos os adolescentes iguais. Neste estudo, observou-se que metade da amostra já possuía vida sexual ativa, enquanto a outra metade não. Um programa como este que está sendo analisado no presente estudo, precisa ter ciência dessa diferença que existe entre os jovens, e permitir que haja espaço e acolhimento para qualquer adolescente. Consideramos que a informação sobre o tema da sexualidade deve ser fornecida a todos, de preferência antes do início da vida sexual, para que o conhecimento sirva de prevenção tanto a DSTs e AIDS ou gravidez indesejada, quanto à promoção de qualidade de vida.

Cabe ressaltar que, ao se analisar os dados do pré e pós- teste, não houve aumento significativo de relacionamento sexual (Tabela 3), o que nos faz concluir que o conhecimento a respeito do assunto não conduz o adolescente à prática. Este é um dos medos manifestados por pais ou instituições que trabalham com jovens, os quais optam pelo silêncio no lugar da informação. A informação pode propiciar mudança de comportamento no sentido da prevenção

de DSTs, AIDS e gravidez indesejada, mas não deve agir nos valores familiares (salvo se estes não são valores que contribuem para uma vida saudável).

O desenho de um programa que trata de temas tão controversos para a sociedade deve levar em conta que cada indivíduo traz crenças e valores que lhes foram transmitidos pela família, por exemplo. Este estudo aponta que alguns valores, como a fidelidade, não foram modificados, pois não houve diferença significativa no pré e pós- teste: a maioria dos adolescentes valoriza a fidelidade no relacionamento amoroso.

Parece que o conhecimento a respeito do assunto permitiu que os jovens tivessem mais coragem de conversar sobre o tema com seus pais, inferindo que os participantes das oficinas podem servir como multiplicadores, não só para outros jovens, mas dentro da família, com seus irmãos ou mesmo pais.

Alguns estudos como, por exemplo, o de Borges & Schor (2002), apontam que, na maioria das vezes, a iniciação sexual dos jovens do sexo masculino ocorre mais precocemente que a de jovens do sexo feminino. Em 1996, a mediana da idade da primeira relação sexual foi de 19,5 anos para as mulheres brasileiras, e 16,7 anos para os homens. Em 1998, a mesma pesquisa apontou que 46,7% dos adolescentes do sexo masculino já haviam iniciado sua vida sexual antes dos 14 anos de idade, comparados com a proporção de 32,3% do sexo feminino. Esses dados afirmam que a idade da sexarca para as meninas é significativamente mais alta que para os meninos.

Neste estudo, devemos tomar cuidado em não afirmar que a idade média da primeira relação sexual foi aos 15 anos, mas sim que a idade média, para os adolescentes que possuem vida sexual ativa, foi aos 15 anos, pois, é importante ressaltar que metade da amostra não havia tido sua primeira relação sexual. A cultura pode estar influenciando neste marco, pressionando os meninos a iniciarem mais cedo que as meninas ao mesmo tempo em que pressiona as meninas para postergarem a primeira relação sexual.

Teixera, Knauth, Fachel & Leal (2006) afirmam que a iniciação sexual mais tardia exerce forte influencia na determinação do uso do preservativo. Quanto mais novo for o adolescente, menor é a probabilidade de utilizarem algum método contraceptivo e de proteção contra DST e AIDS. E quando o utilizam, há maior chance de o fazerem incorretamente.

Este estudo mostrou que, após a frequência às oficinas, o conhecimento a respeito de DSTs/AIDS e sobre os métodos contraceptivos aumentou significativamente (tabelas 2 e 3),



demonstrando a importância de projetos e campanhas que promovam o diálogo e a educação sobre prevenção no desenvolvimento dos adolescentes.

É importante ressaltar que, durante o projeto, não foi relatado nenhum caso de gravidez ou DSTs e AIDS. Embora não haja resultados de follow up, espera-se que os participantes possam ter uma vida sexual que lhes permita ingressar no mundo do trabalho e não que suas conseqüências sejam um empecilho para o seu desenvolvimento.

### **Conclusão**

Os resultados do pós-teste permitem concluir que os adolescentes apresentaram mais conhecimento a respeito de métodos contraceptivos, DSTs e AIDS e que passaram a ter mais coragem de conversar a respeito do assunto com adultos.

É importante ressaltar que após as oficinas, aqueles com vida sexual ativa manifestaram um maior uso de métodos contraceptivos e que não houve uma mudança significativa em relação aos valores pessoais caracterizados no pré-teste.

Os dados encontrados reforçam a importância da discussão e do trabalho voltado à sexualidade, no sentido de acrescentar informações e orientações adequadas aos jovens que estão iniciando precocemente a vida sexual.

### **Referências**

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. **Juventude e Sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

ARAÚJO, R. S. C. A. Estudo da Infecção Genital por *Chlamydia trachomatis* em adolescentes e jovens do sexo feminino no distrito sanitário leste do município de Goiânia: Prevalência e fatores de risco. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, vol 24, nº 7, p. 492. Rio de Janeiro, Aug 2002.

BERFOLI, L. M.; ALKMIN, E. L. C.; BARBIERI, M.; GUAZZELLI, C. A. F.; ARAÚJO, F. F. Prevenção da reincidência de gravidez em adolescentes: efeitos de um Programa de Planejamento Familiar. **Acta Paulista de Enfermagem**, vol.19, n.2, p. 196-201. São Paulo Apr./June 2006.

BORGES, A. L. V. ; SCHOR, N. Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo, Brasil, 2002. **Caderno de Saúde Pública**, vol. 21, nº 2, p. 499-507. Rio de Janeiro, Março/Abril de 2005.

BRANDÃO, E. R. ; HEILBORN, M. L. Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, RJ. **Cadernos de Saúde Pública**, vol. 22, nº 7, p. 1421-1430. Rio de Janeiro, julho de 2006.

FRANCO, L. S., RAMOS, F. A. G., RIBEIRO, R. C., PACHECO, M. J. T., SILVA, L. C., & FARIAS, F. J. S. **Motivações determinantes da busca ao planejamento familiar**. I Congresso Brasileiro de Extensão universitária. João Pessoa. (2002). Disponível em: [http://www.prac.ufpb.br/anais/Icbeu\\_anais/anais/saude/planejamento.pdf](http://www.prac.ufpb.br/anais/Icbeu_anais/anais/saude/planejamento.pdf) Acesso em: 21 de junho de 2011.

FIORAVANTE, F. C. R.. **Estudo da prevalência e dos fatores de risco associados à infecção por Chlamydia trachomatis em conscritos do Exército no Município de Goiânia, Goiás**. Universidade Federal de Goiás, Dissertação de Mestrado, 2003. Disponível em: <http://www.iptsp.ufg.br/posstrictosensu/uploads/files/flaviafioravante-2003.pdf> . Acesso em: 04 de julho de 2011.

MIRANDA, A. E. B. **Padrão de comportamento e prevalência da infecção pela Chlamydia trachomatis em adolescente do sexo feminino residentes na região de Maruípe em Vitória, ES**. Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, Tese de Doutorado, 2003. Disponível em: <http://teses.icict.fiocruz.br/pdf/mirandaaebd.pdf> . Acesso em: 04 de julho de 2011.

SCHIAVO, M.R. **Manual Organon de Orientação Sexual**. Rio de Janeiro: Instituto Organon e Universidade Gama Filho, 2002.

TEIXEIRA, A.M.F.B., KNAUTH, D. R., FACHEL, J.M.G. ; LEAL, A.F. Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas dos jovens de tres capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual. **Caderno de Saúde Pública**, vol. 22, nº7, p. 1385-1396. Rio de Janeiro, julho de 2006.

VITIELLO, N. Iniciação sexual: uma pesquisa nacional – Resultados Preliminares. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, vol 8, nº 2, (1997). Disponível em: [http://www.adolec.br/bvs/adolec/P/pdf/volumes/volume8\\_2.pdf](http://www.adolec.br/bvs/adolec/P/pdf/volumes/volume8_2.pdf) . Acesso em: 04 de julho de 2011.

## **ATUALIZAÇÃO CADASTRAL E ANUIDADE**

SBRASH Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana

### **SÓCIOS ANTIGOS**

Todos os socios antigos devem ATUALIZAR OS SEUS DADOS - Entrar no Portal [www.sbrash.org.br](http://www.sbrash.org.br) clicar em “SOCIOS” e depois em “ATUALIZE SUA SITUAÇÃO” preencher o formulário e enviar.

### **NOVOS SÓCIOS**

Entrar no Portal [www.sbrash.org.br](http://www.sbrash.org.br) clicar em “FILIE-SE” preencher o formulário e anexar.